AVIDA SOCIAL DO PET

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

DOMINIQUE DOS SANTOS TIAGO

A VIDA SOCIAL DO *PET*: etnografando *subjetividades* através da prática de consumo *para*
animais de companhia em Natal/RN

Natal/RN

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL - PPGAS

DOMINIQUE DOS SANTOS TIAGO

A VIDA SOCIAL DO *PET*: etnografando *subjetividades* através da prática de consumo *para*
animais de companhia em Natal/RN

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Tânia Martins de Freitas.

Natal/RN

2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes - CCHLA

Tiago, Dominique dos Santos.

A vida social do pet: etnografando subjetividades através da prática de consumo para animais de companhia em Natal/RN / Dominique dos Santos Tiago. - 2018.

163f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Natal, RN, 2018.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Eliane Tânia Martins de Freitas.

1. Animais de estimação. 2. Humanos e não humanos. 3. Etnografia. 4. Online/Offline. I. Freitas, Eliane Tania Martins de. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 636.045:39

DOMINIQUE DOS SANTOS TIAGO

A VIDA SOCIAL DO PET: etnografando *subjetividades* através do consumo *para* animais
de companhia em Natal/RN

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Tânia Martins de Freitas.

Os membros da Banca Examinadora consideraram o(a) candidato(a) _____,
em 28 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Eliane Tânia Martins de Freitas
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
(Orientadora)

Prof. Dr. Carlos Guilherme Octaviano do Valle
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
(Examinador Interno)

Prof. Dr. Bernardo Lewgoy
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
(Examinador Externo)

Prof^a. Dr^a. Rita de Cassia Maria Neves
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
(suplente)

AGRADECIMENTOS

Queria manifestar aqui toda a minha gratidão aos envolvidos direta e indiretamente no processo do mestrado. Foi um processo muito intenso e desafiador. Chegar ao fim é um alívio... doloroso.

Aos interlocutores tutores e *pets* agradeço pela colaboração, disposição e energia em que me recebiam e compartilhavam sobre suas vidas conjuntas, sobre seus projetos, sobre suas rotinas, sobre suas experiências. Sinto que aprendi muito mais com vocês do que pude registrar etnograficamente. Muito obrigada!

Aos meus amigos mais próximos pelo apoio e incentivo que me mantiveram firme na tarefa e com quem partilhava as descobertas e os caminhos. Aos que colocaram a mão na massa comigo, me ajudando nas transcrições; aos que me deram apoio emocional e motivacional; aos que cansaram de ler as versões desta pesquisa; aos que revisaram. Sem vocês nada disso teria sido possível!

A minha mãe e família pelo suporte “técnico” no primeiro ano de mestrado. E também por todo o afeto e incentivo e energia. Aos *pets*, parte da minha família, minha inspiração diária, minha empatia. Obrigada!

A orientadora Tania pelos *insights*, provocações, questionamentos, correções duras e ensinamentos que me impulsionaram a entregar o melhor de mim e me ajudaram a conhecer mais sobre o processo da narrativa etnográfica. Mais uma vez, obrigada!

Ao professor Carlos Guilherme, que havia contribuído na ocasião da qualificação, ao professor Bernardo Lewgoy e a professora Rita Neves por terem aceito ao convite para participar da banca de defesa desta pesquisa. Grata!

Aos colegas da turma do mestrado, especialmente àqueles que ficaram em minha vida, compartilhamos as dificuldades da vida acadêmica em uma missão épica. Boa sorte a todos!

Tudo aquilo que foi vivenciado, as sensações, as emoções, as relações, significam para além do ponto final desta pesquisa. Ao fim, mais um recomeço.

RESUMO

A convivência com os animais de companhia em nossas casas, famílias, entre nossos amigos, em lugares públicos, em eventos privados, no mundo *online/offline*, pode estar se moldando e sendo moldada pelas interações e rituais convencionais dos humanos. Além da preocupação com o bem-estar do animal, condenando a “desumanidade” em relação aos maus-tratos, a relação de afeto, de empatia, faz com que o animal como ator possa ser construído e movimentar-se em sociedade, possui agência animal, como sugere Osório (2016). Na medida em que se torna ator social e passa a ter possibilidade de acesso a direitos sociais ou, pelo menos, possibilidade de acesso *online*, produz redes complexas de relacionamentos e estratégias de construção de subjetividades complexas entre humanos e não humanos.

Palavras-chave: animais de companhia, humanos e não humanos, *online/offline*, subjetividades.

ABSTRACT

Living with companion species in our homes, families, among our friends, in public places, in private events, in the online/offline world, may be shaping and being shaped by the conventional interactions and rituals of humans. In addition to concern for animal welfare, condemning "inhumanity" in relation to ill-treatment, a relationship of affection, empathy, makes the animal as an actor intended to be built and move in society, has animal agency, as Osório suggests (2016). Insofar as it becomes a social actor, and it passes the possibility of access to social rights or, at least, possibility of online access, it produces complex networks of relationships and structures of construction of complex subjectivities between humans and nonhumans.

Keywords; companion species, human and non-human, online/offline, subjectivities.

Sumário

INTRODUÇÃO	12
1. DEMANDAS E DILEMAS NA REDE <i>PET</i> EM NATAL/RN.....	26
1.1. SOBRE A PESQUISA	26
1.1.1. Campo digital	29
1.2. ENCÃOTRO	32
1.2.1. Etnografando como voluntária	39
1.3. ESPAÇO <i>PETFRIENDLY</i> E CLUBES PARA <i>PET</i>	49
2. O ABC PARA PETS	56
2.1. COM QUEM DEIXAR O PET?	56
2.2. PET COMPORTADO, HUMANO EDUCADO	59
2.2.1. “Bem-vinda ao meu escritório”	59
2.2.2. “Você vê uma resposta positiva do cão e isso te estimula bastante”	68
2.3. APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RELAÇÃO ENTRE TUTOR E PET	79
3. O PET DE DEVOÇÃO	83
3.1. O PET COMO OBJETO/SUJEITO DE DEVOÇÃO	84
3.1.1. “Consulte seu bolso”	91
3.1.2. Comprando chifres para <i>pets</i>	95
3.1.3. “Protetor atrai animais”	103
3.2. ORÇAMENTO FAMILIAR E CONSUMO CRIATIVO	107
3.2.1. Criação da marca AumigoPet	108
3.2.2. Alimentação Natural do Bob	110
3.2.3. Produções caseiras	114
4. TORNAR-SE <i>PET</i>	120
4.1. DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA A FAMÍLIA, DA FAMÍLIA PARA AS MÍDIAS DIGITAIS	121
4.2. CONSTRUINDO A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA <i>DOGMODEL</i>	130
4.2.1. Chegada/adaptação	133
4.2.2. Comportamento/dilemas/projetos	136
4.3. RITUAL FAMILIAR: AUNIVERSÁRIO DE BLUE E ROMEU	142
4.3.1. “não quero pensar nisso agora”	148
4.4. ANIMAL DE COMPANHIA COMO SUJEITO <i>PET</i> ?	151
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: criaturas boas para conviver com humanos	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	162

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Esquina da praça onde se realiza o Encãotro.....	39
Figura 2: Entrada do Evento.....	39
Figura 3: Faixada do evento.....	40
Figura 4: Grupos de tutores e pets interagindo dentro do espaço delimitado para o evento.....	40
Figura 5: mapa Encãotro.....	41
Figura 6: Pet Nina, frequentadora do Encãotro.....	46
Figura 7: Pet Layla, frequentadora do Encãotro.....	47
Figura 8: Ilustração representando a circulação dos pets em Natal/RN.....	52
Figura 9: Ilustração Petlovers.....	59
Figura 10: Ilustração planta baixa Petlovers.....	62
Figura 11: Ilustração Cãoportado.....	69
Figura 12: Ilustração planta baixa Cãoportado.....	70
Figura 13: Ilustração de demonstração de adestramento, Tathianne e Rubi.....	78
Figura 14: Estrelinhas no focinho de Ayla.....	87
Figura 15: Postagem do adestrador com a caixa de chifres.....	96
Figura 16: Placa de melhor papito do tutor Liebermann.....	102
Figura 17: Bob e a bola em visita à residência dos tutores.....	111
Figura 18: foto tirada na visita feita a casa do tutor Liebermann enquanto me mostrava toda a estrutura que ele mesmo havia montado.....	116
Figura 19: Ilustração da labradora Rubi no target de adestramento em demonstração.....	118
Figura 20: Ayla sentada no colo do adestrador, ilustração de foto postada no Instagram.....	122
Figura 21: Ilustração do primeiro contato com Ayla e sua tutora, Priscila.....	122
Figura 22: Print perfil online de Ayla Marieta.....	123
Figura 23: Ilustração da situação de resgate em que Ayla foi encontrada.....	134
Figura 24: Ilustração produzida na primeira conversa com os tutores de Ayla, que estavam tirando fotos do pet para a marca da tutora.....	138
Figura 25: Tutora e pet posando para foto em desfile no Encãotro, temática páscoa.....	140
Figura 26: Print de uma das postagens do perfil de Ayla no Instagram.....	141
Figura 27: Mesa de bolos dos aniversariantes.....	146

ÍNDICE DE TABELA

Tabela 1: núcleo famiar alfa.	30
Tabela 2: interlocutores da pesquisa.	31
Tabela 3: categorias de fotos Instagram	125
Tabela 4: categorias de legendas Instagram Ayla.	126

INTRODUÇÃO

Ao iniciar este campo de pesquisa, apresentava o consumo como eixo problematizador para a relação animal-humano. As dificuldades e descobertas experienciadas durante o processo da monografia¹, quando estudei sobre o orçamento doméstico e observei que nas famílias a escolha das pessoas para seus *pets* passava por uma *leitura* que elas faziam sobre a *subjetividade* do animal², coisa que era levada em conta na hora de consumir produtos, bens e serviços para eles, abriu caminho para questionar a construção do *pet* em seu valor social: como a *subjetividade* do animal de companhia³ é construída em famílias multiespécies⁴?

A pesquisa antropológica está experienciando, num movimento que se configura atual, uma renovação no que diz respeito “à emergência de novas perspectivas acerca das articulações entre natureza e cultura”, o que conduziu “à consideração dos animais como participantes ativos de uma multiplicidade de relações sociais envolvendo seres humanos e não-humanos⁵” (VELDEN e BEVILAQUA, 2016, p. 11). Diferente da presença do animal, até então, nas etnografias, devido a sua importância material e simbólica, como o gado entre os Nuer no Sudão, e os galos em Bali⁶.

Não só novas perspectivas estão sendo exploradas na disciplina, bem como um gênero de escrita e modo de pesquisar como a *multispecies ethnography*⁷ surge como uma tendência que busca ampliar o registro de investigação, enquanto que o *animal studies* foca na relação mais diretas entre pessoas e animais, o que também se apresenta como uma tendência nesta pesquisa. Na medida em que estudiosos da *multispecies ethnography* se preocupam em questionar como modos de vida, a própria vida humana e as responsabilidades se constituem em entrelaçamentos. Isso porque entende-se o mundo

¹ Monografia defendida em 2015.

² Quando digo animal, faço referência aos cães de companhia, interlocutores principais da pesquisa.

³ A escolha do termo “animal de companhia” faz referência ao fenômeno do animal não humano como companheiro do humano, partilhando e participando das redes de relações em comum.

⁴ Escolhi o termo “família multiespécie” por acreditar que em muitos núcleos composto de tutor e *pet*, o animal é construído não somente como animal de companhia, de estimação, mas também como parente. Esta relação de parentalidade entre humanos e não humanos me interessa inicialmente por entender que faz parte do processo de atribuição de *subjetividade* ao *pet*.

⁵ Grafia com hífen como escolha dos autores.

⁶ Evans-Pritchard (2005 [1940]), Geertz (2013 [1973]).

⁷ KIRKSEY, Eben. HELMREICH, Stefan. THE EMERGENCE OF MULTISPECIES ETHNOGRAPHY. *CULTURAL ANTHROPOLOGY*, Vol. 25, Issue 4, pp. 545–576. ISSN 0886-7356, online ISSN 1548-1360. C _ 2010 by the American Anthropological Association. All rights reserved. DOI: 10.1111/j.1548-1360.2010.01069.x

como animado onde os seres tornam-se, e mais que isso, tornam-se em um “tornar-se-com”. O que também inspirou esta narrativa etnográfica.

O campo vivenciado no *pet shop* para a monografia - *pet shop* este que havia encontrado através de uma busca *online* - me levou até o perfil da loja em uma rede social. Lá, por diversas vezes a proprietária, em conversas comigo e com os funcionários, fazia menção às encomendas dos clientes que haviam solicitado produtos via aplicativo de mensagem instantânea e/ou no perfil na rede social, bem como comentava sobre os compartilhamentos que eram postados na página digital, já indicando que a interação entre clientes e prestadores de serviços não se resumia ao hábito de comparecer à loja física. Dentre outros motivos, isto justificou a falta de sucesso em contatar os poucos clientes que ainda visitavam o *pet shop* a fim de conhecer e adquirir produtos e/ou serviços. Naquele momento, mesmo interessada naquela interação, não havia fôlego para adentrar na discussão do *online/offline*.

Ao produzir o projeto para o mestrado, inquieta com as possibilidades de se problematizar a construção de *subjetividades* para o animal de companhia, o que, provisoriamente, implicava em problematizar a possível agência do animal em sociedade, resolvi observar o que se estava produzindo localmente sobre os *pets*: quais *pet shops* estavam em evidência, quais os novos serviços e produtos, quais eventos estavam sendo realizados.

O caminho traçado para atingir os objetivos da pesquisa iniciou com o seguinte questionamento: onde estarão os humanos dispostos a conversar sobre suas escolhas de produtos e serviços para seus animais de companhia? Essa questão mobilizou a busca por ambientes em que as pessoas estivessem em condição de escolher o que consumir para seus animais.

Após participar de um evento *pet*⁸ e ao conhecer novas iniciativas *pets*, fui convidada a *seguir* um dos serviços que havia me chamado atenção, o *PetLovers*⁹. A quantidade de serviços e a possibilidade de encontrar naquele ambiente uma interação constante entre humanos e não humanos despertou de imediato o interesse em conhecer

⁸ ExpoPet, realizada em junho de 2016. Naquela ocasião, exposições, palestras e stands apresentavam diversas iniciativas *pets* de segmentos variados: de crematório a alimentação vegana, passando por animais a venda, programa de televisão local sobre *pets*, exposição de fotos, *pet shops*, farmácia de manipulação veterinária, entre outros.

⁹ Serviço pago que disponibiliza para seus clientes não humanos um centro de estética, um consultório, uma loja, um espaço de relacionamento, uma “escolinha” e assim por diante.

e observar a dinâmica social estabelecida naquele “clubinho”. Porém, ainda não tinha sido inaugurado o espaço físico, portanto passei a acompanhar o centro de cuidados caninos através das redes sociais, especialmente o Instagram, o que possibilitou o contato com outras redes *pets* da cidade, entre adestradores, canis, *pet shops*, lojas *online* de produtos *pets* e perfis de animais de companhia.

Através do ambiente digital, ampliaram-se as possibilidades de se questionar quais tipos de *subjetividades* estão sendo construídas na relação entre humanos e não humanos em suas práticas de consumo localmente. O perfil do *pet*, que será analisado no último capítulo, cliente do centro de cuidados canino *PetLovers*, atualizado diariamente, trouxe outras questões à tona, que entrelaçava *subjetividade* e consumo ao questionar sobre como o *pet* estava atuando em redes de relações, tanto *online* quanto *offline*; identificando, dessa forma, a tendência, naquele contexto, em atribuir uma espécie de *identidade* ao animal. Dei os primeiros passos no campo *online*, sem que houvesse ainda pretensões metodológicas, interessada em acompanhar as iniciativas *pets* na cidade de Natal/RN.

Na medida em que as fotos e legendas expressavam o que o animal gosta ou não de comer, vestir, por onde passeia, como se exercita, sobre o que faz em seu lazer, sobre sua rotina, suas redes de relações, etc., observava que, além de se estar construindo a imagem de um animal de companhia em um ambiente *online*, aquilo poderia refletir o que se entendia como a *personalidade* do animal na relação *offline*.

Voltando para a monografia, outra tendência, e que se repete mais uma vez aqui, é a antropomorfização do animal de companhia. Assim como foi constatado naquela ocasião, o animal era infantilizado – como *bebê* – de modo a permanecer nesse papel durante toda a sua vida social. Aqui, a antropomorfização, além de moldar o animal como um ser infantilizado, o insere nas trilhas da vida social, o faz movimentar-se entre redes, constrói os contornos de sua biografia.

É importante lembrar que o animal de companhia, ou *pet*, como eventualmente irei me referir a ele na narrativa etnográfica, é uma categoria que não pode ser tratada enquanto propriedade intrínseca. Trata-se de uma propriedade valorativa, ou seja, do valor agregado a ele, a partir de uma relação afetiva e/ou utilitária estabelecida com os humanos. Uma vez que pretendesse analisar a categoria enquanto valor atribuído ao animal pelos humanos, sabe-se, segundo dados do IBGE¹⁰, que o número de cães no

¹⁰ Dados coletados em 2013.

Brasil, de 52,2 milhões, já supera a população de crianças com até 14 anos de idade, de 44,4 milhões. Ainda segundo a pesquisa, em 44,3% dos domicílios brasileiros há pelo menos um cão.

Dessa forma, o foco da pesquisa é a relação e as práticas de consumo de camadas médias com seus animais de companhia. Quando me refiro ao animal de companhia como *pet* tomo emprestado esse termo do mercado *pet* para marcar esse movimento que cresce em relação ao estilo de vida de animais de companhia na vida urbana.

Alguns termos aqui utilizados são categorias êmicas e outras éticas. São êmica quando me refiro aos termos que me foram apresentados através dos sujeitos da pesquisa, como *aumigos*, *cãolaborador*, *naumorados mamis*, *papis*, *vovis*, dentre outros; e ética a partir da minha própria interpretação, quando digo “tutores” e “*pets*”.

Natal é a capital do Rio Grande do Norte, foi fundada em 1599 às margens do rio Potengi. Sua população é superior a 800.000 habitantes (dados do IBGE, 2012). Após 1922, com o aparecimento das primeiras atividades urbanas e, principalmente, durante sua participação na II Guerra Mundial, a partir da década de 1940, quando base militar para os norte-americanos, dada a sua posição geográfica como ponto das Américas mais próximo da Europa e da África, o que era antes um povoado virou ponto de passagem para várias pessoas do mundo, se desenvolvendo como metrópole. A “cidade do Sol” como também é chamada, é conhecida também pelo turismo nas praias, dunas, lagoas e suas belezas naturais.

Além do caráter turístico e sua urbanidade, outras questões como a preocupação sobre os maus-tratos aos animais usados na tração em Natal/RN, evidencia um quadro desfavorável ao tradicional exercício dos carroceiros na cidade, segundo destaca Carvalho (2016) em sua pesquisa para dissertação¹¹.

¹¹ Interessada em pensar as práticas e os dilemas que são vivenciados pelos carroceiros na cidade de Natal, o trato com os animais se mostrou especial. Pois, embora a pesquisadora identificasse a relação de trabalho que abarcava carroceiros e animais, cavalos, burros e jumentos, o que não exclui outras formas de pensar essa relação, por inúmeras vezes a pesquisadora afirma ter ouvido frequentemente dos carroceiros sobre “a necessidade de cuidar do animal”. Nesse caso, a justificativa do animal como instrumento de trabalho, como meio de sustentar a família, embasava o zelo que os humanos tinham em relação aos animais. Outra questão interessante é a relação de trocas e aquisição de animais que gera uma rede de relações baseadas, também, na confiança entre trocador e carroceiro.

Segundo esta pesquisa, na tentativa de embasar uma política pública, tal política atua de forma totalizante, proibindo o uso de veículos de tração animal e outras formas de trânsito de animais em Natal/RN.

Diversos agentes estão envolvidos nesta interação, da prefeitura municipal a seus órgãos administrativos; o Governo Federal do estado do RN e seu aparato policial, empenhados na fiscalização; e entre ativistas dos direitos animais relacionadas ou não às ONGs. O que acaba por evidenciar uma assimetria entre os carroceiros, animais, agentes e instituições¹².

E, na medida em que pode vir a pautar demais relações entre humanos e não humanos – que não apenas animais de companhia, mas também animais de trabalho, proteção, ou seja, com outras funções que compartilham com o humano, não somente o mesmo ambiente, mas se relacionam entre si em dimensões afetivas, de cuidado, de reciprocidade, e em colaboração – se faz importante a produção de dados sobre tais relacionamentos, que indicarão tendências de comportamento e consumo, por exemplo.

Quando se trata da perspectiva do mercado, é importante destacar que o hábito de levar animais de estimação a consultas periódicas no veterinário e ao *pet shop* para banho e tosa, assim como alimentá-los com ração, é relativamente recente (PESSANHA e PORTILHO, 2008). E com o mercado *pet* alcançando cifras cada vez maiores, novos serviços, novos produtos e novas profissões especializadas no cuidado com o *pet* vão surgindo e se ramificando, indicando uma relação cada vez mais estreita entre humanos e animais.

Na sociedade contemporânea, caracterizada também por um movimento urbano mais intenso, de casas verticais e famílias menores, bem como aversão aos maus tratos e ao sofrimento desnecessário dos animais, implica uma responsabilidade moral que justifica, dentre outras coisas, o espaço que o animal de companhia ocupa enquanto *companheiro* dos humanos. A partir dessa perspectiva, a ideia do animal, aparentemente, toma forma e é valorizado.

¹² Em outros trechos, Carvalho (2016) aponta indícios de relação emocional/afetiva entre humanos e seus animais, como no caso de João, um de seus interlocutores, ao contar que um de seus cavalos dava-lhe a pata quando pedia, “à semelhança de um cachorro”, completa a pesquisadora (2016, p. 117). Ainda em suas palavras, “além do investimento econômico com os bichos e com os equipamentos da carroça, o cuidado com os animais era bem evidente, pois se construía através da alimentação e da preocupação com a saúde dos animais” (2016, p. 120). E, para além, a preocupação com a higiene do animal, ao dar até dois banhos diários.

Quando pensei o projeto de pesquisa ainda não estava familiarizada com estudos nacionais que aproximassem o animal das pesquisas sociais, na medida em que estes estão tão próximos na vida social entre humanos. O que não quer dizer que pesquisas não estavam sendo produzidas no Brasil. Foi possível mapear, ao longo do processo para a dissertação na pós-graduação, estudos que tendem a discutir esta relação de proximidade¹³.

Quando se trata dos estudos recentes que investigam a relação de proximidade entre pessoas e animais domésticos, o *vocabulário do parentesco tem sido frequentemente acionado*¹⁴, expressando formas de convivência e vínculos entre humanos e animais. No entanto, esta tendência ganha contornos diferentes de acordo com cada contexto etnográfico.

Andrea Osório (2016) discute o estabelecimento de relações de parentesco com animais a partir de uma pesquisa em uma comunidade *online* voltada para o resgate e adoção de gatos no Rio de Janeiro. Ao questionar as condições e os limites dessa parentalidade, a autora sugere que se trata de uma atribuição metafórica e dependerá das condições contextuais em que se estão entrelaçados pessoas e animais, apontando que a atribuição de infantilização do *pet* contribui em dois sentidos: de um lado, a atribuição de afeto como central na relação com o animal de companhia, e, por outro lado, a equivalência entre afeto e parentesco imbricado na relação de amor familiar como uma obrigação moral e social.

O *pet*¹⁵ é um dos sujeitos principais desta pesquisa, é sobre ele que recai o interesse argumentativo: sobre sua vida social, os dilemas que o envolve, as trajetórias construídas, suas *necessidades*, suas preferências, a construção de *subjetividades*, e as relações em que estão enredados, literalmente, em suas redes de contato *online/offline*.

A etnografia como recurso analítico e prático requer certa sensibilidade e relativização de valores. Para tal empreendimento, Geertz (1973) e sua descrição densa oferecem recursos analíticos e metodológicos que engatam um ponto de partida nessa empreitada. Geertz se preocupa, primordialmente, com a compreensão. Ao admitir uma

¹³ ASSIS, GOUVEIA, CARVALHO, 2015; SEGATA, 2011, 2013. SÁ, 2011; OSÓRIO, 2016; dentre outros.

¹⁴ VELDEN e BEVILAQUA, 2016, p. 13.

¹⁵ O cão como animal de companhia apareceu como sujeito da pesquisa na medida em que sua presença era constante e seu fenômeno, ou seja, sua existência social, implicava em configurações mais elaboradas sobre família e práticas sociais.

noção de cultura semiótica, está em busca do significado, ou melhor, da interpretação. Interpretação esta que seria de segunda ou terceira mão, cabendo ao nativo a interpretação em primeira mão de suas práticas, de sua cultura.

Ao sugerir a etnografia como uma descrição densa, o autor coloca em pauta o detalhamento de determinado acontecimento, de modo a ter acesso ao discurso do outro em um esforço de apreender as representações e o significado que delas emerge.

Geertz defende um conceito de cultura como sendo um *sistema entrelaçado de signos interpretáveis*, onde os homens estão amarrados a teias de significado das quais ele mesmo teceu, sendo estas teias o conteúdo da cultura e sua análise. De acordo com essa perspectiva, uma partícula de comportamento já seria suficiente para se confrontar com um sinal de cultura. Segundo Geertz,

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1973, p. 7).

O que se deve questionar, continua o autor, a respeito daquilo que se observa – uma prática, um gesto – é a sua importância. O que está sendo transmitido devido a sua ocorrência e através de sua agência. A cultura como algo que pode ser atribuído aos acontecimentos sociais, por exemplo, pode ser entendida no sentido de contexto, e sua densidade pode ser descrita de forma inteligível.

A etnografia, dessa forma, se configura como sendo uma experiência pessoal. É apenas parcialmente que somos capazes de nos situar. O que o etnógrafo inscreve se transforma em um relato, uma espécie de dado que poderá ser consultado novamente.

Os dois procedimentos utilizados, para além do diário de campo e do desenho, foram a observação participante e a entrevista. Por um lado, a observação participante, em seu sentido mais tradicional, buscar apreender a vivência das pessoas em seu cotidiano. A entrevista, por outro lado, se apresenta como um recurso para envolver-se com o universo daqueles que estão sendo observados. Nesse sentido, Kaufmann (2013) destaca uma relação dialógica com o entrevistado. A entrevista compreensiva que este autor propõe tem como base, na prática, uma postura artesanal. Trata-se de uma ferramenta que precisa de pouco recurso e é de fácil acesso. Contudo, a arte da entrevista vai muito além de postar um gravador diante de alguém e questioná-lo sobre seu mundo; conduzir uma entrevista também significa navegar entre conversas aleatórias em busca

de ganchos que levem a outras questões, bem como estar disposto a atar os fios soltos que surgirão no decorrer da conversa e ultrapassar “pontos de saturação” (DEBERT, 1988), quando as respostas se tornam repetitivas. Em uma entrevista compreensiva, o pesquisador está envolvido nas questões na medida em que provoca o envolvimento do entrevistado.

Kaufmann, assim como Geertz, leva em consideração uma noção de cultura onde os significados são partilhados socialmente. Situar-me na dimensão simbólica e moral compartilhada por humanos e não humanos em seus dilemas diários requer um olhar atento ao discurso e à prática, por isso acredito na importância de unir esses métodos tão tradicionais da etnografia: a observação participante e a entrevista. Estes dois métodos permitirão, a priori, a construção de dados intercambiáveis e comparáveis com o intuito de produzir uma análise mais detalhada do universo social que o animal de companhia, o não humano, vivencia na vida urbana local. Em uma espécie de interseção entre a conduta e a tradução do comportamento.

Outra tendência metodológica fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa foi a utilização de fotos e desenhos produzidos a partir da vivência e dos depoimentos sobre o mundo que contempla tutores e *pets*.

A primeira vez em que li o ensaio gráfico *Weathering: A graphic essay* (2016), colaboração entre as antropólogas Aina Azevedo e Sara Asu Schroer, confesso não ter lido as primeiras linhas, ansiosa pelos desenhos. Antes disso, porém no mesmo ano, havia participado de uma oficina ministrada pela própria Aina Azevedo sobre desenho, em evento anual do departamento de Antropologia¹⁶. Até então, nunca havia me deparado com a possibilidade de pensar, bem como utilizar, o desenho como ferramenta etnográfica. A partir daí, passei a buscar por referências, algumas anotadas na própria oficina, outras através da busca *online*.

O desenho sempre havia sido muito presente em toda a minha vida e somá-lo à etnografia fazia todo sentido, mesmo que ainda de modo experimental. O momento era propício, pensei. Ao final da oficina, a professora Aina pediu para que desenhássemos algo, apontou para vários papéis em branco que estavam dispostos na mesa, disse-nos que podíamos pegar quanto quiséssemos e “dar uma volta”, ou qualquer outro termo

¹⁶ Semana de Antropologia, PPGAS/UFRN, 2016.

aproximado que usou, por um determinado tempo, em qualquer lugar que quiséssemos e voltássemos, se quiséssemos também, para compartilhar os desenhos.

Em seguida, na medida em que o desenho passa a fazer parte da proposta desta pesquisa, quando recém iniciada: como fazer?

Ao ler o ensaio gráfico publicado no Dossiê Animais na Antropologia, pela revista *Vibrant*, em 2016, através dos desenhos identifica-se o movimento do invisível: o vento. Bem como a relação entre humano e não humano, ao se narrar o momento em que Falcão dispara em uma corrente circular de ar do braço do indivíduo com quem compartilha o ambiente, aprendem e ensinam, reciprocamente. Resultado da tese da antropóloga Sara Schroer, a nuance daquela relação com o ambiente, com outros atores, humanos e não humanos, com quem compartilham aquela experiência, tornava-se vivos, em movimento, interessados na presença um do outro, e era possível acompanhar visivelmente e sensivelmente este processo através dos traços da antropóloga, resultado dos rabiscos originais que foram feitos durante a leitura desta parte da tese. Nas diferentes direções que tomavam as correntes de ar, rabiscos de semicírculos deslizavam na matéria, grandes e pequeninos, traçavam o momento que não está acessível a olho nu, a não ser pelo nosso sentido e pelo efeito que o vento causa.

O desenho não se apresenta como acessório, faz parte do texto que as autoras precisaram descobrir como incorporá-lo, e que narram na parte escrita que antecede as ilustrações, que também contém textos. Esses textos descrevem o processo sem indicar a ilustração como exemplo, como nos livros escolares. No caso do ensaio gráfico, a impressão era a de que a leitura acontecia a partir de duas texturas diferentes, o traço e as letras. De maneira que eles se relacionavam sem que houvesse, para isso, uma interdependência entre eles. Tantos os desenhos como o texto, por si só, são capazes de comunicar aquilo que se pretende dizer. O desenho, naquele contexto, é uma indicação de sua presença como um recurso etnográfico, também um método de entender *sensivelmente* o outro. Além de oferecer informações a mais sobre o que se está descrevendo, ou melhor, se desenvolvendo, ao captar o momento da experiência do outro, o desenho é parte da narrativa, representa cada parte do todo, mas também representa por si só.

Em outro artigo, “Diário de campo e diário gráfico”, Azevedo (2016) afirma que “a partir do desenho, passamos a refletir sobre a observação e o lugar em que esta observação

será descrita”, e continua: “o objetivo dessas reflexões é restaurar o desenho como uma prática de observação e registro na antropologia” (2016, p.105). Ou seja, o desenho pode ser incorporado ao trabalho etnográfico como método e “estilo”.

Outras leituras (KUSCHNIR, 2012) apontaram diversas possibilidades para o uso do desenho como recurso etnográfico. Em uma retomada sobre a presença do desenho na antropologia¹⁷, Azevedo (2016) propõe pensar o registro gráfico, e não somente escrito, no diário de campo como “forma de descrição e observação permanente” (2016;104). A proposta havia, me parecia, sido lançada.

Ao trazer recursos gráficos para a etnografia, o objetivo foi o de ilustrar o percurso tomado na pesquisa, aquilo que foi vivenciado e compartilhado entre os sujeitos da pesquisa e aquele que pesquisa. As fotografias buscam ilustrar os contornos reais de sujeitos e de lugares envolvidos na pesquisa, possibilitando que o leitor adentre no universo investigado. Os desenhos, por outro lado, são resultados de situações e imagens compartilhadas *online/offline* e de momentos vivenciados em campo. Em sua maioria, as ilustrações destacam o sujeito *pet* em primeiro plano, outros sujeitos foram descaracterizados de suas formas com o intuito de destacar o movimento em que o *pet* está se relacionado aos outros sujeitos. E, dessa forma, conseguir enxergar sua atuação com maior nitidez. As ilustrações são de simples composição, pois foram feitas no decorrer do campo e não buscam detalhar fielmente, mas sim transmitir sensações e experiências.

Somado a isto, a inspiração para pensar a trajetória social do animal, em sua *vida* social, como sugere o título, vem de Arjun Appadurai¹⁸, importante antropólogo indiano, investigador dos estudos sobre a globalização, estudos culturais pós-coloniais; também trata de questões como diásporas e identidade. O autor sugere que ao concentrar-se nas coisas trocadas seria possível discutir que o que cria o vínculo entre a troca e o valor é a política, em seu sentido mais amplo, a vida social. E, dessa forma, a mercadoria, bem como as pessoas, possuiriam uma vida social. Partindo do pressuposto de que as coisas

¹⁷ Desenho e Antropologia : recuperação histórica e momento atual. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 5, n° 2/2016, pag. 15-32.

¹⁸ O livro, A vida Social das Coisas, foi originalmente publicado em língua inglesa em 1986, e traduzido para o português em 2008. Trata-se de uma coletânea editada por Appadurai, contendo textos que se referem à temática da mercantilização, da cultura material e da antropologia econômica – coisas, agências e identidades

possuem uma trajetória social, no movimento pendular de tonar-se ou não mercadoria, sua abordagem é relacional e dinâmica.

Aqui cabe ressaltar que o animal de companhia não entrará em estado de mercadoria. As considerações feitas por Appadurai são importantes no sentido em que para o autor são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e histórico. Na medida em que objetos econômicos circulam em diferentes *regimes de valor* no tempo e no espaço, “seguir as coisas em si mesmas”, afirma Appadurai, e através da “análise dessas trajetórias” proporcionaria a interpretação das transações e dos cálculos humanos que dão vida às coisas (2008;17).

A partir do encontro com o *pet* e seus tutores, passei a observar a dinâmica entre eles. Marcávamos, de acordo com a disponibilidade dos tutores, encontros em locais de lazer para a família. A partir do registro dos dados no diário, da observação do perfil *online* e da convivência com os interlocutores, construía ilustrações que acompanhavam a trajetória do campo, de momentos que considerava importantes para a pesquisa, como o primeiro encontro com o *pet* e seus tutores. Também foram feitas entrevistas semiabertas, tanto no ambiente *online* quanto *offline*, dos encontros em locais onde os *pets* interagem, que levaram aos contatos com a rede dos tutores do *pet* em evidência e na minha participação como voluntária em evento *pet*. Conheci, assim, outras iniciativas *pets* na cidade, outros interlocutores, observando a dinâmica do evento, que contemplava o animal como parte do universo simbólico das práticas de consumo¹⁹ e da experiência social com os humanos, o que também possibilitou a reflexão sobre como os dilemas sociais²⁰ são negociados.

Em seu sentido mais amplo, a construção do animal de companhia como ator social perpassa por variantes e negociações que podem também culminar na construção ou manutenção de *subjetividades*: no âmbito público, como no caso dos direitos animais²¹;

¹⁹ CAMPBELL (2001), DOUGLAS (2006)

²⁰ Permanência do animal em espaços públicos, relações de gênero, de direitos, de higiene, de estética e daí por diante.

²¹ De acordo com artigo 82 do Código Civil brasileiro de 2002, os animais são considerados objetos móveis. E nesse sentido, o ordenamento jurídico é contraditório, já que no artigo 225, § 1º, VII da CF/88 proíbe-se a crueldade contra seres sencientes. No entanto, uma vez titulares de relação jurídica, já que não se pressupõe uma relação jurídica entre pessoa e objeto, e reconhecidos socialmente com direitos morais, os animais não humanos podem ser considerados sujeito de direitos, muito em função das leis que os protegem. E, dessa forma, mesmo existindo uma relação de propriedade, ainda assim os humanos não podem machucar os não

no contexto de consumo, no que diz respeito às escolhas dos tutores e do mercado *pet*²²; e na esfera privada, na família, por exemplo. Contudo, para este movimento existir, ou seja, a trajetória social do *pet* – o que oferece conteúdo social ao animal de companhia em forma de vida social –, rituais, símbolos, redes, conhecimentos e outras identidades precisarão ser construídas e/ou reforçadas durante o processo.

Os animais não humanos envolvidos neste estudo são, em sua maioria, cães como animais de companhia e/ou *pets* situados em famílias de camadas médias. O que não excluiu toda uma gama de outras espécies de animais que compartilham a vida com humanos, como gatos, roedores, répteis, pássaros, peixes, jabutis, e tantos outros. Durante a experiência etnográfica outras categorias de animais surgem, como os animais indesejados (animais abandonados ou doados, carrapatos, pulgas, bactérias, fungos etc); animais domésticos (*pets*, animal de companhia, animal prestador de serviço, animal adestrado etc); e, animais de rua (adotados, abandonados ou comunitários). O animal pode deslizar entre estas categorias, estando em movimento e podendo vir a atuar nas estâncias sociais através da mediação dos tutores.

Adentrar nas dimensões simbólicas da ação social, ao analisar o discurso e as práticas dos humanos em relação aos não humanos, e ser capaz de mapear as redes às quais o animal se entrelaça à vida social, se configura como esforços metodológicos da pesquisa e, mais ainda, como um desafio.

É na relação com o outro diferente que as noções de *filho(a)*, *pai*, *mãe*, animal tomam novo rumo e constroem identidades, tanto para os humanos quanto para os não humanos. Aqui, daremos ênfase ao animal não humano em contexto de consumo, bem como em seu movimento entre redes que acontecem *online/offline*, eventualmente contornando os dilemas que surgem e dão o tom à relação entre humanos e não humanos na contemporaneidade, a partir da análise de redes de contatos que se desenrolam na cidade de Natal/RN.

humanos. Em suma, ao serem considerados como sujeitos de direito, tendo sua dignidade à vida assegurada, implica aos animais não humanos condições morais e responsabilidade moral dos humanos para com eles.

²² A população *pet* do Brasil é a segunda maior do mundo (cães, 52.2 milhões, gatos, 22.1 milhões, e aves, 37.9 milhões). O país é o terceiro maior consumidor de produtos, bens e serviços para animais de companhia do mundo, atrás apenas dos EUA e Reino Unido, e quarto maior do mundo em população total de animais de estimação, com faturamento de 19,2 bilhões em 2017. Dados da Abinpet (Associação Brasileira da Indústria de Produtos para Animais de Estimação), disponível em <http://abinpet.org.br/site/mercado/>.

No primeiro capítulo, apresento os lugares em que as pessoas e os animais de companhia frequentam. Inicialmente no ambiente *online*²³, de onde observava as iniciativas *pets* da cidade e a interação dos não humanos através da mediação dos humanos na plataforma do Instagram. Faço ainda, nesse primeiro capítulo, uma descrição etnográfica da experiência como voluntária no evento Encãotro o que, ao propiciar mais contatos e interações, também colaborou para a produção do mapa do evento e outro mapa de circulação *pet* na cidade de Natal/RN.

No segundo capítulo, questões e dilemas sobre os cuidados referentes ao animal serão abordados. Através do registro etnográfico de dois estabelecimentos, no que se refere a estadia de *pets* nos serviços de hospedagens, *daycare* e adestramento, oferecidos na cidade, discutir-se-á a relação de aprendizado e criação de subjetividades na relação de mediação entre adestradores, tutores e *pets*.

No terceiro capítulo, tanto a tendência a atribuir parentesco metafórico²⁴ como outra tendência evidenciada por Osório (2016) em sua pesquisa, quando de suas reflexões sobre serem refratados no animal questões de gênero²⁵, aparecerão e serão discutidas de acordo com o contexto em que foram geradas. Bem como a representação do *pet* que se realiza na família (MILLER, 2002) será colocada em cheque. A possibilidade de produzir ou reforçar a imagem do *pet* através do consumo de produtos, bens, serviços e rituais, não como um dado natural, mas como uma elaboração simbólica, leva à reflexão sobre modalidades de construção de *subjetividades* em contexto de consumo, na relação entre humanos e não humanos.

No último capítulo, mostramos como a experiência *online/offline* com o *pet* Ayla e seus tutores foi crucial para a produção da biografia social de um animal de companhia, um dos sujeitos desta pesquisa, que nos leva às questões sobre a noção de sujeito, pessoa, coisa, objeto e animal²⁶.

Este trabalho é produto de relações, pessoas, animais, eventos, redes, empatia, falta de empatia, conflitos, universo *online/offline*, afetos, dificuldades, conhecimento e criatividade. Este trabalho também é resultado da imersão, daquele que pesquisa, em outros mundos, de outros distintos, não somente humanos; é sobre estranhar e se

²³ MILLER, 2004.

²⁴ *Mamis e papis* dos *pets*, como veremos durante a etnografia.

²⁵ Consumo de bens e produtos que *traduzem* o gênero, a feminilidade ou masculinidade, do animal.

²⁶ LATOUR (1994, 2005) e INGOLD (1994, 2001, 2012).

reconhecer, e se afastar, e se aproximar. É, como um todo, uma tentativa etnográfica de descrever a relação entre humanos e não humanos na contemporaneidade, em meio urbano, utilizando a ferramenta gráfica, fotografias e desenhos como parte do processo de observação e interpretação dos dados. É sobre esse processo que possibilita a *vida social* do animal de companhia, como são geradas e gerenciadas estratégias sociais para a manutenção do *pet*, na construção de *subjetividades* através das práticas de consumo das camadas médias que darei o passo seguinte.

1. DEMANDAS E DILEMAS NA REDE *PET* EM NATAL/RN

Com base na etnografia realizada entre algumas famílias multiespécies²⁷ em Natal e proximidades, contatos feitos através de profissionais da área, do aplicativo digital de compartilhamento de fotos – o Instagram –, em eventos, palestras e através de convites, foi possível traçar o caminho para esta pesquisa que, primordialmente, questiona a construção de subjetividades na relação entre tutores e *pets* em Natal.

Primeiro, por ter percebido, ainda na monografia, que as pessoas atribuem ao animal de companhia uma leitura sobre seus comportamentos, preferências, gostos, necessidades, tomando o animal em uma espécie de entidade previsível, capaz de ser atribuído uma infinidade de serviços, produtos, profissões e discursos que tende ou não a impingir no animal a qualidade antropomorfizada de ator social. E que, através do viés da pesquisa, foi contemplado, em sua universalidade, a tendência em tornar o animal ator social em relações de consumo para *pets* entre as famílias observadas e em outras situações cotidianas, pois o potencial social que o faz movimentar-se entre redes de relações humanas e não humanas, *online* e *offline*, tecidas por seus tutores humanos, posicionavam o animal como sujeito de consumo.

1.1. SOBRE A PESQUISA

O Mapa Euromonitor²⁸ encomendado pelo Washington Post para uma matéria sobre a preferência entre cães e gatos nos EUA e em todo o mundo, em 2014, produziu uma pesquisa que revelou algumas indicações sobre o Brasil. País em que, na pesquisa, a preferência tendeu em relação aos cães, se configurando como vice-líder na proporção de cães de pequeno porte per capita na América Latina, se referindo a animais de até 9 quilos, afirma que há 105 animais para cada 1000 habitante no país. O México lidera o ranking com 137 cães por 1000 habitantes²⁹.

Em outra pesquisa feita no ano anterior no Brasil, pelo IBGE, indicou que em 44,3% dos lares brasileiros há cães. A populações de cães como animais de companhia, de 52,2 milhões,

²⁷ No caso, referindo-me a agrupamentos familiares que consideram outras espécies, que não somente humanos, como membros familiares.

²⁸ Pesquisa sobre produtos *pets* no Brasil feita pelo mesmo site, Euromonitor, está disponível *online* apenas para compra.

²⁹ <http://veja.abril.com.br/ciencia/mapa-mostra-quais-paises-gostam-mais-de-caes-ou-gatos/>

já superou a quantidade de crianças de até 14 anos de idade, com 44,4 milhões, revelou a pesquisa.

Outra pesquisa inédita realizada pelo IBOPE inteligência³⁰ abordou de perto a relação entre brasileiros e *pets*, em parceria com o Instituto WALTHAM, autoridade científica em nutrição e bem-estar para *pets*, e um professor de veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo. A pesquisa incluiu duas cidades do Nordeste. Na primeira fase, feita com treze grupos de discussão em 3 cidades – São Paulo, Porto Alegre –, sendo a primeira representante Recife; e, na segunda etapa, com outras 6 cidades – São Paulo, Ribeirão Preto, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Distrito Federal –, Salvador como segundo representante. O objetivo foi construir o perfil para os tutores e não tutores, ou de quem deseja ter animais.

O resultado da pesquisa mostrou que a maioria dos brasileiros tutores de cães é homem, casado (51%), mora com mais de uma pessoa (93%), de classes AB (82%, sendo 24% classe A), moram em casas (59%), adotaram seus cães (24%), sendo a maioria SRD, sem raça definida (59%) (2017; 15).

A pesquisa ainda traça o perfil do tutor brasileiro em três tipos: pragmáticos (aqueles que possuem uma relação racional com seus *pets*), envolvidos (os cães podem frequentar apenas áreas sociais da casa), e apaixonados (possuem alto nível de envolvimento, apego e dedicação aos seus *pets*). Predomina no Brasil os envolvidos e apaixonados, bem como em minha pesquisa foi possível identificar alto nível de envolvimento, apego e dedicação aos *pets*, o que apoia, em certa medida, os resultados sobre o perfil dos tutores no país.

Sobre Natal/RN ainda não há dados consistentes. Ao procurar por notícias em jornais locais que fizessem referência aos animais de companhia e/ou aos tutores, encontrei notícias variadas, desde projeto de Terapia Assistida por Animais em hospitais da cidade³¹, sobre o sedentarismo e o índice de obesidade que pode estar aumentando entre cães e gatos³², sobre o primeiro crematório para animais do Rio Grande do Norte³³, sobre a temática *pet* apresentada em um programa de televisão de alcance nacional³⁴, sobre o projeto que proíbe a circulação de

³⁰ PERFIL DOS TUTORES DE PETS E SUA PERCEPÇÃO SOBRE O MÉDICO VETERINÁRIO. PADOVANI, Carolina. Boletim Ampavet, volume 8, 2017.

³¹ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/animais-domesticos-acao-e-terapia/66128>

³² <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/obesidade-animal/166788>

³³ <https://www.grupovila.com.br/primeiro-crematorio-para-animais-do-rio-grande-do-norte-entra-em-funcionamento/>

³⁴ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/animais-de-estima-a-o-no-brasil-a-tema-do-globo-repa-rter/374489>

carroças³⁵ na cidade³⁶, sobre a aprovação da lei complementar municipal 149/2015 que permite a entrada de animais de estimação em ônibus na cidade³⁷, a reivindicação dos tutores locais em relação a falta de espaços públicos para passear com seus animais³⁸.

Este último conta com o depoimento de uma das interlocutoras desta pesquisa, afirmando que para quem tem cães é “muito difícil conviver com a falta de espaços”. A notícia foi publicada no começo de 2017, quando a pesquisa ainda estava em seus primeiros passos no campo, e ainda não conhecia a interlocutora e seu *pet*, muito menos a falta de espaço público havia sido apresentada como um dilema primordial para os tutores de animais de companhia em Natal.

A pesquisa realizada em campo aconteceu entre abril, maio, junho, setembro e outubro de 2017. A maioria dos animais aqui citados são SRD, moram em apartamentos, em sua maioria, e em casas, foram adotados por famílias de classe B, tendo acesso a serviços e produtos diferenciados, mas não necessariamente por ter condições financeiras elevadas. “As pessoas são criativas em tempo de crise”, afirmou um dos interlocutores, e podem vir a produzir ou reciclar os próprios itens que consome para seus animais; os *pets* participam de eventos, projetos, são mascotes, cãolaboradores³⁹, dentre outras coisas. Seus tutores são envolvidos em projetos que ultrapassam a relação familiar entre tutor e *pet*. Os humanos em Natal/RN estão se organizando em uma espécie de rede *pet*, que engloba grupos *online*, eventos *offline* em ambientes onde interagem entre si, produzem conteúdo em jornais⁴⁰ e televisão⁴¹ local.

Dentro desse grande grupo, no qual os tutores locais se incluem no que designam comunidade *pet*, há a União Pet, grupo *online* que reúne os representantes de mais de 19 clubes de raças, sem raça e de outros animais da cidade. É através da articulação *online/offline* entre os humanos nesses grupos que as redes *pets* são divulgadas, movimentando demandas e eventos, que acontecem frequentemente na cidade.

³⁵ Tema abordado na introdução.

³⁶ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/projeto-que-proa-be-a-circulaa-a-o-de-carroa-as-em-natal-a-aprovado-na-cmn/379111>

³⁷ <http://www.brechando.com/2017/03/animais-podem-entrar-em-onibus-em-natal/>

³⁸ <https://www.novonoticias.com/cotidiano/tutores-reivindicam-espacos-publicos-para-passear-com-animais-de-estimacao-em-natal>

³⁹ Termos como cãolaborador, Encãotro, gaulera, aumigo, aueu, cãoportado, naumorado, dentre outros, fazem parte do vocabulário utilizado pelos tutores tanto online quanto offline.

⁴⁰ Novo Jornal

⁴¹ PetZoo

Foi a partir do contato com os tutores e a participação nos eventos que os dilemas locais⁴² se fizeram evidentes, fazendo com que a rede *pet* de Natal se unisse de tal forma, se reconhecesse assim, e se movimentasse entre *online/offline*.

1.1.1. Campo digital

Após participar de um evento *pet*⁴³ e ao conhecer novas iniciativas locais voltadas à temática, fui convidada a *seguir* um dos serviços que havia me chamado atenção, o PetLovers⁴⁴. A quantidade de serviços e a possibilidade de encontrar naquele ambiente uma interação constante entre humanos e não humanos despertou de imediato o interesse em conhecer e observar a dinâmica social estabelecida naquele “clubinho”. Porém, ainda não tinha sido inaugurado o espaço físico, dessa forma passei a acompanhar o centro de cuidados caninos através das redes sociais, especialmente o Instagram, o que possibilitou o contato com outras redes *pets* da cidade, entre adestradores, canis, *pet shops*, lojas *online* de produtos *pets* e perfis de animais de companhia.

Tratava-se de mais uma foto compartilhada no Instagram, onde o *pet* estava no colo do adestrador e a marcação de outro usuário, que naquele momento não sabia com exatidão se era ou não o nome do animal, me levou até o perfil do *pet* e lá, entre suas postagens, descobri um evento que ocorre mensalmente e contaria com sua presença, confirmada nas postagens.

No evento *offline*, organizado por tutoras de animais de companhia da cidade, conheci o *pet* e seus tutores que se interessaram em compartilhar comigo suas experiências sobre a relação com o animal de companhia. Através do ambiente digital, ampliaram-se as possibilidades de se questionar quais tipos de *subjetividades* estão sendo construídas na relação entre humanos e não humanos localmente.

O foco da pesquisa é a relação humano-animal na *sociedade de consumo*. Contudo, é sobre o animal de companhia que recai meu interesse argumentativo. Não só sobre ele, mas sua vida social, os dilemas, sua trajetória, suas relações de consumo, suas necessidades, suas

⁴² Lei municipal que proíbe cães nas praias e em outros espaços públicos (LEI PROMULGADA 00159/99) e código municipal de bem-estar animal (diário oficial, 2004).

⁴³ ExpoPet, realizada em junho de 2016. Naquela ocasião, exposições, palestras e stands apresentavam diversas iniciativas *pets* de segmentos variados: de crematório a alimentação vegana, passando por animais a venda, programa de televisão local sobre *pets*, exposição de fotos, *pet shops*, farmácia de manipulação veterinária, entre outros.

⁴⁴ Serviço pago que disponibiliza para seus clientes não humanos um centro de estética, um consultório, uma loja, um espaço de relacionamento, uma “escolinha” e assim por diante.

preferências e daí por diante. O que envolve outros atores, humanos e não humanos. No entanto, o animal de companhia é mais um ponto no fluxo que movimenta a rede da qual faz parte. Por isso, o tomarei como ponto Alfa, quando preciso, tendo em mente que o movimento de outros atores em sua rede também o movimenta. É preciso, portanto, estar atento aos fluxos, ou seja, atento à(s) rede(s) do qual ele faz parte.

Minha escolha metodológica de observação perpassa pelo trajeto já pontual na monografia: a busca por ambientes e iniciativas onde a interação social entre animais de companhia e pessoas são contemplados, no contexto da cidade de Natal/RN⁴⁵, que me possibilitariam o acesso às redes de interação que engajam humanos e não humanos.

Esta pesquisa é resultado da análise dos dados de entrevistas gravadas, idas a eventos e acompanhamento da vida de um *pet* através do seu perfil em uma rede social – Instagram⁴⁶ –, que será abordado no capítulo 4.

A etnografia se baseou em interlocuções com os tutores que estavam, primeiramente, conectados ao núcleo familiar Alfa – por ter sido o primeiro contato feito em campo. A seguir, apresento o núcleo familiar em evidência em rede e outras interlocuções⁴⁷, para, enfim, adentrarmos no relato etnográfico.

Nome	Idade	Ocupação
Priscila	26 anos	Empresária
Bruno	25 anos	Empresário
Ayla	1 ano	<i>Dogmodel</i>

Tabela 1: núcleo familiar alfa.

⁴⁵ Adestradores, feiras de adoção, grupos de adoção, hospedagens, *PetLovers* – centro de cuidados caninos –, *pet shops*, espaços destinados exclusivamente aos *pets* e seus humanos, veterinários, eventos, clubes de animais, e por aí vai.

⁴⁶ Por mais que a plataforma do Instagram não tenha sido alvo da pesquisa desde o início, se mostrou como um meio eficaz de acompanhar algumas iniciativas *pet* na cidade de Natal, principalmente aquelas das quais estava interessada em pesquisar. Por exemplo, o Centro de Cuidados Caninos *PetLovers* – o qual oferece serviços e produtos variados, desde coleiras, ração e acessórios à adestramento, acompanhamento veterinário e hospedagem –, que, na medida em que acompanhava suas postagens, me levou ao adestrador canino - passei a segui-lo -, e como possibilidade de contato com os possíveis interlocutores desta mesma pesquisa, proporcionando o encontro com Ayla.

⁴⁷ Toda vez que iniciava uma entrevista, ao traçar o perfil do interlocutor, perguntava se nossa conversa poderia ser gravada e se eles preferiam que usassem ou não o nome verdadeiro. Todos, sem exceção, concordaram em serem gravados e terem seus nomes usados em minha pesquisa.

Tutor	Idade	Ocupação	Pet	Raça	Origem do pet
Lurdes	52	Professora organizadora Encãotro	Bob Brown	SRD	Adoção
Liebermann	19	Estudante protetor animais.	Jack, A Jane ⁴⁸	Pitbull, H Simebiano SRD.	Presente do adoção e adoção.
Renato	36	Enfermeiro adestrador de	Pipa, Tó Lí e Bia.	Labrador, jiboí, piranha Vermelha.	Adotado, adoção e comprado.
Tathianne e Ênio	25 e 31	Contadora adestradora cães, Geólogo adestrador de	Belina, I Rubi, Jean	Shnauzer labradores	Adoção, compra e adoção.

Tabela 2: interlocutores da pesquisa.

⁴⁸ Como protetor, o tutor também é responsável por jabutis, peixes, sagui, pombo, roedores e pássaros. Escolhi não acrescentar todos na tabela por uma questão de espaço e também pelo fato de focar nos pets que mais circulam entre eventos e clubes, que são os cães.

⁴⁹ E mais dois pássaros.

1.2. ENCÃOTRO

Já acompanhava o perfil de um animal de companhia pelo aplicativo do Instagram e havia encontrado pela primeira vez o *pet* e seus tutores que se tornaram o núcleo alfa da pesquisa, por assim dizer, na primeira edição do Encãotro em que participei. O evento acontece mensalmente em uma praça na zona sul da cidade de Natal/RN e reúne pessoas e animais de companhia em uma espécie de celebração. Ou, nas palavras de uma das frequentadoras, “é como se fosse um shopping pra cachorro”, por também ser um espaço onde expositores de diversos produtos, bens e serviços da área *pet* da cidade se concentram. A ideia do evento partiu de tutoras que se conheceram via Instagram de seus *pets* e resolveram reunir-se para se conhecerem, o que se configurou como ponta pé inicial para o evento.

Peguei o contato de Lurdes através de Priscila, tutora de Ayla, com quem já estava conversando havia meses. Havia trabalhado como voluntária no Encãotro, já conhecia a Lurdes do evento, mas nunca tinha tido a oportunidade de conversar sobre suas motivações como organizadora do evento. Lurdes me convidou para sua casa, em um condomínio que fica próximo ao local onde é realizado o evento. Pediu para que eu avisasse quando chegasse e a esperasse na portaria para que seu *pet*, o Bob, me cheirasse antes de entrar no apartamento, evitando assim que ele latisse dentro do prédio. Avisei e pressionei o interfone, o porteiro questionou para que apartamento estava indo, falei o número e o nome, ele fez uma ligação, entrei, e o porteiro pediu que eu esperasse na recepção.

Já era noite e havia um trânsito constante de pessoas entrando e saindo do prédio. Após alguns minutos, Lurdes veio ao meu encontro, não havia descido com Bob, justificou que ele latiria demais e perguntou se não podíamos conversar na recepção mesmo. Concordei, *é claro*. Ela escolheu o lugar que preferia e nos sentamos.

Lurdes questionou sobre do que tratava minha pesquisa, expliquei um pouco mais e ela parecia interessar-se. Havia preparado um roteiro de perguntas, como sempre, mas, na medida em que ela começou a falar, lá se foi mais de uma hora de conversa.

A primeira pergunta que lhe fiz, ao ligar o gravador, foi sobre como havia surgido a ideia do evento, o Encãotro. Justificou, “porque existe o mundo *pet online*”. Em seguida, me explicou que foi a partir das interações *offline*, em pet shops, e em lugares que frequentava com seu *pet*, que surgiu as interações *online*, que deram ao evento o seu formato. Ao ter dado início as interações *online*, em seguida, a aproximação dos tutores se deu através de um interesse em

comum – espaço para interagir com os *pets* na cidade –, instaurando esta como uma demanda fundamental para a *rede pet em Natal*, estabeleceu-se uma relação *offline*.

“Aí disso eu fui conhecendo as outras meninas, aí soube que a Lili tinha Instagram, fiz Instagram pro Bob também. A Juli também tinha Instagram, a Malu também, já foi fazendo e assim a gente começou a interagir. Nesse de começar a interagir eu vi que tinha muito cachorro que tinha Instagram e comecei a seguir, seguir, seguir, seguir. E comecei a participar das festas *Online*. Você já ouviu falar? Então, aí o Bob começou a ser conhecido por causa disso. Que eu sou professora a minha vida inteira, de biologia, matemática, física e química. Só que depois eu passei pra área de informática e da área de informática dava aula de... Tudo que era relacionado. De... Eu comecei a trabalhar com Photoshop, com arte digital”

Na medida em que foi se *conectando* com outros perfis, e através de sua habilidade em manipulação digital de imagens, seu *pet* passou a ser reconhecido entre a rede de *pets*, por causa das festas *online*, o que impulsionou ainda mais a tutora a fazer parte desse mundo *online*, ao ponto de sentir a necessidade de anunciar no perfil, o seu local.

“É que na época a gente não colocava a cidade/estado. E aí a partir disso a gente começou a colocar cidade e estado pra poder saber realmente quem estava próximo de você, apesar que não é uma coisa discriminatória. A gente segue todo mundo, só que pra você saber quem tá mais próximo, quem você vai poder interagir com ele, tanto *offline* como *online*. Que foi o que aconteceu conosco.”

Esta estratégia fez com que os tutores locais se reunissem.

“E aí eu conheci uma outra também que a gente acabou fazendo um grupo. E a primeira vez que a gente teve um encontro foi aqui na minha casa, que eu levei eles lá pra quadra e a gente soltou os cachorros tudo feliz. Porque não tinha lugar pra deixar solto. Aí eu fiz isso. Deixei e a gente brincou lá com eles, soltamos... Acho que o primeiro Encontro *assim* que teve foi esse daí. Foi aqui em casa. Aí as meninas vieram, a Lili também veio. Ela já tava começando com essa coisa de cuidar de cachorro na casa dela. Sabe, as pessoas conhecidas iam viajar e deixava na casa dela porque sabia que ela cuidava bem e tal.”

O contato entre as tutoras fortalece a rede do qual fazem parte, por um determinado tempo, e contribui para outras redes de consumo, como a hospedagem da amiga da tutora, que passou a ser conhecida entre outros tutores locais, que passaram a confiar no trabalho ao ser recomendada dentro dessa rede.

Lurdes e Priscila se conheceram através do perfil de seus *pets*, e a partir da relação estabelecida entre elas o evento surge aberto para a audiência de tutores de *pets* da cidade.

“Conheci a Priscila com a Ayla. A Priscila curtia o Bob aí eu comecei a curtir a Priscila. E a gente começou a conversar ‘Aí, a gente podia fazer um encontro... Num sei o que’. Aí eu faço parte do grupo de Capim Macio, Unidos de Capim Macio. E a gente tava revitalizando a praça. Nessa praça, antes disso existia... Sabe aquela invasão das praças que tinha um grupo que ia limpando as praças e faziam um evento? É.. (ecopraça) Aí ela começou a comprar as coisas de fora pra poder fazer um modelo pra fazer. Só que ela ainda não tinha feito nada. Aí eu falei assim ‘Pri faz. Vai dar certo’, aí eu peguei uma roupinha que eu tinha comprado, ela pegou de molde e fez as primeiras roupinhas que foram as de cãolaborador e todo mundo quis, aí foi o ‘boom’.”

E mais do que o evento, esta relação entre tutores também propicia a criação da marca de produtos personalizados da tutora de Ayla. Ainda segundo a tutora Lurdes,

“A Pri começou fazendo e vendendo tudo antes do primeiro Encãotro, que todo mundo... Porque o Bob era o, vamos dizer, modelinho dela. Aí tudo que ela fazia colocava no Bob. Aí todo mundo ‘aí onde comprou?’ aí eu ‘no Aumigo Pet’. Todo mundo já ia lá encomendava. Aí o que aconteceu? Eu levei o RN Pet pro Encãotro e comecei a fazer bottonzinhos. Ela viu que podia fazer bottom junto com a bandana. Aí puf! vendeu pra caramba também.”

Com a ideia do evento já concebida, os contatos do bairro já providenciados, na hora de organizar os expositores, a tutora conta que,

“Na verdade, a gente pegou os que eu já conhecia. Peguei a Dani de comida de pet, a Pri que já era bandana, né? Pet Delicate que já existia, que era minha amiga. Na verdade, foi assim, só quem era do meu ciclo. Eu chamei os que eu conhecia e aí quando a gente fez o Instagram, aí as pessoas vieram.”

A rede construída através da relação estabelecida com os *pets online/offline* foi fundamental para dar início ao evento, a sua permanência e extensão também acontece *online/offline*.

Lurdes também quis saber se eu tinha *animal de estimação*, onde morava, desde quando pesquisava, até conversamos sobre signos em um determinado momento. Seu celular tocou muitas vezes, algumas vezes ela atendia, outras vezes nem percebia de tão empolgada que estava falando sobre os processos do Encãotro, sobre as parcerias e como o evento funcionava e, principalmente, as peripécias do Bob, sobre sua adaptação, sua relação com os outros membros da família, sua rede no Instagram, sobre as vezes que precisou gastar para cuidar de sua saúde porque “tudo que ele via colocava na boca”. Perguntei se ela já havia procurado alguma alternativa para este comportamento do animal, imaginando que ela já houvesse recorrido a algum adestrador. Sua resposta foi a de que já havia procurado, mas o adestrador não melhorou a situação, piorou, na verdade. Não quis mais este tipo de intervenção, mas recentemente estava conversando com Ênio, um dos adestradores do Cãoportado⁵⁰, para que ele fizesse uma visita.

A tutora conheceu os adestradores também através do evento, segundo conta Tathianne, companheira e adestradora junto ao Ênio na empresa deles.

“A gente começou indo muito pro Encãotro, e acabamos fazendo uma parceria com Lourdinha. Na verdade, nossa parceria é assim, tentar ajudar da forma que a gente consegue. Seja tirando foto, levando o equipamento do *agility* e fazendo uma brincadeira com os cachorros. E também com o pessoal da Invasão Pet, que as meninas convidaram a gente, né, pra dar esse curso dos equipamentos de baixo custo, e quando tem Invasão Pet, a gente também ajuda elas, ficamos na área pet, claro que

⁵⁰ Daycare, hospedagem e adestramento que será detalhada no capítulo a seguir.

não é sempre que a gente pode ir, mas a gente gosta muito de participar de qualquer evento que a gente observa que pode beneficiar tanto o cão quanto o tutor. Então a gente apoia qualquer evento que tenha esse objetivo.”

Vemos que, é através do interesse em comum entre os tutores que as redes que pressupõem e/ou dão sustentação ao Encãotro vão se formando e se ampliando. Outro interlocutor, o Liebermann, que conheci na palestra sobre Posse responsável de animais, organizada pela Câmara Municipal, revela, em uma de nossas conversas, o que representa o evento para ele e seus *pets*:

“O propósito que eu achei do Encãotro... Um propósito bacana, de realmente os animais invadirem os cantos, os locais públicos... É muito bacana. Eu achei muito bacana o propósito do Encãotro. Apesar de ser um encontro de cães lá as coisas são mais baratas, lá tem mais sorteios... Então assim... Lá é muito bom, eu gosto muito. Eles fazem sorteios lá que chamam muita atenção. Eu vi um lá que sortearam microchip, sortearam Simparic, sortearam muitas coisas boas.”

Unidos pela demanda comum de ter lugares públicos para interagir com seus *pets*, os frequentadores do evento continuam participando por encontrarem vantagens que vão além da interação entre humanos e não humanos, mas que englobam desejos materializados nos sorteios, na medida em que o próprio tutor sugere que os sorteios são importantes, já que dão acesso a bens e produtos que talvez ele não teria acesso facilmente, como o microchip, que em outra ocasião, quando visitei sua casa, afirmou ser um item que pretende adquirir para seus *pets*, mas que está se programando financeiramente para que isso aconteça.

A importância do evento também surge na fala da tutora Lurdes, ainda na recepção de seu condomínio, ao afirmar que

“Eu digo que existe um mundo *pet* antes do Encãotro e pós Encãotro porque acabava que os *pets* não se... Lógico, sempre teve, né? Uma disputa entre os maiores. Mas houve olhares diferenciados para o público *pet*. Hoje o público *pet* é um público reconhecidamente... Como se diz a palavra...? Interessante para o comércio.”

É esse potencial de consumo, associado a acessibilidade de preços mais em conta, a diversidade dos sorteios, além da possibilidade de interação entre tutores e *pets* de uma forma mais livre, onde os animais podem ficar soltos, que impulsiona os frequentadores a desenvolver estratégias para participar do evento mesmo morando longe, como é o caso do Liebermann, que sempre leva dois *pets*, de porte médio e grande.

“Digamos, por exemplo... Dia sete vai ter o Encãotro que eu disse que vai ser show de bola. Então a gente sempre... Eu soube nas redes sociais, Lourdinha mandou para mim. Então a partir do momento que eu recebo aquilo ali que eu acho bacana, eu vou compartilhar. Então eu compartilho em todos os grupos que eu faço parte para o povo ficar sabendo. E aí tem os amigos em comum que estão nos grupos e que eu chamo no individual também. Tipo aquela doidinha que mora ali (...) E aí que ela... A gente sempre sai juntos, sabe? No sábado então, a gente sai, solta eles na praça. É muito bacana. E aí que eu chamo ela para ir. Ela já foi um bocado de vezes em vários eventos

do Encãotro que eu chamei. (...) "Ei guarde esse dia na sua agenda". Já falei com ela inclusive."

Evidenciando, mais uma vez, que o fator *online/offline* aparece como motor para que o evento alcance o maior número possível de tutores através das redes entre eles. E dessa maneira,

"A gente se programa e vai. Primeiro com carro, né? Tem um carro aqui, mas... Não. Como é em um domingo possa ser que pai esteja em casa e possa ser que ele me leve. Mas se for um sábado, aí é complicado porque ele sai de manhã e só chega de noite. Vai para a casa da minha vó, vai para os amigos dele. Aí fica essa dificuldade. Mas geralmente combino com algum amigo que também vai e tem carro, aí nos programamos e vamos juntos. Isso é bom demais, meu Deus do céu"

O tutor Liebermann chega a afirmar que "É muito bom. E é uma terapia para a gente que gosta de animais", também evidenciando o elemento de qualidade de vida que engloba tanto humanos quanto não humanos em um evento que propicia a interação entre ambos. O tutor prossegue, "Eu chamo o pessoal para ir para um evento, eu digo 'Olhe, eu vou. Mas eu vou quando começa e saio quando termina'. E todo mundo já sabe, eu fico até o final. Se terminar de dez horas da noite eu fico até dez horas da noite".

A tutora Lurdes afirma que "Ah, mas é tão bom, todo mundo tá esperando, né?", ela ainda complementa que "o pessoal tem que se organizar, tem gente que faz, tipo assim... Vem de carona, um pega carona com o outro. Tem gente que guarda dinheiro para usar para o Uber, entendeu?".

Ainda sobre a organização antes do evento, comentando sobre a produção para a comemoração de 1 ano do Encãotro, conta que

"Tenho que ir atrás do som, tenho que ir atrás da SEMURB para eles virem fazer uma gambiarra aqui para a gente porque eu quero que tenha um som legal nesse evento, entendeu? Então é muita coisa. É muito difícil você pegar uma pessoa que entre nessa, tipo não tenha uma remuneração. 'Ah, tá. o que eu estou ganhando com isso?'"

Por mais que haja uma rede de tutores interessados no Encãotro, inclusive entre suas organizadoras, Lurdes é uma das únicas que produz o pré Encãotro, já que os outros colaboram mais no dia do evento, por terem seus trabalhos que lhes tomam todo o tempo durante a semana, como no caso de Priscila, tutora de Ayla. Outros dilemas abarcam a área física da praça para a adequação ao evento, como as lixeiras e sacos para as fezes.

"E isso é uma coisa que eu quero nesse aqui também. As lixeiras nós não vamos precisar mais levar, porque a gente já tem lixeira agora que a... Como é que chama a de lixo? URBANA fez para a gente"

A tutora Lurdes explica sobre suas articulações e parcerias que antecedem o evento.

"Como eu faço parte da... Do Capim Macio (grupo *online*), a gente tá sempre conversando com eles, né? E nessa última reunião estava a SEMURB, a SEMOB, URBANA... E tinha um outro também que a gente conversou, que tem uma árvore caída, que, aliás, eu tenho que ligar também... Então, eu também faço parte do grupo

lá de Capim Macio e no domingo ainda vai ter o dia das crianças, que eu nem estou podendo participar porque eu estou com muita coisa. Eu tenho que procurar parceiros que... No normal, eu tenho que ter um Pet Shop que ele que acaba ajudando na maior parte porque ele que traz os parceiros e ele que dá a maior parte de brindes. E acaba que ajuda também a gente a comprar, que a gente cobra uma taxa dele para, por exemplo, comprar tudo, né? Compra saco de lixo, manda fazer os troféus que a gente faz, manda fazer bottom... Toda essa coisa que você já viu que existe, né? Que a gente acaba inventando no meio do caminho. Depois tem a Feirinha Pet, nessa Feirinha Pet as pessoas também dão seus brindes, né? Mas a gente também faz o crachá para eles, faz aquela plaquinha que a gente coloca em cima... Que é o identificador.”

Na medida em que o evento vai ganhando forças, as demandas de padronização começam a surgir, como revela a tutora, “inclusive a gente vai fazer uma reunião agora para todos terem uma mesinha padrão, todos serem iguais, para eles irem para outros eventos também, não só para o nosso”. E essa padronização pretende ser de alcance maior do que para o evento Encãotro, mas também para incorporar em outros eventos *pets* que estão acontecendo na cidade, na configuração de feira.

No que se refere às demandas do Instagram do evento, Lurdes conta que

“O povo fica louco. ‘Posta foto, posta foto, posta foto’. Eu falo assim, que a melhor parte do Encãotro para o povo é o pós-Encãotro para ver as fotos. Mas foi uma cultura criada por a gente mesmo. Que eu amo foto, amo. Se você for olhar no meu Instagram, o meu próprio, né? Antes de ser Encãotro e antes de ser a figura do Encãotro, era de fotos. Eu amo fotos. De praia, do pôr do sol... Tem muito de pôr do sol daqui da minha casa porque aqui eu vejo nascer o sol...”

Segundo Lurdes, que é quem gerencia a conta no Instagram do Encãotro, a demanda que mais surge da audiência é “de pessoas perguntando coisas, querendo saber sobre eventos, coisas que estão acontecendo no mundo *pet*”. E acaba que é da interação *online* que surge a maioria dos voluntários, “vem muita gente dizendo ‘Ah, eu gostaria de fotografar e tal’. Porque a gente não paga nada dessas coisas. A gente sempre tenta voluntários, nunca pagamos”. E para além das demandas, nas palavras de Lurdes,

“Mesmo porque é uma divulgação, né? A gente faz divulgação de tudo. A gente acaba que é um meio de divulgação para quem vem, né? É uma vitrine mesmo. Acaba que o Encãotro é uma vitrine também. Tanto é que o Novo Jornal quer vínculo com a gente, Pet Zoo...”

As conexões ultrapassam a relação *online* e se estabelecem *offline*, tanto no evento quanto em outras iniciativas, como em jornais e programas de televisão. Lurdes acrescenta que,

“E a gente faz a divulgação... Porque no nosso Instagram, por exemplo, quando eu chamo ‘Vai ter Encãotro’ eu passei agora e todo mundo já tá sabendo. Porque todas as minhas redes estão interligadas, entendeu? Todos do pitbull ficam sabendo, todos do York, todos dos clubes ... Então assim, é muito rápido. Tanto é que quando a menina do Novo Jornal veio ‘Mas você tem que ver que com a gente você vai ter muito mais visibilidade’, eu disse ‘eu não quero visibilidade dessa forma porque eu tenho já. O público que é nosso é através do Instagram e através do Facebook. Minto. Do Instagram e do Whatsapp. Tudo bem que vai ser legal pra gente divulgar pra quem não é do meio’...”

E retornam ao *online* através das divulgações dos expositores, parceiros, colaboradores, etc, o que acaba movimentando a rede *pet* na cidade de Natal. O que oferece mais indícios sobre o quanto o Instagram ou o Whatsapp operam como mediador de várias relações na *rede pet em Natal/RN*. Nas palavras de Lurdes, “50% é Instagram e... É meio que complicado. O Instagram e o Whatsapp é o que movimenta o Encãotro”.

Associada à interação, ao potencial de consumo, à qualidade de vida, às redes entre tutores e *pets*, à acessibilidade de preços, está a criatividade e a empatia. Ainda sobre a organização do evento, Lurdes completa:

“Então, postar, ir atrás disso, ir atrás daquilo, e pensar nas coisas diferentes que tem que ter porque eu faço o evento como uma coisa que eu gostaria de ir, entendeu? Um lugar onde eu gostaria de ir. Eu gostaria de ter surpresas, coisas diferenciadas, não toda vez a mesma coisa. Então eu sempre invento alguma coisa e esse inventar alguma coisa... Demanda tempo e demanda trabalho pra fazer aquilo que eu inventei virar concreto, né?”

A conversa na recepção do condomínio da tutora Lurdes teve fim com um convite para uma próxima visita, dessa vez com a presença do Bob.

A seguir, apresento a experiência como voluntária no evento que me propiciou contatos e interações *online/offline*.

1.2.1. Etnografando como voluntária

Figura 1: Esquina da praça onde se realiza o Encãotro.

Virei a esquina da praça e já pude notar uma aglomeração de pessoas; não ouvi latidos. Fui me aproximando e dando conta do espaço que o evento ocupava naquela praça. Não se tratava de uma praça comum, daquelas que têm bancos, espaço para caminhada, aparelhos de ginástica, ou qualquer outro espaço de interação e lazer. Se tratava de um espaço aberto, cercado por árvores enormes e uma cerca verde delimitava o espaço entre a calçada e a praça.

Na medida em que avançava, antes de adentrar naquele espaço, havia pessoas e animais de companhia, em sua maioria cães de pequeno porte, vestidos, com acessórios, coleiras coloridas, no colo, no chão ou no “carrinho de bebê”, bem como de médio e grande porte.

Figura 2: Entrada do Evento.

Figura 3: Faixada do evento.

A entrada do evento indicava do que se tratava, uma faixa anunciava o Encãotro, enquanto que a outra faixa incentivava os participantes do evento a utilizarem os sacos para coletar as fezes de seus animais de companhia com o intuito de manter a praça limpa e conservada.

Havia muitas pessoas e elas não devem ter notado que eu não estava acompanhada de nenhum animal. Fazia menção com frequência para interagir com alguns animais e as pessoas sorriam; perguntava o nome, às vezes, e iniciávamos conversas curtas sobre o comportamento do animal, se era dócil, agitado, etc.

Naquela primeira ocasião, percebi que os animais de pequeno porte ficavam mais ao centro do espaço do Encãotro, enquanto os animais de grande porte se concentravam mais à margem, distanciados dos estandes.

Figura 4: Grupos de tutores e pets interagindo dentro do espaço delimitado para o evento.

Para que me fosse visível a formação dos grupos, decidi desenvolver, em forma de ilustração, uma espécie de mapa que representasse os lugares que os humanos e não humanos se apropriam no evento. O mapa segue abaixo:

Figura 5: mapa Encãotro.

Em forma de semicírculo, agrupam-se os expositores em uma espécie de contorno à margem do centro, no topo desse contorno está o espaço onde são realizados os sorteios e o desfile. No centro e ao redor as pessoas interagem entre si e com os *pets*. Cães de todos os tamanhos e raças ocupam o espaço arborizado e amplo, em sua maioria os de pequeno porte, concentrados mais ao centro do evento. Animais maiores e/ou antissociais se encontram à margem dos expositores, uns por não liderarem muito bem com outros animais e/ou pessoas, e outros por opção de seus tutores, agrupados, muitas vezes por clubes de raças, preferem deixar seus animais correrem livres ao fundo da praça.

Após encontrar e conversar com os tutores de Ayla no Arena das Dunas⁵¹, havia me voluntariado a ajudar no evento caso fosse preciso. Alguns dias depois fui incluída no grupo de voluntários do evento em um aplicativo de conversa instantânea. Participei por quatro vezes como voluntária, três vezes na praça da zona sul e uma vez no Arena das Dunas, na edição do dia dos pais.

Em todas as circunstâncias, fui designada para ajudar na distribuição de pulseiras, mas antes disso ajudava na ornamentação da praça. Como o evento é temático, para cada edição havia uma decoração diferente. A edição de São João foi a que teve mais adereços. Muitas bandeiras e balões em um grande saco foram-me entregues por uma das organizadoras, que pediu para que nós, eu e a outra voluntária, decorássemos as árvores com as bandeiras e balões. Pedimos ajuda para outro voluntário, que também faz parte da organização, e enquanto nos ajudava a amarrar as bandeiras nas árvores, comentou que parte dos adereços foi da festa temática que o *clube dos pug*, do qual faz parte, havia doado ao Encãotro.

Após ajudar na ornamentação, distribuíamos lixeiras e garrafas recicladas com sacos para higiene dos *pets*. Ai então começávamos a montar o estande das pulseiras. Colocávamos as placas que indicavam aquele lugar como parada obrigatória para pegar as pulseiras, e que também funcionava como um ponto de apoio para informações sobre o evento, principalmente para as pessoas que estavam frequentando o evento pela primeira vez. Antes de começarmos a distribuição de pulseiras as organizadoras nos davam algumas informações sobre o evento, se ia ter vacinação, onde estava sendo distribuído o vermífugo, o horário dos desfiles e sorteios, os brindes para quem fizesse doações, dentre outras coisas.

⁵¹ Um dos locais que aceitam a presença de animais de companhia na cidade e é ponto de encontro dos tutores. Onde foi marcado algumas das entrevistas para esta pesquisa.

Banners amarrados na grade explicavam as cores das fitas que também distribuíamos de acordo com o humor e temperamento do animal. Fitas e pulseiras organizadas e contadas, placas seguras na mesa, a instrução mais incisiva era a de ficar de olho nas pessoas que estavam no evento e não haviam colocado as pulseiras, que além de servir para os sorteios, também ajudava a dar uma noção sobre a quantidade de animais que participaram do evento, uma vez que as pulseiras eram distribuídas para as pessoas de acordo com a quantidade de animais que estavam sob sua tutela naquela ocasião. Dávamos, então, início à fila, explicando aquilo que nos havia sido passado, respondendo às dúvidas que as pessoas tinham, tentando distribuir as pulseiras rapidamente para não aglomerar as pessoas e os animais não se estressarem, parando uma vez ou outra para interagir com algum animal, prestando atenção em quem estava com a pulseira ou não, sendo atrapalhados pelo vento constante que levava pulseiras e fitas coloridas embora, tentando manter a numeração das pulseiras para depois informar a quantidade para o sorteio.

Todas as vezes que participei como voluntária não estive sozinha nesta função. Exceto da primeira vez que participei, na companhia de outra voluntária, quando não ficamos na parte das pulseiras, ajudamos a montar alguns estandes, distribuímos as lixeiras e sacos, assessoramos as organizadoras quando requisitado e quando o evento deu início, os animais de companhia da voluntária chegaram e ela passou a interagir com as outras pessoas e visitar os estandes de uma forma mais interessada. Fiquei andando pelo evento, cumprimentando quem já conhecia, interagindo com os cachorros e as pessoas, tirando fotos, acessível por causa do crachá que usava, sempre estava sendo abordada pelas pessoas em busca de informações, e na medida que podia oferecer-lhes alguma, opinava ou indicava outra pessoa da organização. O crachá que a organização me forneceu com meu nome me possibilitou estar acessível para as pessoas e ser acessada por elas constantemente. Quando as pessoas começaram a me chamar pelo nome, estranhei, mas dada o meu posicionamento naquela rede, eu não era tão estanha para eles, estávamos compartilhando interesses comuns.

Das outras vezes, já na função das pulseiras, perdi um pouco minha mobilidade, tive que, de fato, trabalhar duro. Enquanto distribuía as pulseiras para os tutores era preciso perguntar sobre o temperamento do animal para assinalar em fitas de cores variadas, que deveriam ser presas à guia, para que *outros* humanos identificassem o humor do animal: se sociável, medroso, agressivo e por aí vai. As fitas verdes, aquelas que correspondem ao animal dócil, eram as mais solicitadas. Quando se questionava o temperamento do animal, as pessoas se referiam a eles como dóceis, em sua maioria, e em seguida medrosos (cor amarela), e os que não eram sociáveis ficavam mais à margem (cor vermelha), não iam em companhia do(s)

tutor(es) para a *fila da pulseira*. E, na medida em que amarrava as fitas, surgiam comentários do tipo “*ele é tão dócil que se quiserem roubar, levam*”, “*ela é como se fosse uma pessoa, olhe*”, “*minha filha é dócil sim!*”, “*a vovó disse que ela é dócil, né?*”.

Em um dos Encãotros, a voluntária que estava me acompanhando e eu sempre perguntávamos se *se tratava de um menino ou uma menina*, pois algumas vezes, sem saber como nos referir ao animal, chutávamos o *gênero* e, caso nos referíssemos ao *pet* como macho ou fêmea *inapropriadamente*, provocava certa confusão e os tutores tratavam logo de nos corrigir, reafirmando o *gênero* do *pet*: “*é uma mocinha*”.

Embora cansativo e estressante, principalmente em uma das últimas vezes em que fui voluntária, no evento que ocorreu no Arena das Dunas, onde mais de 200 pulseiras foram distribuídas, outras três voluntárias precisaram ajudar naquela função, uma destacando as pulseiras, eu e outra voluntária entregando no estande e explicando a funcionalidade da pulseira, e outra voluntária entregando as pulseiras na fila que se formou imensa.

Muitos animais naquela ocasião foram chegando. Já que o evento estava disponibilizando vacinação gratuita, gatos e coelhos também compareceram ao Encãotro. Algumas pessoas se irritavam com a demora, não entendiam bem do que se tratavam as pulseiras, queriam para outros membros humanos, quando as pulseiras só poderiam ser distribuídas de acordo com o número de animais, já que nunca haviam participado – um número consideravelmente maior de novos participantes do que nas outras edições – e a entrega de pulseiras durou até as pulseiras se esgotarem, e mesmo reciclando outras pulseiras de outras edições, ainda não foi suficiente, as pessoas e os animais continuavam chegando e formando uma fila e tínhamos que explicar que não haviam mais pulseiras e, conseqüentemente, não participariam dos sorteios.

Já perto do final do evento, ficamos eu e Babi, amiga da tutora Priscila e voluntária que marca presença constante no evento, e um de seus *pets*, Nina, animal de pequeno porte que ficou deitado em cima da mesa enquanto conversávamos sobre nossos animais de companhia e informávamos às pessoas que chegavam que não havia mais pulseiras. As outras voluntárias foram requisitadas para ajudar na vacinação, pois faziam curso de técnica veterinária. Um Husky grande se aproximou e as tutoras se conheciam, ficamos conversando sobre o evento e senti algo quente em meu pé, quando dei conta, Lyoto, o *pet*, havia feito xixi em meu pé, sua tutora ficou muito sem graça, se desculpou e comprou uma água mineral para que eu me limpasse, mesmo eu dizendo que estava tudo bem, que poderia me limpar em alguma torneira.

Após algumas atividades, como o sorteio e o desfile, às vezes treino de adestramento e vacinação, o evento vai se encaminhando para o fim, anuncia-se o próximo e agradece a presença de todos os humanos e não humanos, aí juntamos todo o material em caixas e sacolas, dobramos a mesa, guardamos os banners e a edição se dá por encerrada, até todos os expositores recolherem seu material.

Em minha última participação descrevo de forma mais detalhada todo o processo, na medida em que já estava mais engajada ao ambiente, as pessoas já haviam se acostumado com minha presença, então pude circular e conversar com mais facilidade, mesmo trabalhando na mesa das pulseiras.

No evento de comemoração ao primeiro ano do Encãotro, o grupo de Whatsapp combinou o horário que os voluntários deveriam chegar, como sempre era feito. Perguntei no grupo o horário para confirmar, 14 horas, responderam. Cheguei no horário marcado, havia alguns estandes sendo montados, inclusive o dos tutores de Ayla, da marca Aumigopet. Falei com Priscila, que estava vestindo uma camisa temática para o evento, assim como seu marido e Ayla, em tons rosa e azul, fazendo referência ao outubro rosa e ao novembro azul, camisa esta que também foi distribuída entre os voluntários.

Uma amiga de Priscila chegou, também montaria um estande, seu *pet* tinha uma coleira que se conectava à sua cintura como uma espécie de cinto. Me prontifiquei em ajudá-la a montar seu estande, já que àquela altura não havia muito para se fazer. Ajudei a colar os produtos na mesa, algumas bandanas feitas a mão. Perguntei se ela mesma fazia, e ela afirmou que sim, que costurava, havia começado o negócio há pouco tempo e era a primeira vez que participava como expositora. Outro voluntário pegou o *pet* para ajudar a moça, eles pareciam conhecidos, mas o rapaz precisou convencer a tutora a ficar com o *pet*, que disse para ele prestar atenção; ela comentou que trouxe umas placas, que queria escrever algo para colocar em uns produtos que não havia dado tempo de fazer, queria escrever “sob encomenda”. Eu disse que poderia fazer, então escrevi nas placas aquilo que ela queria, ela ficou satisfeita, chamou atenção da Priscila, no estande ao lado, e disse, apontando para mim, “*tá contratada*”. Rimos.

Chegou uma Golden Retriever, Sani, para brincar com Ayla, que foi para cima rapidamente, e sua tutora disse que o *pet* tem uma *aumiga* labradora e talvez ela tenha achado que era ela. Fiz carinhos em Sani e sua tutora tinha um estande de bandanas também, a BandanaLand. Conversamos por um tempo, ela me disse que tem outros cães de pequeno porte,

e que não os trouxe para não causar estresse para eles, já que eles são mais velhos. Falou o quanto seu *pet* é dócil. Fui chamada para ouvir algumas orientações sobre as pulseiras.

Estava ajudando Priscila a colocar o banner do evento na grade externa, um senhor passou e falou que tinha arame, que poderia nos ajudar. Fui com ele pegar o arame no estande de bandanas da tutora de Sani, o moço voltou com os arames e eu fiquei um tempo por lá conversando e interagindo com o *pet*. Ela estava usando uma bandana vermelha e um laço também vermelho. Conversávamos sobre o comportamento do *pet* e sobre a sua loja, ela disse que se trata de uma loja *online*, que eu já seguia, e que depois que fizeram a loja no Instagram descobriram outras lojas e eventos que elas, *por ser uma loja da família*, justificou dessa maneira, não faziam a menor ideia, e agora costumam levar seu estande para eventos pela cidade; chegou outra tutora com dois *pets*, uma no carrinho e outra no colo, Layla e Nina. As tutoras começaram a conversar sobre coleiras, falou que seu *pet* Yorkshire, Nina, já havia sido trocada em um *pet shop*, mas sua mãe não reconheceu o *pet*, que não tinha uma cicatriz na barriga e tinha bafo, segundo contou, e o outro *pet* não a reconheceu, “essa não é a minha”, foi o que disse sua mãe ao tosador, e eles acharam o *pet* correto.

A tutora dos *pets* justificou que usa um produto para escovar os dentes dos *pets* mas que prefere não escovar porque elas não gostam, “elas acham chato”, e a outra tutora concordou e perguntou a marca do produto. “Mas agora que ela perdeu o dente, fica mais fácil de identificar”, completou a tutora. Comentei que a *pet* menor, Nina, era muito quietinha, e ela disse “pode pegar”, e colocou o *pet* em meu colo, fiquei com Nina no colo por um tempo, até ela ficar inquieta e colocá-la no chão novamente.

Comentei que a *pet* estava muito confortável na cadeira, e a tutora afirmou que ela gosta, e geralmente fica com sua mãe sentadas perto da entrada do evento. Os *pets* estavam com roupas e mochilas iguais. Pedi autorização à tutora para tirar fotos de seus *pets* e ela concordou. Apontou para um estande e afirmou que eles faziam as roupas de seus *pets*, ela encomendava para as duas o mesmo modelo.

Figura 6: Pet Nina, frequentadora do Encãotro.

Dentro do carrinho havia ração, e Layla vestia a mesma roupa que o outro *pet*. A mochila era só decorativa, afirmou a tutora.

A tutora com o carrinho perguntou como a outra tutora se controlava para não usar as bandanas em seu *pet*, e a outra tutora disse que não se controlava, que usava algumas.

A praça estava com dois lixeiros que a prefeitura havia disponibilizado depois de mobilização do grupo de moradores junto aos órgãos de responsabilidade sanitária do município, assim como havia me contado Lurdes alguns dias antes quando da visita em sua residência.

Figura 7: Pet Layla, frequentadora do Encãotro.

A tutora Priscila me chamou e me deu mais instruções sobre as pulseiras e passamos a distribuir entre os tutores que já haviam chegado. Outra voluntária, Babi, e seu *pet* Simba, também ajudaram. Já havíamos nos conhecido desde o primeiro evento em que participei. Havia mais dois voluntários, uma parte da organização, e outro era o namorado da ajudante de Priscila.

O estande das pulseiras seguia a mesma lógica, pulseira para quem levou animal e pulseira para quem fez doação.

Encontrei com alguns tutores que já conheci dos outros eventos, eles já me reconheciam, mesmo eu não usando crachá. Liebermann estava lá com Janne, disse que não trouxe Apolo pois veio de carona, e pontou para outro tutor e um *pet*, e disse que como o *pet* do seu amigo também é um macho, Apolo fica muito agitado e então preferiu não trazer. Depois do evento iria para a Festa do Boi – evento que ocorre anualmente na cidade vizinha, Parnamirim, onde vários segmentos da agropecuária, agricultura, artesanato, dentre outros, se reúnem.

Tathianne e Ênio, adestradores do Cãoportado, estavam lá também, levaram doação e seus *pets*, ao todo 3, dois labradores, Rubi e Jean, e a Shnauzer, Belinha. Blue, o namorado de Ayla também estava lá. Conversei um tempo com sua tutora, ela disse que fazia tempo que não participava de eventos pois esteve viajando, comentei que o *pet* estava mais calmo, pois geralmente Blue ficava amedrontado, e ela afirmou que ele melhorou muito depois da castração, mas ainda continua destruindo as coisas em casa. Disse que passou alguns dias viajando e ele

ficou na casa de sua sogra, quando ela retornou, ele passou a ignorá-la e ela compreendeu essa reação como uma chateação por parte do *pet*, por ter sido deixado. Mas que agora já estavam bem.

Na mesa de pulseiras, uma moça perguntou por Ayla à Priscila e disse, “como é seu nome mesmo? O nome dos cachorros eu sei” e riram.

Na hora dos sorteios e desfile, fomos requisitados para ajudar, mas as pessoas ainda passavam na mesa de pulseiras para pegar as suas. Porém, como não tínhamos mais, aconselhávamos as pessoas que assim que chegassem ao evento pegassem logo. Outras pessoas perguntavam sobre as lixeiras, que ficavam em um lugar específico, mas como o serviço de lixo urbano havia modificado o local, as pessoas continuavam questionando se havia lixo e onde estava.

Os animais que participam do desfile, geralmente, são conhecidos das organizadoras, alguns que desfilaram também foi anunciado o perfil no Instagram ou de qual clube fazia parte. Dei suporte no sorteio e tentei interagir com Ayla.

Estava junto aos voluntários, um deles reclamando, disse que morava longe, em tom de brincadeira, disse que estava ali obrigado pela namorada, todos rimos. A namorada dele trabalha para Priscila, perguntei se ele trabalhava para eles, e ele disse que não. Sua namorada chegou, e a outra voluntária disse, “da próxima vez tem que trazer o Juquinha”, e eu concordei, ela disse que iria trazer. O Juquinha era seu *pet*, o adotou já adulto e ele passou por um grave problema de saúde, ela me contou sobre essa situação no meu segundo Encontro como voluntária, lembrei.

Desmontamos tudo e esperamos os organizadores, que estavam conversando com outros amigos. Já estava tarde. Me despedindo de Priscila, ela comentou que no dia seguinte eles iriam para o Arena, já que teriam um aniversário depois e Ayla não iria, seria uma oportunidade para passear com Ayla. Chamou seu marido e perguntou se estava combinado eles passearem com Ayla no Arena no dia seguinte, e ele confirmou, eu disse que poderia ir, marcamos o horário e nos despedimos. Encontro este que não aconteceu no dia seguinte, através do aplicativo de mensagem instantânea, a tutora explicou que Ayla estava bem cansada do evento no dia anterior e que preferia marcar para outro dia, e eu concordei. Nos encontramos dias depois na frente de um parque da cidade.

A outra voluntária, Babi, me ofereceu uma carona até parte do caminho e eu aceitei. Fomos conversando sobre seu *pet*, que havia sido “pai” recentemente. Ela me contou que ele já está bem “velhinho”, e me mostrou fotos de seus novos *pets*, que ficaram com seu primo, já que a fêmea era dele. Cheguei ao meu destino, nos despedimos e fui para a parada de ônibus.

1.3. ESPAÇO *PETFRIENDLY* E CLUBES PARA *PET*

Grande parte dessa movimentação, dos espaços de discussão sobre o tema, onde tutores e *pets* podem interagir, aprender e debater sobre a questão *pet*, em Natal/RN, parte da iniciativa dos próprios tutores. Ainda segundo a tutora Lurdes, quando conversávamos na recepção do seu condomínio,

“Agora a gente faz parte da União Pet. O Encãotro criou a União Pet. União Pet surgiu por causa de uma Cãominhada que nós fizemos no começo do ano e nessa caminhada era justamente pedindo que fosse revogada essa lei que diz que o animal não pode andar na rua e a gente briga com o poder público porque o poder público diz o animal *pet* não pode andar na rua, mas não cuida dos animais de rua, né? Tem animal aí pra tudo quanto é lugar, gato jogado pra tudo quanto é canto. Na UFRN tem gente que solta cachorro lá pra matar gato né?”

Ao observar a dinâmica de alguns tutores, conversar com eles, participar de eventos, e acompanhar a rotina *online* de *pets* e iniciativas do ramo na cidade, é possível identificar que a rede de que parte minha perspectiva se constitui não somente por compartilhar interesses em comum, bem como frequentar lugares em comum, também como uma forma de resistir à proibição de circulação de animais de companhia em alguns lugares públicos, como praias, por exemplo. Ainda segundo Lurdes,

“Comecei a viver dentro dessa rede de... Dessa rede *pet*. Eu comecei a falar sobre isso, que eu achava um absurdo que a gente não tinha lugares. E eu venho de um lugar, querendo ou não, tem uma abertura maior. O Ibirapuera é um lugar que a gente pode ir, pode ir e é muito bem aceito né? E aqui a gente não tinha lugar nenhum. E todos os parques que tem aqui você não pode levar. Eu achava um absurdo. Tanto é que eu questionei várias vezes o cara lá da portaria ‘Como que não? Se tem um monte de bicho aí, porque meu cachorro que é vacinado...’ entendeu?”

A tutora se referia ao parque de zona de proteção ambiental, Parque das Dunas, quando seu *pet* foi barrado na portaria. Local, inclusive, em que encontrei com Priscila, em nossa última conversa, no canteiro central na frente do parque, local sugerido pela própria tutora, por ser um local por onde habitualmente caminha com Ayla. Já próximo ao parque, caminhando na calçada, pude ver Ayla e sua tutora caminhando no canteiro central, elas atravessaram a rua e foram ao meu encontro. Nos cumprimentamos. A tutora vestia uma roupa para caminhar, mas estava calçando uma sandália, justificou que por causa da reforma não conseguiu achar o tênis; Ayla estava com a coleira e uma bandana com seu nome. Perguntei se ela frequentava aquele

espaço com frequência, e ela disse que sempre caminham por lá, “Ayla gosta”. Me explicou que elas estavam me esperando na frente do parque, mas Ayla viu um gato e ficou inquieta. A sogra da tutora tem um gato, e Ayla está acostumada a conviver e talvez por isso tenha ficado inquieta para “brincar com o gato”, concluiu sua tutora.

Comentei que seria interessante se pudéssemos entrar junto com os animais, e para minha surpresa, a tutora afirmou que seria bom, mas por outro lado, as folhas secas poderiam acumular materiais em decomposição que poderiam causar a leishmaniose, e por isso não se importava em não entrar.

Fiz algumas perguntas em relação a Cãominhada, pois sabia que havia sido organizada pelo grupo *unidos pelo insta*, em forma de protesto a lei proibicionista. Priscila me explicou que foi uma das organizadoras e que ainda não pensaram em fazer outro protesto. A ideia do protesto foi desencadeada pela proibição da entrada de animais domésticos na área interna do Centro Administrativo, onde vários tutores levavam seus *pets* para se encontrar e passear, usando o espaço da instituição para o lazer com os animais. Porém, havia sido estabelecido que animais não poderiam ocupar aquele espaço, após um dos funcionários ficar doente, sendo as fezes dos animais a justificativa. Os tutores se uniram e construíram o evento, uma espécie de protesto. Perguntei sobre as demandas atuais do grupo, e ela afirmou que o principal era a retomada do espaço no Centro Administrativo, que até haviam conseguido uma reunião para negociar esta questão, os responsáveis disseram que dariam uma resposta, mas que até agora nada havia sido feito.

Outra tutora, na visita que fiz em sua *Daycare*, Tathianne, conta que, “conhecemos (Lourdinha) no Encãotro, e foi o Encãotro que ajudou a organizar a Cãominhada. Foi um, digamos assim, um protesto contra essa lei, e também reivindicando mais espaços para nossos *pets*, porque a gente antes tinha o centro administrativo, proibiram também”.

A tutora e adestradora Thatianne forneceu um relato mais detalhado sobre a experiência dos tutores no Centro Administrativo.

“Era bem legal. É um espaço enorme, todo gramado, onde as pessoas soltavam os cães para socializarem. Mas assim, tem pessoas e pessoas, e tem muita gente que ainda não tem a consciência de apanhar o cocô do seu cachorro. E além disso, começou a aparecer coisas quebradas lá, segundo o pessoal do centro administrativo. Pelo que eu entendi, algum cão estava com a guia solta e a guia enrolou nos aspersores (para aguar a grama) e quebrou. Foram esses os motivos que deram. Do meu ponto de vista, é sempre mais fácil proibir do que tentar conscientizar.”

Após esse relato, Tathianne contou sobre uma situação que seu companheiro vivenciou com seu *pet* Rubi.

“Com Rubi a gente passou até por uma situação.. na verdade, foi Ênio, ele passou por uma situação um pouco chata quando Rubi era filhote, antes da gente ter conhecimento sobre essa lei municipal, e aí ele foi passear com Rubi, quando ela era filhotinha, na praia, e aí quando chegou lá na praia, ele percebeu que estava sem saquinho, aí ele pensou “ah, vou aqui no bar pegar um saquinho”, aí quando ele estava indo pegar o saquinho, só ouviu o policial (fazendo barulho), apitando pra ele. Ele disse que olhou pro lado, olhou pro outro, disse “só pode ser comigo”, porque só tinha ele. Aí ele parou e o policial disse “olhe, não pode cachorro na praia, tem uma lei municipal número tal, que proíbe, o seu cão pode ser até apreendido e ser levado pra o centro de zoonoses”, e tem isso lá na lei, realmente. “Inclusive um cão desse porte era até pra está usando focinheira”, e Ênio, “meu deus, é um filhote de labrador”, inclusive pode até ser considerado maus tratos colocar focinheira em um animal que nunca usou uma focinheira e nem precisa usar. A gente ficou até chocado com isso.”

Esse é o tipo de situação que a tutora Priscila afirmou nunca querer passar. Quando ainda conversávamos caminhando próximo ao Parque das Dunas, lembrei que eles haviam ido a um evento ao ar livre organizado pela creche de Ayla, o PetLovers, que havia acompanhado *online*, perguntei sobre a experiência. A tutora contou que foi a primeira vez que eles fizeram tal tipo de coisa, de viajar para algum lugar e fazer atividades focadas para o *pet* e para eles. Foi a primeira vez de Ayla dentro d’água, e sua tutora disse que ela adorou, que foi muito bom e que eles com certeza fariam mais vezes. Publicou várias fotos do dia que considerou especial. Perguntei se havia participado de outro evento, o Surf Dog, em uma praia próxima a Natal, e a tutora disse que participou, mas não levou Ayla, pois tem medo da lei municipal⁵² e primeiro queria checar se Ayla ia gostar ou não, antecipando a reação do *pet*. Afirmou que da próxima vez iria levar.

Ao pensar sobre os espaços em que os *pets* circulam com seus tutores na capital e em cidades vizinhas, já que em muitos relatos falava-se dos passeios, dos lugares frequentados,

⁵² LEI PROMULGADA 00159/99

Estabelece a proibição de cães nas praias de Natal e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DO NATAL, no uso das atribuições que lhe são conferidas, de acordo com o Art. 22, Inciso XVI, da LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DO NATAL, promulgada a seguinte Lei:

Art. 1º – Fica proibido a presença de cães nas praias da Cidade do Natal, com objetivo de proteger a população de doenças transmissíveis.

Art. 2º – Fica a SEMSUR – Secretaria Municipal de Serviços Urbanos encarregada da fiscalização do cumprimento da Lei, e a Secretaria Municipal de Saúde – Centro de Controle de Zoonose a responsabilidade de apreensão dos animais em questão.

Art. 3º – Fica sujeito a multa de 100 (cem) UFIR’s o portador do animal que estiver descumprindo esta Lei.

Art. 4º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, em Natal, 28 de Maio de 1999.

Paulo Freire – Presidente

Geraldo Neto – Primeiro Secretário

Enildo Alves – Segundo Secretário

Publicado no Diário Oficial de: 03 de junho de 1999.

AUTOR: LEÔNICIO QUEIROZ

DATA: 28/5/1999

produzi uma espécie de mapa de circulação *pet*, como forma de ilustrar estes espaços, a partir dos relatos que os tutores ofereciam sobre suas experiências. O mapa não abarca todos os lugares possíveis em que os *pets* frequentam localmente, ou seja, não se trata de generalizar os lugares que todos os *pets* de Natal frequentam, mas de tornar visível alguns lugares que os interlocutores desta pesquisa frequentam como seus *pets*.

Figura 8: Ilustração representando a circulação dos pets em Natal/RN.

Alguns interlocutores como Liebermann, Tathi e Lurdes, levam seus *pets* com maior frequência a praias e lagoas, praças, e vão ao veterinário com frequência, assim como todos os interlocutores. Alguns clubes de raças fazem encontros na via costeira e no Arena das Dunas. Outros interlocutores, como Priscila e Lurdes, além desses lugares, frequentam shopping, restaurantes, creches e hospedagens, e casa de amigos.

Na medida em que os tutores foram se articulando, outra tendência surgiu na rede *pet* em Natal. Segundo Lurdes, “que daí eu comecei a conhecer pessoas. Comecei a descobrir, depois de um tempo, que tinha clubes de raças”. Por coincidência, os tutores que entrevistei são administradores de clubes de raças ou SRD, ou membros. Priscila e Lurdes fazem parte do Clube SRD, segundo Lurdes,

“Aí eu fiz o primeiro encontro. ‘Pri, vamos falar aqui no nosso Instagram que vai ter um encontro e ver quem vai’. Fomos. Acho que apareceram só três, nesse primeiro encontro. Aí a gente descobriu que tinha os grupinhos de Pitbull. Não. De Bulldogs e de que ... Eles se reuniam lá na praça do centro administrativo do lado do Arena das Dunas”

O Encãotro virou um local de encontro dos clubes. A tutora Lurdes conta que,

“Os cachorros se reuniam lá (centro administrativo). Só que a gente não era de raça né? Os dois eram vira-lata. Aí eu peguei e falei assim “Ah, quer saber? Vamo fazer...” E eu já tava conhecendo um bom número de pessoas e Bob como era parecido com um York, o grupo dos York convidou ele pra fazer parte de lá. Mas aí eu falei... Mas Ayla não tinha. Não, vamos fazer o nosso de Vira-lata né? Aí a gente fez nosso primeiro encontro que a gente convidou a Animalerie.”

Ainda segundo o relato de Lurdes, os clubes acabam por movimentar eventos e parcerias, em suas palavras,

“O Encãotro começou, os clubes era encontrinhos, né? Eles começaram a se espelhar no Encãotro e fazer cada vez mais encontros mais elaborados. A gente fez parceria com o Seaway, nós começamos com a parceria com o Seaway, eu que fui lá pedir para ele. Aí ele ficou meio assim. No primeiro evento ele já ficou apaixonado, já abriu, já começou a colocar no Instagram dele. Hoje... Colocou as coisas que eu disse que achava legal colocar. Colocou plaquinha, colocou os negócios de lixo...”

Podemos caracterizar os espaços *petfriendly* como um termo que abarca locais que permitem a circulação de animais de companhia. Alguns shoppings na cidade estão permitindo a circulação, bem como alguns restaurantes e bares.

O tutor Liebermann também faz parte de clubes de raça, incluindo os do Pitbull, de roedores, de Pischer – embora não tenha animal desta raça, sua irmã tem e por isso ele também faz parte –, SRD, e administra o clube dos Husky e o grupo do seu bairro, localizado em uma cidade vizinha à Natal, Parnamirim. Em suas palavras,

“Faço parte da União Pet. Eu como faço parte do Clube dos Husky, assim, sou um dos responsáveis. Porque eu faço parte de vários clubes. Muitos clubes, se eu tirar aqui meu celular você vai ver a quantidade de clubes que tem aqui nesse meu celular. Mas o que eu sou responsável mesmo é o do Clube dos Husky.”

A União *Pet* é formada por mais de 19 clubes que se articulam entre si *online* repassando informações sobre eventos, divulgando notícias, e marcando seus próprios encontros.

“Porque é o seguinte, na verdade só pra você ter uma ideia o clube dos Husky faz muito tempo. Eu fiquei até “caraca, faz esse tempo todinho?”. Eu entrei e fazia muito tempo que existia. Porque na verdade não existia o clube com redes sociais e essas coisas. Tinha o quê? O pessoal que tinha a raça criou o grupo no whatsapp e começou a conversar, a respeito da raça e tirar dúvidas. Então foi daí... Já existia esse clube dos Husky e foi depois que eu entrei que eu disse “Não, pessoal. Vamos fazer oficial. Vamos fazer um Instagram, uma rede social.” Aí eu criei o Instagram, fiz a rede social, coloquei a foto de todos. Então...Tudo que é divulgado na nossa página sou eu que posto.”

Perguntei para o tutor como funcionava a dinâmica de um clube de raça, ele respondeu da seguinte forma,

“Como seria? O papel de um de um clube é você interagir, conhecer e unir os animais e os seus donos né? Os tutores. E... Além disso... Além de você saber os eventos essas coisas e interagir os animais, também muitos clubes fazem parcerias com pet shops, com clínicas veterinárias. Pra, digamos... Com a carteirinha... A gente leva a carteirinha até a clínica e a gente ganha descontos, ganha... Vários privilégios. Pode ganhar brinde, aí o brinde a gente sorteia entre os membros que tem as carteirinhas. Um exemplo, é... Eu trouxe do Pets Park. Criei o clube do Pets Park no bairro, não falei a você?”

O tutor me mostrou três carteirinhas que ele mesmo havia criado para seus *pets*, modelos que representavam os membros do grupo de seu bairro, onde pretende construir um espaço *petfriendly* na praça próxima a sua casa. Segundo ele, o projeto já foi submetido à prefeitura que está aguardando que o tutor faça o orçamento para poder iniciar as obras.

Assim como as vantagens de sorteios e as parcerias são importantes para movimentar a rede, aqui, mais uma vez, as vantagens de se membro de um clube não se encerra em si, nas relações e interações, ao contrário, se expandem em vantagens e parcerias que criam mais vantagens, mais brindes, mais sorteios, o que torna os clubes mais desejáveis para tutores dentro da rede *pet*.

Tathi, tutora e adestradora, também administra o clube dos labradores potiguaros, do qual é fundadora. Segundo conta, foram eles que começaram o clube alguns meses atrás que, em suas palavras, apoia a iniciativa dos clubes na cidade, na medida em que faz um paralelo com a lei,

“Inclusive, na lei, pra você ver como a lei é absurda, diz que raças consideradas agressivas precisam usar focinheira. Não existe raça agressiva, existe cão agressivo. Você vê isso com o pessoal dos Pitbull no próprio Encãotro.”

É comum, de fato, a presença dos Pitbull, ficam na margem, mas frequentemente circulam ao centro do espaço, por onde a maioria dos animais dóceis permanecem. E continua,

“Eu tenho contato com Amanda que tá a frente de um dos clubes de Pitbull, é porque tem vários clubes, o dela acho que é Unidos pela Raça Pitbull, se não me engano. Pandora, a cachorra, linda, toda fortuna... e assim, eu acho muito legal o trabalho do pessoal do clube dos Pitbull porque eles estão sempre nessa luta contra o preconceito, e eu acho muito legal porque os cães dele são.. todos vão pro Encãotro, você chega, alisa, os outros vem perto, e eles são super dóceis.”

A presença de clubes pode vir a revelar não somente a resistência à lei proibicionista, bem como articulações entre si que impulsionam e movimentam tanto a temática *pet* na cidade, quanto o consumo de produtos e serviços para os *pets*. E conclui,

Inclusive, algumas pessoas têm essa visão do Pitbull como uma raça agressiva, mas na verdade o Pitbull é uma raça super dócil. “Ah, porque o Pitbull foi criado pra ser cão de briga”, ele realmente foi criado como cão de briga, mas pra brigar com outros cães, então eles não têm esse instinto de agressividade com pessoas, e se o Pitbull for bem socializado, ele se dá muito bem com outros animais também, não tem problema nenhum. E você vê isso com o pessoal dos Pitbull no próprio Encãotro, até os pequeninhos chegam, pulam em cima e eles nem ligam. Então eu acho muito legal essa iniciativa deles.”

Na tentativa de não reforçar estereótipos que colaborem para que os animais sejam marginalizados, por assim dizer, dos espaços públicos, essas duas tendências, espaços *petfriendly* e os clubes de raça, sem raça definida e de outros animais, impulsionam a temática *pet* a tornar-se fluente entre espaços como estes, resultados da relação de interação entre tutores e *pets*. E, talvez, como efeito dos dilemas e demandas que promove a *rede pet em Natal*, bem como em outras regiões, já que se configura como uma tendência desterritorializada. A seguir, adentraremos no universo dos serviços de hospedagem, *daycare* e adestramento com os quais tive contato.

2. O ABC PARA PETS

O animal ocupa diversas posições na vida social entre humanos, como colaborador em terapia assistida em hospitais e outras organizações de saúde, como guia para pessoas com deficiência, como alimento nas prateleiras do supermercado, como companhia para os humanos, como reprodutor de raças específicas em canis, membros de clubes de raças, guardião de propriedades, atleta, *dogmodel*, *digital influencer*, membro da família, como mascote em propaganda publicitária, dentre tantas outras possibilidades atuais. O que pode conectar todas essas posições é a relação estabelecida entre o humano e o não humano. Se ele estará posto à mesa ou se compartilhará da mesma cama com seus humanos, é uma questão de perspectiva e de relação.

Uma questão que se mostrou recorrente em campo, entre entrevistas e conversas informais nos eventos que participava, era o discurso sobre “educar” o *pet*, alguns tutores, inclusive, já utilizaram serviços de adestramento e hospedagem. Em comum, estavam sempre buscando por alternativas para a correção de determinados comportamentos, como latidos, mordidas, destruição, ou focavam na melhoria da qualidade de vida do animal, principalmente em relação à saúde física do *pet*, como alimentação e exercícios. E é nesse sentido que os serviços de hospedagem e *daycare*, uma espécie de creche para os animais de companhia, onde passam parte do dia enquanto seus humanos trabalham, para socialização ou por qualquer outro motivo, também chamou atenção por estar relacionada à relação afetiva e de consumo entre tutores e *pets*, o que nos leva ao próximo tópico.

2.1. COM QUEM DEIXAR O PET?

Ainda na primeira conversa com Priscila, quando da presença de sua amiga Bárbara, também tutora de um *pet*, Stitch, fomos apresentadas e perguntei sobre seu *pet*, e ela contou que ele estava adoentado, havia ficado sob os cuidados de familiares já que ele sofre de Transtorno de Ansiedade de Separação. Em suas palavras,

“Meu cachorro... ele sofre de ansiedade à separação. Ele não fica só. Tipo assim, se eu for sair ele tem que ficar com alguém, em casa sozinho, ele não fica. Eu sempre... Ou eu deixo de sair pra ficar com ele, ou eu tenho que arranjar alguém que fique. Priscila... ‘Priscila você pode ficar com Stitch hoje?’ ‘Pode’ então eu levo ele pra casa de Ayla. Ou eu deixo ele com minha sogra, com minha mãe. Se não tiver ninguém, o evento não acontece. Eu não saio. Eu tenho que ficar com ele. Porque ele não fica só. Ele fica uivando, chorando. É tanto angustiante pra mim, que vou saber como ele tá e não vou curtir a festa. Então não saio. Prefiro ficar com ele”.

A condição do *pet* de Bárbara faz com que ela sempre busque alternativas para que o animal não fique sozinho quando da sua ausência para cumprir algum compromisso social. Além do mais, sua amizade *online/offline* com Priscila possibilitou que a tutora tivesse uma opção a mais quando precisasse sair, deixando Stitch sob os cuidados da tutora Priscila, na companhia do *pet* Ayla. E, mais que isso, nesse caso, a relação de afeto entre tutora e *pet* pode vir a influenciar a presença ou não em compromissos, festas, e ao acesso ou não a serviços para *pets*. A tutora Bárbara continua,

“Ele não fica sozinho. Mas tipo assim, se eu deixar com você, por exemplo, por mais que ele não te conheça é uma pessoa. E ele... Ele é muito dependente da pessoa. Ele vai ficar. Vai ficar triste, mas não vai ficar desesperado. Aí pronto. Sempre tenho que deixar... Já teve dias que não tinha ninguém pra deixar ele e era um evento que eu não podia deixar de faltar. E eu levei ele pra uma moça, que tem tipo uma creche, e deixei com ela e fui buscar no outro dia. Tipo um hotelzinho”.

Como último recurso, a tutora Bárbara utilizou o serviço de hospedagem/creche como alternativa para negociar a sua presença em determinado evento sem que com isso seu *pet* ficasse sozinho.

Segundo Segata⁵³ (2012), a Síndrome de Ansiedade de Separação em Animais – SASA – se tornou um problema recentemente. Ao acompanhar a rotina de um *pet shop* veterinário, o autor traz relatos de pacientes, como a poodle Pink, cuja tutora alega que o *pet* está triste. O processo de diagnóstico, após vários exames, aponta para a SASA. Ao conversar com tutores sobre o diagnóstico depressivo de seus *pets*, percebeu que grande parte das suspeitas que eram trazidas à loja vinham de blogs, revistas, programas de televisão, ou indicações de amigos (2012, p. 16). Esse é mais um indício de como as pessoas buscam por conhecimento e informações referentes aos seus *pets*, como veremos adiante.

A depressão se caracteriza como um dos sintomas da SASA, que, dentre outros, podem incluir vômito, latido ou choro excessivo, e comportamento destrutivo. A síndrome pode vir a ser resultado do tratamento humanizado atribuído aos animais, acreditam alguns autores⁵⁴. Mais que isso, esse tipo de síndrome, ou as questões relacionadas à qualidade de vida do animal, também podem causar impacto na família.

Um dos dilemas que os tutores enfrentam é referente aos cuidados com o animal quando eles precisam sair de casa, viajar, etc. Liebermann conta que os animais ficam sob o cuidado de seu pai quando precisa viajar, mas sempre tenta levar um de seus *pets*, principalmente Jane, por

⁵³ UMA NOVA EPIDEMIA: A DEPRESSÃO CANINA E OS SEUS DISPOSITIVOS. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo/SP, Brasil.

⁵⁴ SOARES, Guilherme; PEREIRA, João; PAIXÃO, Rita. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. Ciência Rural, Santa Maria, v.40, n.3, p.548-553, mar, 2010.

ser mais sociável com humanos e com outros animais. Lurdes afirma que costuma deixar Bob sob os cuidados de uma amiga, que tem uma hospedagem, “Tanto é que quando eu viajo é com ela que ele fica”. Lurdes ainda esclarece que, “Ela já tava começando com essa coisa de cuidar de cachorro na casa dela. Sabe, as pessoas conhecidas iam viajar e deixava na casa dela porque sabia que ela cuidava bem e tal”. E, continua, ao ser questionada sobre se deixaria seu *pet* em uma creche, justifica que

“A partir do momento que eu tenho um cachorro e eu tenho uma posse consciente, eu sei que ele precisa de atividade física e que se eu trabalho o dia inteiro e não tenho como fazer isso, eu vou recorrer a uma creche. Então, não é todo mundo... Eu, por exemplo, se eu precisasse, se eu estivesse trabalhando e fosse necessidade tudo bem, eu usaria”.

Acima, a escolha de consumir ou não determinado serviço está associado ao grau de “necessidade”, o que justificaria o uso de tal serviço, e até mesmo produto. O que acontece no caso de Ayla. Seus tutores trabalham durante a semana e decidiram, como categoria de “necessidade”, além de manter uma rotina de passeios e exercício, inclusive levando-a para o trabalho deles, torná-la frequentadora da creche e aluna do “ABC canino” semanalmente, e da hospedagem quando da ocasião de viagens longas.

Como vimos, os humanos estão sempre fazendo escolhas para seus *pets*, e para isso levam em consideração sua relação de afeto, de consumo, mas também sua personalidade, seu humor e até sua saúde mental. Segundo Priscila, na medida em que contava sobre a rotina de Ayla,

“É uma vez por semana. Ela acorda já sabendo que ela vai pra creche. Toda vez que a gente fala o nome ‘creche’, ela realmente entende. Quando eu falo assim (falando mais baixo) ‘Ayla, vamos pra creche’, ela fica agitada. Aí quando chega sábado e domingo eu tento ficar o máximo do meu tempo com ela. A gente sempre sai pra onde ela pode ir. Eu não me limito, assim ‘ah eu tenho uma festa, um jantar’ Não, saio e deixo ela. (Ayla latiu) Mas eu tento sempre, pelo menos aos fins de semana, ficar o tempo todo com ela”.

Mesmo não se limitando, no que se refere a deixar o *pet* em casa para comparecer a eventos sociais e/ou ao trabalho, como no caso de Bárbara, ainda assim Priscila negocia seus horários para que, pelo menos, aos finais de semana, ela e o *pet* interajam o máximo possível, por uma questão de bem-estar, de afeto, dentre outros indícios que a tutora apontou.

A questão sobre os cuidados referentes ao animal quando da ausência dos tutores, por motivos de viagem, trabalho e demais compromissos sociais, ou síndrome de ansiedade por parte do animal, por exemplo, são pontuais para a estadia de *pets* nos serviços de hospedagens, *daycare* e adestramento oferecidos na cidade. A ideia é incorporada como demanda por parte da parcela de consumidores tutores de *pet* que *precisam* do serviço. As motivações são diversas, mas a grande maioria está relacionada ao comportamento do animal, para o adestramento e

daycare, devido a viagens e falta de tempo de interação e socialização, também em função do trabalho diário dos tutores, por exemplo.

2.2. PET COMPORTADO, HUMANO EDUCADO

Nem todos os interlocutores desta pesquisa utilizam tal serviço. Somente a *pet* Ayla usufrui frequentemente do serviço, ao frequentar semanalmente a creche. No entanto, outros tutores contaram que já pensaram nessa possibilidade, e ao serem questionados se usariam, alguns afirmaram que já haviam usado, pelo menos uma vez.

A seguir apresentarei dois espaços que oferecem serviços semelhantes de hospedagem, adestramento e *daycare*, mas cada um com suas particularidades. Contarei sobre a experiência que foi entrevistar adestradores em seu ambiente de trabalho. Ambos surgiram como assunto no campo, em forma de comentários, embora já conhecesse o primeiro ambiente na ocasião de uma feira *pet*; o segundo ambiente conheci, de fato, em uma das participações no Encãotro.

Fiz uma visita em cada estabelecimento, levantei algumas questões e observei a interação entre profissionais da área *pet* com os *pets* como clientes.

2.2.1. “Bem-vinda ao meu escritório”

Conheci o Petlovers na Expopet, em 2016, na sua primeira edição, na qual o Renato, adestrador, era um dos organizadores. Estávamos em contato desde o início da pesquisa, mas

Figura 9: Ilustração Petlovers.

só conseguimos nos encontrar uma única vez. Da primeira vez havíamos marcado na sede do Petlovers, que fica no bairro de Lagoa Nova, cheguei mais cedo. Guiada pelo GPS e pelos latidos na esquina, encontrei a sede. A rua é bem tranquila, não há movimentações de carros, fica perto de uma das avenidas principais da cidade, e tem empresas de segurança privada na vizinhança.

Visualmente a entrada da loja e *Daycare* é arborizada e gradeada, se assemelha muito a uma casa, a não ser pela placa que indica do que se trata. Precisei pressionar uma campainha e o portão se abriu. Ainda passei por outra porta, que dava acesso ao ambiente climatizado da loja, dei de cara com uma grande caixa cheia de chifres e ossos, camas, remédios, coleiras, música ambiente, e um labrador dormindo entre o balcão da recepção e a prateleira com roupas e acessórios ao lado. Havia um grande vidro que dava para a sala de banho e tosa, por onde podia-se acompanhar o manejo estético feito pelos profissionais na hora do banho, assim como também havia uma grande janela na entrada, antes da porta que dava acesso à loja, que dava para o espaço de socialização dos cães.

Enquanto esperava pelo adestrador para entrevistá-lo, na ocasião ele havia se ausentado do trabalho em função da fuga de seus *pets* devido a abertura de seu portão que havia quebrado, observei os produtos nas prateleiras e me ambientei com o espaço. Era fim de tarde, um por um, os humanos chegavam para pegar os *pets*, faziam o pagamento, tiravam alguma dúvida sobre o comportamento do animal e se despediam. Mais uma cliente chegou para pegar Segundinho, como ela mesma se referiu ao animal, e logo em seguida veio o funcionário do Centro trazer um Bulldog enorme, mais de 30 quilos, sua humana disse. Conversou um pouco com o funcionário, como eu estava prestando atenção, ela também se dirigiu a mim enquanto falava, eu concordava, o funcionário a explicou que o *pet* já estava *melhorando* na *daycare*, já participava das atividades e ficava menos cansado. A humana se questionou sobre a alimentação que estava oferecendo para o *pet*, e o funcionário disse que não havia problema algum em o animal ser *gordo*, se ele estivesse saudável e fizesse exercícios, passeios e caminhadas, não havia problema. A humana concordou e precisou levantá-lo do chão para irem embora.

Outro cliente chegou com um saco à mão, anunciou na recepção que estava vindo buscar um poodle e que queria falar com o Renato para ensiná-lo a “usar a coleira corretamente”. O funcionário e sócio do estabelecimento perguntou se ele estava com a coleira em mãos e disse que poderia ajudá-lo, já que Renato havia tido um contratempo e não estava lá naquela ocasião. Foi quando percebi que o adestrador não iria chegar a tempo. Esperaram mais um pouco e o *pet* chegou, muito agitado, usava uma coleira peitoral. O humano se queixava de que o *pet* não

“sabia andar de coleira” e que o adestrador tinha sugerido a coleira do pescoço, mas ele estava com “receio de machucá-la”. O sócio acalmou o tutor enquanto tentava colocar a coleira no *pet*, muito agitado. O tutor afirmou que já havia tentado passear com o *pet* na coleira do pescoço, mas o *pet* apresentava uma tosse e ficava ofegante e por isso não insistiu mais. O sócio explicou que este tipo de reação é normal, que poderia ser um problema na traqueia, mas que não era o caso, o *pet* apenas não estava acostumado e por isso fazia uma espécie de *reclamação* ao tossir. O homem ficou atento ao sócio e seu *pet* caminharem entre as prateleiras, apreensivo com a tosse do *pet*, que aos poucos foi diminuindo até o *pet* parar de tossir. O sócio insistiu para que o homem treinasse em casa e no passeio, andando com o *pet* e a coleira do pescoço, que logo teria resultados positivos.

Outros clientes chegaram, pegaram seus *pets*, pagaram, olharam alguns produtos em volta e foram embora. Mais uma vez a moça me abordou, já fazia 40 minutos que estava à espera do adestrador. Ela me trouxe a notícia que ele só retornaria mais tarde, que o portão de sua casa quebrou e seus cachorros haviam saído pelas ruas do condomínio que mora e seu vizinho teria colocado eles de volta, mas que era preciso consertar o portão e isso demandaria tempo. *Sem problemas*, eu disse, *marcarei com ele outra visita*. Agradei, dei mais uma olhada em volta, toquei nos chifres e os senti leve, o que eu não esperava por ter a expectativa de um produto mais robusto, e fui embora. Saí da área climatizada e o portão de ferro destrancou-se, fui embora.

Mais tarde naquela noite o adestrador me enviou mensagem *online* se desculpando e então marcamos uma outra visita, e dessa vez nos conheceríamos pessoalmente.

Como se tratava de uma sexta-feira, esperei passar o final de semana e entrei em contato novamente no começo da semana, na segunda-feira ele estaria ocupado, mas terça-feira pela manhã daria certo, *então combinado!* Havia visto no Instagram do Encãotro que no mesmo dia a tarde aconteceria uma palestra sobre *Posse responsável de animais*, ministrada por um veterinário, na escola da câmara municipal de Natal, imaginei que seria uma oportunidade interessante de conhecer pessoas interessadas e observar o discurso envolvido na tutela do animal de companhia, evento este que participei e registrei no próximo capítulo.

Acordei cedo na terça-feira e fui até o Petlovers, dessa vez não precisei no GPS, e nem ouvi os latidos. Se não soubesse que naquela rua tinha um Centro de Cuidados Caninos, provavelmente passaria despercebido.

Toquei a campainha, o portão destravou e abriu, entrei na sala climatizada, o labrador não estava por lá, o sócio estava na recepção e me recebeu, anunciei que estava lá para conversar com Renato e ele foi chamá-lo.

Vi alguns petiscos em formato estranho, parecia pequenas sementes no balcão e o Renato chegou. Abriu um sorriso e estendeu sua mão para nos cumprimentarmos, *finalmente né?*, respondi que sim também sorrindo. Perguntei se estava tudo bem com seus cachorros e ele acenou positivamente, disse que precisou trocar a fechadura do portão, por isso não pôde me atender naquele dia, respondi que estava tudo bem, e que agora poderíamos conversar. Ele logo perguntou se eu gostaria de conhecer as dependências e eu claro afirmei que sim. Peguei o gravador e ele me guiou pelo espaço que o animal percorre ao chegar à *daycare*.

Passamos por uma sala com algumas cadeiras e móveis sem uso, abriu uma porta e me mostrou o lugar onde os animais ficam antes e depois da parte estética. Os animais de pequeno porte ficam em gaiolas menores, onde havia uma pequena Shitzo, empilhadas na parede, e os animais de porte maior, em baias maiores, do outro lado. Explicou que os animais de pequeno

Figura 10: Ilustração planta baixa Petlovers.

porte e de pelo grande ficam nas gaiolas menores para não se sujarem antes ou depois da parte estética, e enfatizou que esta não era sua área. Abriu a porta que dava acesso a uma grande área demarcada por muros a meio metro e portões, uma casinha, algumas árvores e uma pequena piscina, e disse “bem-vinda ao meu escritório”.

Não entramos nas áreas em que os animais estavam para não atrapalhar a atividade que a monitora estava fazendo, estimulando eles a correr e sendo acompanhados por onde fossem. O

adestrador explicou que durante a *daycare* os animais não ficam sozinhos e são estimulados física e mentalmente durante toda a estadia.

Apoiamo-nos na mureta, um grande labrador veio em nossa direção, lambeu minha mão, e demos início à entrevista. Havia feito um roteiro de perguntas, mas a conversa foi fluindo e mal lembrei do caderno. Conteí um pouco sobre minha pesquisa, minha trajetória, algumas experiências particulares com animais de companhia – uma tendência durante a pesquisa de campo, as pessoas geralmente se interessam em saber minhas motivações, se possuo animal de companhia, etc.

Na medida em que iniciamos a conversa, questioneí sobre o trabalho que ele exercia no Petlovers, explicou que

“Eu faço um trabalho de consultoria comportamental. Que nada mais é do que uma transferência de conhecimento. Uma transferência de Know-How. Pra gente tá resolvendo problemas comportamentais ou até mesmo ‘Ah eu sou pai de primeira viagem não sei o que fazer, não sei como organizar as coisas pra ele aqui, não sei o que dar, não sei o que...’ De nutrição até comportamento a gente trabalha. Por quê? Porque eu não consigo separar bem-estar, qualidade de vida, nutrição, de comportamento. Comportamento tá ligado a tudo, né? Então a gente não consegue separar isso. Então na minha consultoria eu tenho desde orientações com relação à nutrição até comportamental”

Questionei como funcionava essa consultoria na casa dos tutores,

“A gente organiza o ambiente de forma a favorecer o cão a fazer, por exemplo, xixi e cocô no lugar certo, tá? Porque a gente humaniza por um lado e desumaniza por outro. Quando é pra humanizar a gente não humaniza e quando é pra desumanizar a gente humaniza. Por exemplo, a gente quando vai definir pra o filho que ele tem que fazer xixi e cocô no banheiro, a gente vai leva ele pra o banheiro e define que aquele banheiro é o dele, com o cão a gente não faz isso. A gente deixa ele escolher o lugar. Quais os lugares que ele vai escolher? O lugar que mais atenda a necessidade instintiva dele. Qual é essa necessidade instintiva? De fazer xixi e cocô longe de onde ele come, de onde ele dorme. E se esse lugar, longe de onde ele come, longe de onde ele dorme, for um tapete, por exemplo, que ele faz xixi e o tapete absorve, fica limpo. Se ele faz cocô vem alguém rapidamente e retira. “Então é ali que eu vou fazer” porque fica limpo. Isso ele vai tá atendendo a necessidade instintiva dele de (...) chega a se distanciar quilômetros pra poder realizar as suas necessidades fisiológicas.”

Também contou um pouco mais sobre sua trajetória profissional,

“Sou enfermeiro, mas sou cinotécnico pelo canil da polícia. A do Distrito Federal. E me especializei em comportamento, sou membro diretor da F.B.A que é a Federação Brasileira de Adestradores de Animais e sou adestrador de animais. Hoje é uma especialidade do adestramento a parte de comportamento. Não tem como você trabalhar com adestramento sem entender muito bem comportamento”

Em seguida, Renato explicou sobre as demandas dos tutores, principalmente em relação aos “pais de primeira viagem” como se referiu às pessoas que estavam cuidando de animais de companhia pela primeira vez e recorriam ao seu trabalho para aconselhamento. Em suas palavras,

“Filhote, pais de primeira viagem e... Que estão loucos... Sem saber o que fazer com o cão que está urinando e defecando tudo dentro de casa. E aí a gente tem um grande problema que é a questão... Eu não sou a favor do que é feito, que é: você manter o cão em casa durante quatro ou cinco meses, sem sair, porque tem que tomar, tem que completar o quadro e vacinar. Isso a gente perde uma janela neurológica, uma janela cognitiva importantíssima para o animal nessa fase. É nessa fase que a gente tem que apresentar o animal (pro mundo). A gente coloca ele dentro de um apartamento e diz que ele não vai sair porque ele ainda não tomou uma vacina, a gente vai interromper esse processo de desenvolvimento. Isso é horrível para o cão adulto”

Continua,

“É horrível para o tutor que, se ele conseguir permanecer com o cão durante esses quatro, cinco meses, ele é um guerreiro. Ele ama de fato seu animal. Ele vai defecar tudo dentro de casa, ele vai urinar tudo dentro de casa, ele vai destruir tudo dentro de casa. Então o meu trabalho é justamente mostrar para as pessoas que tem como”.

Seu trabalho, dessa forma, envolve ensinar aos humanos como interpretar o animal do que educar o animal para o ambiente dele. Ao considerar-se como “porta voz dos animais”, capaz de fazer os tutores compreendê-los, assume uma posição de mediador entre tutor e *pet*, já que “essa comunicação é prejudicada e ela é falha. Porque que ela é falha? Por causa daquele que a gente tava acabando de falar. Que é a humanização”. Em suas palavras, a humanização é um problema, pois

“As pessoas tentam conversar com o animal, se comunicar com o animal através de palavras e o resultado não vai ser legal, porque o cão começa a não entender e ele passa a assumir um comportamento de latir pra poder ter a atenção. Porque ele sabe que quando ele late a pessoa automaticamente olha pra ele, então ele passa a latir pra conseguir tudo que ele quer e o latido é um problema, por exemplo, dentro de um apartamento.”

Apontou para um *pet* que estava correndo e disse que sua família precisou mudar-se por causa do comportamento agressivo e dos latidos, mas agora o *pet* estava mais sociável e tranquilo, seus tutores não tinham mais problemas. Além desse exemplo, na medida em que conversávamos, o adestrador trazia mais exemplos que se relacionavam com o método e resultado do trabalho,

“A gente trabalhando dessa forma mentalmente a gente consegue que o cão atinja um equilíbrio bacana ao chegar em casa à noite né? Muito deles vêm de manhã e voltam à noite. Existem cães de uma complexidade maior que estão aqui, inclusive esse Cadu, altamente agressivo em casa mordendo o dono, mordendo as pessoas que chegavam, me mordeu, mordeu algumas pessoas aqui, a veterinária. E hoje a gente tem um cão totalmente equilibrado, totalmente sociável, um cão que brinca, um cão que recebe toque, que recebe contato e já não tem mais aquela necessidade de ser agressivo”

Em outro exemplo,

“Olha isso aí que ela (Maiara/monitora) fez em Cadu. Você viu que ela jogou água aqui e botou água... Isso era impossível, a dois meses atrás. Foi preciso um trabalho de reabilitação pra poder tá aqui e agora tá no adestramento e no Daycare”

Fiquei curiosa em relação ao passo a passo dos procedimentos de adestramento e sobre o ABC (escolinha que ensina comando básicos). Em suas palavras,

“Como é que funciona o DayCare? O DayCare é um local... Primeiramente o que a gente pensou? Existe hospitais, existe salão de beleza, existe hotéis muito mal organizados, mas existia já hotéis; A única coisa que não existia era uma escola, uma creche. Que eu pudesse deixar meu cãozinho pra que ele não ficasse em casa destruindo tudo e pudesse estar num lugar socializando com outros animais, podendo expressar comportamentos naturais dele, aprendendo a expressar esses comportamentos naturais. Porque muitos cães passam 2, 3 anos da vida e não têm contato com uma caixa de areia como a gente tem aqui, tá? Que é pra eles poderem se expressar dentro de uma memória instintiva, sabe? Essa necessidade de roer, necessidade de caçar, necessidade de cavar, texturas, a gente tem as caixas de brita aqui também. Justamente pra gente poder trabalhar essa parte sensorial do animal.”

O adestrador contou que este serviço já é uma tendência em São Paulo, assim como havia afirmado a tutora Lurdes, e acrescenta que “a gente não se coloca nessa categoria de *pet shop*. A gente se coloca na categoria de centro de cuidados”. Em relação aos serviços, conta que,

“A gente tem aqui três modalidades de atendimento em relação a comportamento e adestramento. Nós temos o ABC Canino, que são dez aulas que a gente vai tá fazendo esse tipo de estímulo, a gente vai ensinar uma obediência... aquilo que é funcional, que não vai ter necessidade daquele tutor. Tipo ‘Renato, quero que ele suba as escadas lá em casa e ele não ta subindo’. A gente vai criar uma situação de forma a treinar ele”

O ABC canino, nesse sentido, toma como base para a educação do *pet*, além dos comandos básicos, o treinamento de situação que são relatados pelos tutores como uma necessidade para o animal, como subir escadas. O ABC é o primeiro contato do animal que nunca foi adestrado a comandos básicos, em seguida ele pode participar de adestração mais avançada e até do projeto do Renato de terapia assistida, onde ele treina cães para assessorar humanos com limitações motoras ou em tratamento, por exemplo, em hospitais ou ONGs.

O adestramento é outra modalidade de atendimento, cujo objetivo é o de “Criar uma obediência mais ornamental. Uma coisa mais para que as pessoas entendam que aquele cão ele é adestrado”. Ou seja, comandos como *senta, fica, deita, pega*, dentre outros comandos básicos. E a última modalidade de trabalho, é a hospedagem. Explica,

“A hospedagem, de uma forma diferente tá? Porque a nossa hospedagem ela é diferente de todos os outros lugares. Nós não temos baia, gaiola, essas coisas pra deixar os cães, os cães ficam soltos. Exige um manejo diferenciado. Por exemplo, os machos que vêm pra cá todos são castrados, têm que ser castrados”

Questionei sobre o consumo para *pets*, já que a loja possuía uma diversidade de produtos, inclusive os chifres. Ele tomou um tempo, respondeu que dependendo do tipo de consumo, do tipo de produto, não havia problemas em consumir. No entanto, em suas palavras,

“Dependendo do tipo de produto que ele esteja usando, tem um impacto comportamental muita das vezes irreversível, tá? Porém a gente tem uma proposta

diferenciada nesse sentido. A gente tem roupinha, a gente tem essas coisas aqui, porém do jeito que a gente tem essas roupinhas a gente tem um chifre de boi. Que a gente bota pra fazer enriquecimento”

O uso do produto poderia ter um impacto negativo ou positivo no animal, independente daquilo que se consome para ele. Afirmou que seus produtos eram diferenciados, que buscava orientar os consumidores sobre o uso, e a qualidade dos produtos também ajudavam a oferecer aos animais reforços positivos, sem prejudicar o comportamento do animal. A ideia de uma proposta diferenciada é pautada no enriquecimento ambiental, que dentre outras coisas, parte da perspectiva do animal.

“O laguinho aqui também faz parte do enriquecimento ambiental físico. Esses piquetes também são enriquecimento ambiental. A casinha também é. Essas palmeiras são também enriquecimento. Tudo que tem dentro de um ambiente que os cães exploram de uma forma a estimular a memória instintiva deles e criar atividade é enriquecimento”

O grande carro chefe do seu trabalho era o enriquecimento ambiental, onde o objetivo é tentar (re)criar o ambiente mais próximo ao natural para estimular física e mentalmente os animais. E, nesse sentido, o chifre atua nessa direção. Me explicou como se dava a utilização do chifre e disse que é um sucesso entre os tutores, já está na segunda remessa, e o distribuidor era do sul do país.

Na medida em que a humanização soa como um problema que afeta o comportamento do animal, o método de enriquecimento tende a ir na contramão, mesmo sem estar completamente fora da lógica humanizada que, primeiramente, faz com que ao animal seja disponível àquele serviço, que ele passa a usufruir por uma escolha de seus tutores. O adestrador contou sobre algumas ferramentas que também fazem sentido se pensarmos o que irei sugerir por consumo criativo, que será abordado no capítulo seguinte, quando diz “A gente pega umas caixas de papelão que a gente coloca comida dentro e oferta a comida através de uma dificuldade, criando uma dificuldade pra ele acessar a comida, entendeu?”. Em outro trecho,

“A gente tem a caça ao alimento né? Que é com caixas. A gente usa também sorvete de ração, sorvete de citronela, sorvete de carne, sorvete... A gente pega ração e coloca num depósito e coloca suco verde ou então suco de fruta normal e coloca no congelador aí fica uma plataforma de gelo. A gente quebra e joga pra eles e eles adoram”

Os obstáculos, a dificuldade, percorre um caminho inverso ao da humanização, quando, principalmente na vida urbana, dentro da casa de seus tutores, os *pets* não precisam caçar seu alimento e nem construir abrigos, ao animal está disponível o pote de ração, seus brinquedos, sua *caminha*. O adestrador continua,

“A gente vai com os graus de dificuldade, sabe? E aí temos o enriquecimento ambiental físico, gustativo e o neuropsicomotor. Que a gente coloca alguns obstáculos e faz atividade com os cães com o objetivo de criar fendas neurológicas no animal e ele poder fazer isso no dia a dia, na escadaria do prédio, em casa pra subir no sofá, em casa pra subir numa plataforma, entrar no carro ou sair do carro, tudo isso ele precisa aprender de uma forma diferente (...) pra poder na prática ele poder fazer isso aí, entendeu?”

Continua,

“Mas o que a gente tem de intuito maior aqui é tá atendendo uma necessidade básica do animal que é atingir a cota diária de exercício. Esse exercício, Renato, ele é físico? Não, ele não é físico. Ele é um exercício muito mais mental do que físico.”

Vimos no início do capítulo que algumas síndromes psicológicas podem vir a atingir o comportamento do animal, como a SASA. E, nesse sentido, a preocupação em trabalhar um método que atente para tais necessidades se faz presente no universo *pet* em Natal/RN. Na medida que o método se afasta da humanização, no sentido de proporcionar ao animal estímulos ditos “naturais”, os animais retornam às suas casas, onde os tutores humanos podem praticar exercícios, como subir as escadas, em contexto de humanização. Ainda segundo o adestrador,

“Porque a gente humaniza por um lado e desumaniza por outro. Quando é pra humanizar a gente não humaniza e quando é pra desumanizar a gente humaniza. Por exemplo, a gente vai definir pra o filho que ele tem que fazer xixi e cocô no banheiro, a gente vai leva ele pra o banheiro e define que aquele banheiro é o dele, com o cão a gente não faz isso. A gente deixa ele escolher o lugar. Quais os lugares que ele vai escolher? O lugar que mais atenda a necessidade instintiva dele. Qual é essa necessidade instintiva? De fazer xixi e cocô longe de onde ele come, de onde ele dorme. E se esse lugar, longe de onde ele come, longe de onde ele dorme, for um tapete, por exemplo, que ele faz xixi e o tapete absorve, fica limpo. Se ele faz cocô vem alguém rapidamente e retira. “Então é ali que eu vou fazer” porque fica limpo. Isso ele vai tá atendendo a necessidade instintiva dele de (...) chega a se distanciar quilômetros pra poder realizar as suas necessidades fisiológicas.”

O adestrador aponta um fato interessante, a contradição inerente à humanização de animais. Por um lado, humanizamos, por outro lado desumanizamos. Segata (2012) lembra que para além de colocar a humanização do animal em pauta, é interessante pensar os humanos como animais que somos. E talvez a contradição maior se instale na relação animal/animal que deixa à vista e encoraja certos comportamentos humanos, na mesma medida que cobre à vista a lida com comportamentos menos humanizados, mau cheiro, latidos, mordidas, desejos, desobediência, agressividade, e outros comportamentos mal compreendidos pelos humanos, embora também animais.

Alguns animais estavam deitados pelo espaço, e o adestrador afirmou que o objetivo é cuidar desses animais, estimulá-los para que quando eles voltem para suas casas ou

apartamento, no final da tarde, estejam descansados, tranquilos e desestressados. Demanda esta que também parte dos tutores, que os animais fiquem mais tranquilos para a convivência.

Me interessei em saber sobre o labrador que estava na recepção da outra vez que havia visitado o centro, e ele disse que se tratava de Love, uma labradora que “pertencia” à loja, seus tutores eram seus sócios e ela passava muito tempo no *daycare*, como uma espécie de mascote.

Perguntei como funcionava para utilizar os serviços, e ele não falou sobre valores, mas afirmou que funcionava como uma espécie de aquisição de pacotes de 3 meses, 6 meses, uma vez por semana, duas vezes por semana ou diárias, dependia da demanda do cliente. Segundo ele, havia apenas duas *pets* que frequentavam o *daycare* diariamente, apontou para elas, em um outro ambiente e explicou que moram em apartamento e que estão no centro sendo adestradas, mas que chega a receber de 20 a 30 animais por dia.

Cada animal participa de atividades específicas, passam por uma avaliação veterinária antes de entrar no centro, que só se aceita animais castrados, e apenas cães.

Ele me fez várias perguntas também, sobre minha formação, sobre a pesquisa, sobre teoria, sobre minha relação com os animais. A monitora nos interrompeu, estava em seu horário de almoço e precisava sair, Renato ficaria em seu lugar.

Ao final, perguntei se ele tinha animais de companhia e ele respondeu 4, dois cachorros, e dois répteis. Explicou-me um pouco mais sobre os répteis e precisou se despedir, estava no horário de almoço da monitora e ele precisava tomar seu lugar na lida com os animais. Disse que poderia entrar em contato caso quisesse conhecer os répteis em sua casa e eu aceitei a proposta, afinal seria uma oportunidade de conhecer a possibilidade de tratar répteis como animais de companhia. E, ao nos despedirmos, me levou até a recepção e perguntou se ele poderia ir à defesa de mestrado, acenei positivamente e deixei o local em direção à palestra.

2.2.2. “Você vê uma resposta positiva do cão e isso te estimula bastante”

Como indicado no início do capítulo, conheci esta iniciativa, em particular, através do evento Encãotro. A primeira vez que conversei com Tathianne falamos sobre Jean, o labrador em sua companhia. Ele estava cercado por crianças e outras pessoas lhe fazendo carinho, entre elas, eu. O *pet* usava uma espécie de coleira que se assemelhava a uma focinheira, e perguntei

à tutora o motivo pelo qual ele estava usando, se ele era tão dócil, foi aí que ela me esclareceu a diferença, e disse que o tipo que ele usava era para adestramento.

Mas foi somente em outro encontro, no Arena das Dunas, que fui apresentada aos adestradores, Tathianne e Ênio, acompanhados de um cliente *pet*, Tieta, e do Jean. Naquele dia peguei o contato de Tathianne, conversamos um pouco e ficamos de marcar uma visita. Alguns meses se passaram, após algumas tentativas frustradas de conversarmos, devido ao tempo corrido dos adestradores, combinamos via aplicativo de mensagem instantânea uma visita ao Cãoportado.

Tathianne mandou a localização e justificou que não pôde me responder antes porque estavam envolvidos em seminários e muito trabalho, *compreendo*, disse, e ficou acertado que iria até a casa deles pela manhã de um feriado.

O bairro é residencial, fica na zona sul, não havia indicação de que ali se trata de uma hospedagem e *daycare* (ou creche).

A adestradora me guiou até a parte lateral; ao fim da casa havia algumas árvores e o piso era de areia, tinha um cercado ao redor da piscina, que ficava no fundo da casa, e na varanda, ao lado da entrada para a cozinha havia um tapete de grama sintética e uma casa para cachorros. Tathianne me dizia que este feriado eles estavam com mais tempo livre, iam aproveitar para ajeitar as coisas, limpar a piscina, consertar o que precisava e se organizar.

Levou-me até a cozinha, sentei à mesa e ela me ofereceu café, era cedo, umas 10 horas. Um pequeno *pet* apareceu, todo agitado, foi logo me cheirando. Já conhecia um dos *pets*, Jean, labrador que eles adotaram no ano corrente, do Renato, adestrador do PetLovers, que não estava com tempo para cuidar de mais um labrador. Ele estava em uma baia que tive acesso pela área de serviço, da cozinha pude interagir com ele, que ficou animado com minha presença, imaginei.

Figura 11: Ilustração Cãoportado.

Figura 12: Ilustração planta baixa Cãoportado.

Havia mais outros dois *pets*, Rubi, labradora, que segundo sua tutora, é a razão do Cãoportado ter começado, e Alice, uma Shitzo, cliente, que estava hospedada, e que foi me cheirar. Como ela estava dentro de casa, perguntei se ela dormiu com eles, e Tathianne respondeu que sim, que alguns animais que estão acostumados a ficar no quarto com seus tutores também ficam com eles no quarto.

Tathianne explicou que Alice se dá muito bem com Rubi e que é muito ágil, estava, inclusive, treinando *agility*⁵⁵ com ela. Perguntou se eu tinha visto os vídeos que havia postado recentemente com Alice

praticando *agility*, e respondi que sim; de fato

havia visto os vídeos com Alice no perfil da empresa no Instagram, o *pet* demonstrava muita habilidade.

Na sala não havia móveis, apenas um tapete de grama sintética, alguns aparelhos do *agility* e um sofá; uma porta pequena restringia o acesso à escada para o segundo piso. Começamos a entrevista, na mesa da cozinha, depois de servir o café.

Perguntei, inicialmente, sobre a motivação para o empreendimento, Tathianne respondeu que “Tudo começou, na verdade, com Rubi, né? Ela mudou tudo. Ela está com 3 anos, aí desde que ela chegou eu comecei a estudar mais sobre linguagem canina, até entender mais e me comunicar melhor com ela”. A adestradora contou que comprou Rubi ainda na “barriga da mãe”,

“A gente escolheu os pais né, a cruza. Ai quando ela tava assim próxima de chegar, eu me desesperei (risos), ‘meu deus, que loucura que eu fiz, um labrador morar no apartamento! Esse cachorro vai chegar aqui e vai comer o apartamento inteiro’. Aí eu comecei a estudar bastante sobre adestramento, fiz curso online, li bastantes livros. Comecei a entender um pouco como é que funcionava a cabeça do cachorro. E assim,

⁵⁵ *Agility* é uma modalidade de esporte onde animais e humanos interagem através da superação de obstáculos diversos para os animais guiados pelos tutores.

isso fez toda a diferença pra mim. Melhorou minha comunicação com ela, eu consegui ensinar comandos, e.. ela acabou ficando bem-comportada dentro do apartamento”.

A necessidade da recém tutora é muito similar às necessidades relatadas por demais tutores, sobre como lidar com o animal em apartamento, demanda esta que o adestrador Renato atribui aos tutores “de primeira viagem”, e por isso passam a pesquisar sobre comportamento canino. No caso de Tathianne, o que dá início como uma demanda de uma recém tutora, vai além, o conhecimento sobre adestramento se torna sua profissão, o que a proporcionou entrar em contato com a rede de adestradores local, como explica,

“Com relação aos adestradores, depois que a gente começou no ramo, a gente começou a fazer mais contatos com adestradores, né? Geralmente a gente busca quem segue a mesma metodologia da gente, que é o adestramento positivo. Claro que tem outros adestradores que utilizam outras metodologias. Como metodologias punitivas, por exemplo, mas nosso método mesmo é o adestramento positivo, ou seja, reforçar o cão sempre que ele acertar, para que ele tenha vontade de acertar, que não seja uma obrigação para ele. Ele faz aquilo porque quer fazer. E aí ele faz muito melhor”.

Ênio, seu companheiro e parceiro de empreendimento desceu, contou que naquele dia eles receberiam um novo hóspede para uma avaliação, que consistia em acompanhar a reação do *pet* por aproximadamente 40 minutos no local interagindo com os outros *pets*, o tempo todo supervisionado, mandando vídeos para os tutores, para em seguida conversar com os tutores sobre o comportamento do *pet*. Disse que os tutores precisavam deixar o *pet* hospedado alguns dias, pois iriam fazer uma dedetização na casa. Em suas palavras,

“Geralmente é assim, na avaliação eles vêm e ficam 40 minutos a 1 hora aqui, aí o tutor nem entra, a gente faz vários testes, primeiro a gente vai ver no começo se ele chega.. lógico, vai passar um tempão investigando tudo, depois a gente fica vendo se ele faz número 1, 2, pra ver o nível de estresse. A gente fica medindo o nível de estresse deles, o tempo todo”

Depois que o novo cliente chegou, o Ênio passou a acompanhar o animal e revezava Rubi e Alice para socializar com o Beagle. Por algumas vezes o *pet* passou pela cozinha atrás de Rubi. Depois foi deixado sozinho no ambiente para se observar a reação dele.

Perguntei sobre como se deu o envolvimento do Ênio como adestrador, já que até agora ela havia falado sobre sua própria experiência,

“ Ele.. na verdade, eu comecei estudar e aplicar, e quando ele viu ‘nossa, realmente tá dando certo!’. Aí começou a se interessar também. A gente percebe quando o cão.. você vê uma resposta positiva do cão e isso te estimula bastante. A gente também vê muito isso com os clientes, é... a gente sempre gosta que os clientes participem da sessão”

Nesse caso, o Ênio foi incentivado a investir em uma nova profissão na medida que se interessava pelos resultados positivos na prática do adestramento com o *pet*, o que, segundo a

adestradora, também incentiva os tutores, bem como incentivou ela própria ao ponto de profissionalizar-se.

Passamos a falar sobre os serviços, os procedimentos, sobre sua relação com Rubi, e ela contou que sua mãe não queria o *pet* por achar que ela não cuidaria, já que quando era criança pedia para ter animais, mas quem cuidava era sua mãe.

Sobre os serviços, a adestradora contou que eles também atendem outros animais,

“Depende do serviço, por exemplo, agora estamos atendendo dois gatos que vamos na casa, troca a areia, bota comida, e tudo. Inclusive um dos gatos, ele (Ênio) conseguiu interagir mais com os gatos. Ele fez até um vídeo com eles. Não conheço os gatos não, ele que vai. Ai no vídeo que ele fez esses dias, ele chama o gato e manda ele subir no negócio aí o gato sobe, aí faz highfive, dando a patinha... é bem legal”.

Ela continuou falando que a proposta do Cãoportado em ser uma hospedagem onde o animal “fique confortável”, como se ele estivesse “em sua família”, e reiterou que alguns dormem com eles, como Alice. E continuou falando sobre os procedimentos,

“ É... assim, para ficar hospedado tem o protocolo de saúde e o protocolo comportamental. Ai no protocolo comportamental a gente pede para que traga o animal aqui, passe em torno de 40 minutos com a gente. Ai a gente vê como o animal reage sem o dono; o dono deixa e sai. Aí vemos como o animal reage ao ambiente diferente, com outras pessoas...”

Ênio entrou na cozinha, e completou que “geralmente, na avaliação o tutor nem entra. Pego na rua, dou uma voltinha e entro pra não ter essa despedida e não ficar nenhum cheiro do tutor na casa”. Tathianne prosseguiu,

“Às vezes, quando o dono entra e vai embora, o animal fica mais ansioso, não quer sair do portão, aí fica mais difícil pra gente avaliar. Ai geralmente a gente pede para que o dono só entre na volta, quando vem pegar. Ai a gente entra, conversa, mostra os vídeos que a gente faz durante a avaliação”

Vemos, dessa forma, que existe um ritual que precisa ser seguido, de acordo com cada caso, é claro, para a lida com o animal em contexto de consumo. Os adestradores e os tutores precisam seguir uma linha de comportamento, a partir da análise que fazem do comportamento do animal, para atingir determinados resultados que englobam também as demandas dos tutores.

Além do serviço de hospedagem, segue o relato, “a gente tem serviço de creche, que é a *daycare*, como a gente chama, e tem os serviços também de adestramento, são os principais serviços”. Continua,

“Por exemplo, na creche é o seguinte, o cão chega aqui por volta das 7 horas da manhã, mais ou menos, certo? Na hora que o dono sai para trabalhar, passa e deixa, e aí pega só no final do dia, lá pras 18h, 19h da noite. O cão passa o dia inteiro com a gente socializando e a gente faz brincadeiras com eles, como colocar gelo, que é um enriquecimento ambiental sensorial, faz caça ao tesouro pra estimular a caça deles,

fazemos diversas brincadeiras com eles durante o dia. E é muito estímulo, tanto físico quanto mental.. e social também, pros cães. Quando é cliente do adestramento, aí a gente vai alguma vez, durante o dia, ou fica fazendo comando com eles com bastante distração, no meio dos outros cães, fica pedindo para sentar, deitar. Ou quando é uma sessão que precisa que o cão aprenda algo novo, que tem que ser em um ambiente com menos distração, aí trazemos eles aqui pra sala, separa, e faz alguns comandos, filma também, manda pro dono, isso é mais pra clientes do adestramento”

E, nesse sentido, podemos observar um aspecto da rotina dos clientes *pet*, elaborada a partir das atividades dos tutores, e incorporada às negociações e projetos futuros, como os tutores que deixaram seu *pet* para avaliação, parte do procedimento de hospedagem, para que pudessem dedetizar o ambiente em que vivem. E, nesse sentido, podemos observar a categoria de animais domésticos se sobrepor aos animais indesejados, por uma questão de conservação daquele.

E dada a complexidade das negociações, os serviços têm suas restrições, como afirmou Tathianne, que “A gente tem algumas regrinhas para receber, né? A cadela não pode estar no cio, o animal tem que ser sociável, ele tem que se dar bem com outros cães”. Além disso,

“por enquanto não temos nenhuma restrição quanto à castração. Contanto que o cão seja sociável com outro macho, porque o animal não castrado tem essa certa delicadeza, digamos assim. E que não fique, digamos assim, perturbando as fêmeas, querendo montar excessivamente. Para hospedagem a gente até recebe cães que montam demais, mas dizemos pro dono que não vamos deixar ele junto direto com outras fêmeas, a gente até junta, mas fica bem de perto, tipo chamando o cão, tentando tirar o foco. Mas se a gente percebe que está sendo uma situação estressante, aí a gente não junta. Porque assim, um cão que não é castrado tem a questão hormonal também, então quando eles estão na presença de uma fêmea, mesmo quando não tá no cio, alguns cães ficam muito ansiosos, ficam sem nem conseguir se controlar, quer montar, montar, o que causa estresse tanto pra fêmea quanto pra ele. Eu gosto de dar um exemplo, está você morrendo de fome do lado de uma churrasqueira sem poder comer (risos). Então causa um estresse no cão.”

Dado o contexto em particular, onde o Jean ainda não foi castrado, e por isso ainda aceitam animais que também não o foram, contudo, incentivam aos tutores sobre a castração, bem como pretendem castrar o *pet*; algumas regras possuem suas exceções, mesmo que temporárias. Como no caso do labrador Aquiles, um cliente *pet*,

“Por exemplo, aqui tem um labrador, Aquiles, e ele vinha e ficava justamente dessa forma que eu disse, de querer montar demais nas fêmeas, o que causava estresse muito grande pra ele, pras outras fêmeas e pra todos os outros cães, não só pra fêmeas, porque como rolava uns estresses entre elas, o Jean também ficava estressado, o próprio Aquiles ficava estressado. Então a gente não podia deixar eles juntos, avisamos isso pros donos, explicamos, falamos sobre a castração, pediu pros donos entrar em contato com o veterinário pra orientar melhor sobre a castração, perguntar o que ele acha, tudo... e aí eles decidiram castrar Aquiles”.

Assim como na conversa com o adestrador Renato, aqui também a tendência da consultoria comportamental por parte dos adestradores foca na troca de experiência e conhecimento entre os profissionais e os tutores, para então, a partir das demandas dos

humanos, poder atribuir comandos e ensinamentos aos animais que são, primordialmente, comandos que também serão ensinados aos humanos e farão parte da relação cotidiana ente tutor e *pet*.

Alguns clientes *pets* usufruem de mais de um serviço, segundo Tathianne “tem alguns clientes que vêm pra creche pra socializar e passar o dia, e fazer algumas sessões curtas e várias sessões ao dia. A gente fica mandando *sentar, deitar, junto, deixa*, todos esses comandos”.

Quando se trata da consultoria, Tathianne esclarece,

“As primeiras sessões fazemos na casa do cliente. Na verdade, a primeira sessão a gente nem interage com o cachorro. É só uma sessão de consultoria e avaliação. É uma sessão demorada, a gente passa 1 hora, 1 hora e meia com a pessoa, até mais, dependendo da situação. E aí, a gente passa toda uma noção básica de adestramento, comportamento canino, para que o dono entenda um pouco mais como funciona o aprendizado do cão, como é que funciona a cabeça do cão de forma geral. E aí a gente faz uma avaliação do ambiente em que o cachorro vive, de como é o relacionamento do cão com a família, vê o comportamento dele com a aproximação de pessoas estranhas”

A adestradora oferece diversos exemplos,

“Quando a gente está ensinando o cão a não pular, por exemplo, muitos apresentam esse tipo de comportamento. Porque o cão pula pra ganhar atenção, né? Tudo que o cão faz é em troca de algum reforço positivo. Então ele pula pra ter atenção, mesmo que seja brigando.. quando você briga com o cachorro está dando atenção, então você já está reforçando aquele comportamento. E como a gente corrige isso? A gente ignora o comportamento errado, ou seja, não dá atenção quando ele pula, ignorando totalmente, e também a gente pode ensinar um comportamento incompatível, por exemplo, sentar. Ou ele está sentado ou ele tá pulando, não tem como fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Então o cão vem, pula, pula, eu viro de costas, nem olho, às vezes tenta morder meu calcanhar, tenta de tudo, quando ele vê que não tá dando certo nada, ele vai e tenta cruzar com a perna da pessoa, então esse comportamento comum deles para chamar atenção”.

Além de exemplos referentes ao adestramento, a adestradora relatou exemplos de clientes,

“Tem clientes semanais. Na sexta é o principal dia, que é o dia da *cãofusão*. Aí é o dia que junta mais cachorro aqui, e a gente faz mais atividades com eles. Por exemplo, Duna, de Andrea, que é adestradora também, ela vem duas vezes na semana. Geralmente ela chega hoje depois do almoço e fica até amanhã depois do almoço. E na sexta também, ela chega de manhã ou de tarde e fica até o outro dia.”

Em outro exemplo,

“A gente tem uma cachorrinha, Laila, uma chowchow, coisa mais fofa, só que ela tem muito medo de outros cães. Ela perdeu a janela da socialização, que é muito comum disso acontecer por ser uma janela muito curta. Alguns dizem que vai até os 3 meses, outros dizem que vai até os 4 meses. Eu sempre digo que vai até os 4 meses, porque não é assim ‘chegou os 3 meses fechou!’. Não, é uma janela, mas ela vai diminuindo, diminuindo... então, o que acontece, muitos donos perdem essa janela, porque ela acontece mesmo na época em que o cão não tem todas as vacinas completas. É uma fase... principalmente quando vou atender filhote, eu foco muito nessa parte da socialização. Depois que o cão perde essa janela, não é que seja impossível socializa,

mas é muito mais difícil. Quando eu falo socializar, não é só com outros cães, é com diversos estímulos diferentes, outros cães, outras pessoas, outros ambientes, barulhos diferentes. Então é muito importante a gente apresentar diversos estímulos diferentes nessa fase de socialização.”

Em relação ao *pet* Laila, a adestradora observa como a “janela de socialização”, no caso, a falta dessa experiência, impacta o comportamento do animal, bem como a rotina do tutor,

“Com Laila a gente ainda está trabalhando, ela tem cinco meses, então fazia pouco tempo que ela tinha passado da janela de socialização. A dona tentou levar várias vezes ao Encãotro, a Invasão Pet, mas ela ficava tão assustada, que quando outro cachorro chegava, ela ficava se afastando com medo, a dona acaba sempre indo embora cedo”

Em seguida, a adestradora apontou entre os *pets* uma relação “de amizade”,

“A gente percebe que os cães que vêm pra cá, quando chegam, ou quando se encontram fora, os donos dizem que é outra reação diferente de quando eles interagem com cães que eles não conhecem. É bem interessante, a gente vê mesmo a amizade deles. Por exemplo, Rubi e Duna, que é a de Andrea, elas são assim muito amigas”.

Tathianne também falou sobre seu trabalho de conclusão de curso, quando fez uma pesquisa de mercado sobre a temática *pet* na cidade para pensar a sua empresa e, dentre outras coisas, construiu o perfil de seus clientes. Me animei com esta abordagem, pois são poucas as pesquisas sobre a temática *pet* no estado, pedi para que ela me enviasse depois o seu TCC, também seria uma oportunidade de entender o perfil de seus clientes. Ela concordou, mas me alertou que as coisas mudam muito rápido, muitos clientes novos haviam chegado depois do trabalho e ela percebeu mudanças nas demandas e no perfil dos tutores. Mas, as principais demandas continuam sendo para adestramento e *daycare*, ou creche, como chamam comumente.

Entre o revezamento de Rubi e Alice para interagir com o cliente novo, a adestradora explicou o seu método de trabalho, baseado no enriquecimento ambiental.

“O enriquecimento ambiental é utilizado para melhorar a qualidade de vida de qualquer animal que não está em seu habitat natural, como é o caso dos animais em zoológico e animais de estimação também. E não é só pros cães, é pra qualquer espécie, pássaros, felinos.. qualquer espécie que não esteja em seu habitat natural.”

Esclareceu também que para cada espécie o método deve ser focado no ambiente do animal, como no caso do cão,

“E aí a gente tem que pensar o enriquecimento ambiental de acordo com a espécie que vocês está desenvolvendo esse ambiente enriquecido, no caso os cães, né?. Então a gente tem que ver qual é a capacidade do cão de interagir com aqueles elementos que a gente está introduzindo, e pra isso a gente tem que ter um entendimento da história da espécie, da evolução, do habitat natural, dos comportamentos naturais da espécie”

O conhecimento gerado em torno da construção e aplicação do método, proporciona um maior entendimento do animal enquanto animal, mas na medida em que este animal vive em

contexto humanizado, tal aprendizagem, tanto para humanos como quanto para não humanos, equaliza os esforços de ambos. Então voltamos para a questão dos limites da humanidade e da animalidade.

A adestradora faz uma ressalva sobre a condição de vida do cão atualmente,

“Aí vamos pensar um pouquinho como é a vida do cão hoje em dia, dentro de casa. Antes eles viviam em fazendas, tinham que fazer pastoreio, guarda, em locais abertos, e, com o crescimento das cidades, as casas foram ficando menores, foram surgindo prédios, e o cão passou a viver no ambiente muito mais restrito, com menos possibilidade de gasto de energia, menos desafios, menos estímulos sociais também. Alguns cães passam até 12 horas do dia sozinhos sem nenhuma atividade, nenhum trabalho pra exercer. Porque, geralmente, a pessoa sai de manhã pra trabalhar e volta só à noite”

Essa situação impacta o animal, de forma que

“Eles passam o dia todinho sem nenhum estímulo. E aí, se a gente parar pra pensar, quando a gente está entediado dentro de casa, a gente tem o que fazer, a gente vai jogar um videogame, vai ler um livro, assistir um filme, olhar as redes sociais, o cachorro ele não sabe fazer nada disso, então, quando ele está entediado, o que é que ele faz? Dormir demais não é um comportamento natural da espécie, se o cachorro dorme demais, ele provavelmente está entediado, está triste, enfim... Então a gente tem que ter um pouco de cuidado e oferecer certos estímulos pra melhorar sua qualidade de vida”

O que leva a uma questão que considera resultado desse tipo de relação atual

“Então, um cão que tem uma vida pobre de estímulos, digamos assim, ele acaba se tornando um cão mais estressado, frustrado, ansioso, tudo isso causado devido ao tédio e ao acúmulo de energia, principalmente, e a falta de estímulo. E a partir disso, ele pode desenvolver vários problemas comportamentais, como a ansiedade de separação, latidos excessivos, comportamentos estereotipados ou até compulsivos, que são aqueles comportamentos repetitivos que acontecem sem nenhum motivo, por exemplo, cães que ficam correndo atrás do próprio rabo, ou ficam andando de um lado pra o outro, latindo pra liberar energia”

E nesse sentido, o serviço oferecido pelo Cãoportado busca amenizar os efeitos negativos que a humanização atual pode causar na esfera psicológica e física do animal, ao tornar o ambiente mais próximo ao “natural”, “desumanizam” os *pets*,

“e aí o objetivo do enriquecimento ambiental é oferecer estímulos físicos, mentais e sociais pro cão. Pra que ele possa desenvolver comportamento naturais da espécie e também dá a oportunidade dele escolher, por exemplo, se você tem um ambiente fisicamente enriquecido, ou seja, se você tem uma toca, um lugar pra ele subir, um lugar pra ele se esconder, enfim, você está dando a oportunidade de escolha pra ele, ou pode estar ali entocado, ou pode subir e descer um negócio, roer um brinquedo quando ele quer, então ele tem a oportunidade de escolha, e também de expressar comportamentos que são considerados naturais”

Esse processo em que o cão é apresentado, através do método de enriquecimento ambiental, atribui, em certa medida, autonomia ao animal. Mas, na medida em que vivenciam o processo de humanização em um ambiente mais consciente de sua animalidade, quando

retornam para casa com seus tutores depois de um dia inteiro no adestramento ou na *daycare*, os *pets* também podem continuar exercendo esta autonomia, a partir de estímulos conscientes por parte de seus tutores, como ao oferecer um comedouro do qual o animal precisa descobrir como obter o alimento, como diversas outras, sem que com isto haja ausência de antropomorfização, já que o método tende a recriar “natureza” no espaço doméstico, como um dos aspectos do processo de humanização/desumanização. E, nesse sentido, os adestradores exercem uma espécie de função mediadora entre tutores e *pets*, implicando em novas formas de comunicação e interação entre eles.

Na medida em que continuava esclarecendo sobre o método de enriquecimento ambiental, mostrou muitas fotos dos *pets* na hospedagem, e disse que os seus labradores tinham perfis no Instagram, e eu afirmei que sabia, já seguia eles em minha rede. Havia feito uma apresentação recente em um seminário e mostrou uma apresentação que fez, convidada por outro adestrador. Explicou os tipos de enriquecimento,

“Também, no caso, esses seriam os estímulos sociais. Porque assim, existem cinco técnicas de enriquecimento ambiental, o social, físico, cognitivo, sensorial e alimentar. Alimentar e cognitivos são os que eu considero, na verdade, todos, né, o social tem a questão da janela, que eu sempre dou ênfase que é muito importante, mas o cão tem que socializar não só nessa janela, e não é só com outros cães, é com barulhos, com pessoas, com ambientes, com tudo. O alimentar e o cognitivo, muitas vezes estão bem associados, porque, geralmente, a gente... o enriquecimento ambiental cognitivo, a gente faz, ou com brinquedos de quebra cabeça, tem uns da petgames, depois eu posso mostrar Rubi fazendo, onde a gente esconde a comidinha e ela vai ter que descobrir como vai tirar aquela comidinha dali de dentro”

Prossegue,

“Porque é um enriquecimento alimentar, e ele estimula a caça do animal. Se você for parar para pensar, o animal na natureza gasta entre 60% a 70% da sua energia caçando, buscando seu alimento. E em casa, a gente oferece na tigela, só que a tigela é muito pobre de estímulo. Você que, muitas vezes a gente bota.. o Jean em 20 segundos come tudo, não dá tempo de nada. E aí quando a gente oferece o alimento através do enriquecimento ambiental alimentar ou cognitivo, eles demoram muito mais tempo pra comer, gastam muito mais energia”

Apontou vários tipos de brinquedos que colaboram para o método do enriquecimento ambiental,

“A gente coloca na petbola, por exemplo, o cão vai lá, empurrando a petbola, correndo, gastando energia, trabalhando mentalmente também, porque ele tem que descobrir o que é que ele precisa fazer pra tirar comida ali de dentro, então também é um estímulo mental, muito forte pra eles. Só que tem um detalhe, algo muito importante pra o enriquecimento ambiental, a gente precisa ser criativo o tempo todo, mudando as formas de estímulo, porque senão o cão acaba se habituando com aquele estímulo e acaba perdendo o sentido, porque a gente quer algo diferente, sempre tentar apresentar algo novo pra o cão. Tem que estar sempre mudando o enriquecimento ambiental do cão. E aí, por exemplo, ‘ah, eu tenho o kong’, ‘excelente!’.”

A abordagem do trabalho deles, explicou-me, se baseia em criar alternativas mais econômicas e criativas para estimular o *pet* a estar conectado com sua *essência de animal* e ao mesmo tempo manter um certo equilíbrio comportamental para a convivência urbana, em apartamentos, em sua maioria.

Ao questionar sobre a comercialização de produtos em seu estabelecimento, a adestradora afirmou que não costumam fazer essa espécie de negócio por não ser o foco de trabalho deles, mas que às vezes, quando têm muitos produtos, repassam para seus clientes. Mostrou alguns produtos, entre brinquedos, estruturas para adestramento, instrumentos para o *agility*, dentre outros, que eles mesmo fazem e disponibilizam para os clientes. Bem como relatou o uso de itens mais “naturais” para enriquecer o ambiente do animal, como

“Por exemplo, o coco. O coco é ótimo, Rubi fica louca, faz tudo por coco. Aí é ótimo pra eles descascarem, roerem, destruírem; osso natural de boi, como canela, ou até mocotó, não tem problema de oferecer pro cão, sob supervisão, claro. É importante só você congelar de três a cinco dias pra matar qualquer bactéria, qualquer coisa, antes de oferecer pro cão. Não pode cozinhar, não pode fazer nada, porque isso acaba desgastando o osso e ele pode ficar mais frágil e soltar pedaços. Então o correto é oferecer o osso ainda com carne e cru, depois de um tempo que você congela”

Enquanto a adestradora relatava vários tipos de enriquecimento, produtos e brinquedos caseiros ou não, fazia sempre questão de deixar claro que ao ofertar algo para o animal, era preciso supervisionar a interação entre o *pet* e o item, em todos os casos. O que também implica

ensinar aos tutores como manusear produtos caseiros, como no caso do coco e do osso de boi, como conservar e ofertar para o animal.

Depois de conversarmos por 2 horas, ela foi até um quarto que fica ao lado da escada, que chama de “quarto da bagunça”, e trouxe uma caixa recheada de produtos, em sua maioria, brinquedos.

Fez uma pequena demonstração de adestramento com Rubi do lado de fora, na grama sintética. A fez sentar, esperar, disse que ela é “louca por petisco”. Pegou um dos produtos, chamado xadrez e a fez encontrar os petiscos que ficavam embaixo das peças, para isso, Rubi precisava tirar duas peças e deslocar outras

Figura 13: Ilustração de demonstração de adestramento, Tathianne e Rubi.

duas, e ela conseguiu em alguns segundos. Rubi deitou, se fingiu de morta, e ao sinal de sua tutora comeu os petiscos que ficaram na sua frente. Por último, a tutora a fez deitar, colocou 3 petiscos em cada pata e, novamente, ao seu comando o pet comeu rapidamente o petisco.

Quando voltamos para a cozinha havia mais outra pessoa lá, que ajudava eles em casa, perguntou se ela havia feito a demonstração da patinha, e dissemos que não, então Tathianne chamou Rubi para o seu lado, a fez sentar, ficar de pé, *patinha*, tocou na pata esquerda e o *pet* começou a mancar, todos que estavam na cozinha riram, a moça que havia pedido o truque afirmou que aquele era o preferido dela. Rubi ganhou mais petiscos.

Antes de ir embora, fiz carinho em Alice e comentei que era difícil não me apegar aos *pets*. Nesse momento Ênio contou uma situação em que ele costumava passear com um cliente *pet* todos os dias, durante dois meses, mas o *pet* e sua família mudariam de estado, no último dia de passeio, ele afirmou que quase chorou, e a outra moça que estava na casa disse em tom descontraído “chorou sim, que até veio falar comigo chorando”, todos riram.

Despedi-me dos *pets* e Tathianne me acompanhou até a porta, combinamos que manteríamos contato e fui embora.

2.3. APRENDIZAGEM E CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RELAÇÃO ENTRE TUTOR E PET

O universo aqui investigado corresponde a uma parcela de tutores de *pet* em Natal, havendo outras conexões, outros eventos, diversos outros tutores, diversos outros *pets*, outras iniciativas, outras formas de se comportar e de escolher produtos, bens e serviços para os *pets*. O movimento que esta rede percorre *online* propiciou os primeiros contatos, e a partir da relação estabelecida também *offline*, primeiramente com o *pet* Ayla, foi possível conhecer demais tutores envolvidos no universo *pet* local, mesmo que nem todos tenham sido entrevistados. Conversávamos nos eventos, interagíamos *online*, de maneira a criar uma relação mais ampla do que foi possível abordar na pesquisa.

O tutor Liebermann, em visita feita à sua casa, afirmou que,

“As pessoas me falam, veterinários me falam. Como eu entrei para esse mundo de animais eu aprendi muita coisa em relação a doenças, em relação a cuidados mesmo. Então eu sei de muita coisa. Muita coisa. Até um animal para a gente resgatar... Digamos, se um animal tiver leishmaniose. Aí a gente olha aquele animal na rua, daquele jeito... Aí a gente olha para ele e diz "esse animal tá com a cara da leishmaniose".

A partir da relação com os tutores, observei que grande parte deles não só havia se envolvido no universo *pet*, como buscavam constantemente conhecimento sobre a condição do *pet*, seja como animal, sobre sua qualidade de vida, sobre as novidades, sobre sua saúde, sobre seu comportamento, sobre seus direitos, e daí por diante. Mais que isso, todo o conhecimento adquirido e a experiência de convivência dentro de casa, e na vida urbana, impacta a visão de mundo dos tutores. Prossegue o tutor Liebermann,

“Por exemplo, esse pombo que eu peguei. Se fosse outra pessoa talvez não teria pego. Além de não saber como cuidar não iria ter... Não queria deixar o tempo dele... Porque você viu, eu cheguei e ele me perturbou desde o momento que eu cheguei até a hora que eu dei comida a ele”

O tutor Liebermann ficou mais atento ao que estava acontecendo ao seu redor, buscou conhecimento sobre diversos modos de cuidar de diversas espécies, e isso passou a fazer parte de sua vida diária. Em suas palavras, “Muda a perspectiva totalmente. Se eu ver um animal na rua... Minha bolsa fede a ração. Se você abrir minha bolsa, você vai sentir a catinga”.

A busca por conhecimento se torna algo inevitável, na medida em que os tutores humanos precisam, assim como Tathianne achou que precisava, se comunicar com os *pets*, ou entender melhor seu comportamento.

Na visita em que fiz ao apartamento da tutora Lurdes e do *pet* Bob, a tutora, em determinado momento, dada a correria de Bob, o questionou diretamente,

“Você para de ser teimoso! E essas orelhinhas que vão para trás e para frente, para trás e para frente... Eu li sobre isso das orelhinhas. Eles estão... É... São coisas que ele... Ele está tentando entender... O que tá acontecendo. A orelhinha vai para trás e para frente, para trás, para frente”

Na medida em que se comunica com o *pet*, o tutor aprende tanto através da experiência quanto através da busca por informações referentes ao comportamento do animal. Continua contando sobre o comportamento do *pet*, e faz isso ao investi-lo com certa autonomia, quando diz que “Dorme no quarto, mas ele não dorme na cama. E ele não dorme na cama porque ele não quer, viu?”. Avalia novamente seu comportamento, quando o *pet* pega uma almofada do sofá, voltando-se para o passado e, em certa forma, para a construção da personalidade e subjetividade do animal, ao afirmar que “Desde pequeno ele faz isso com as coisas. Mais uma para ir para lavar. Ele pega as coisas que tem pontinha e vai no canto da boca dele e vai rasgando, rasgando, rasgando até ele conseguir pegar o que tem dentro”.

No entanto, essa construção de subjetividades e aprendizado – que podem estar entrelaçados –, em relação à experiência de convívio entre tutores e *pets*, também pode, quando se refere à comunicação entre eles, nas palavras do adestrador Renato, ser *falha*. E nesse sentido,

o conhecimento do profissional sobre adestramento pode contribuir para intermediar tal relação, bem como *ensinar tutores e pets* sobre a “natureza” de cada um. Segundo o adestrador Renato, “Cada um tem um comportamento diferente do outro, né? Tanto humano, quanto o cão. Mas a gente pode fazer uma relação de manejo, uma relação de trato, vamos dizer assim, como uma criança”. E continua, “É um comportamento infantilizado que foi o que fez os cães serem domesticados, né? Eles foram selecionados em cima desse comportamento neotênico”.

A construção de um indivíduo em formação, assim como é atribuído à criança, é ampliada ao *pet*, e não se trata de algo recente. Estamos falando das bases da antropomorfização do animal de companhia. Mesmo o processo de “desumanização”, restrito, é claro, ao contexto de consumo etnografado e longe de ser associado aos maus tratos, como vimos, o animal não perde os traços característicos da humanização, ainda mais quando se trata de um sujeito de consumo que usufrui de determinados serviços, como o adestramento, hospedagem ou *daycare*.

Contudo, a consulta comportamental, bem como o *daycare*, e até certo ponto a hospedagem, é direcionada para a pessoa humana, nem tanto para o animal. Ainda segundo o adestrador Renato, “Essa consultoria comportamental, ela é para a pessoa. Eu costumo dizer que eu vou falar pelo cão. Ele não fala, não, mas eu vou falar por ele aqui. Eu digo quais são as *reais necessidades* do cão”.

Quando se trata da tentativa de *consertar* algum comportamento mal compreendido do animal, como latidos e mordidas, a adestradora Tathiane conta que,

“é como eu estava dizendo, o cão tem uma linguagem entre si, e os donos e até quem trabalha com animais muitas vezes não conseguem interpretar essa linguagem dos cães, o que a gente chama de *calm signals*, os sinais de apaziguamento, todo cão emite esses *calm signals*, é algo, na verdade, até inconsciente. Por exemplo, quando estamos com vergonha nossas bochechas ficam rosadas, não é uma coisa “ah, vou deixar minhas bochechas rosadas pra alguém ver que eu estou com vergonha”. É uma coisa natural, que acontece, e a outra pessoa sabe porque está vendo. Da mesma forma é o cão. Por exemplo, quando o cão está se sentindo incomodado, ele demonstra através de linguagem corporal. Tem o *lick*, que é lambar o nariz, é uma linguagem corporal, um *calm signals*, pra dizer que ele está incomodado. Você vê muito... o cão geralmente não gosta de abraço, certo? Aí quando a pessoa abraça, aí você vê o *lick*, quando fica lambendo o nariz. Rubi, por exemplo, quando eu brigo com ela, “ei, Rubi, não pode!”, ela dá logo umas lambidas no nariz, mostrando desconforto. Levantar uma patinha também, para e fica assim com a patinha levantada, também é um *calm signals*”

Ou seja, uma comunicação *mal compreendida*, por intermédio do serviço que os adestradores oferecem, ao colocar “as reais necessidades” do animal em primeiro plano para que o humano entenda seu modo de agir e possa ensiná-lo de acordo com o contexto e as condições em que ambos vivem, a também percorrer como ponto de fluxo de seu grupo, o caminho do social, seja como sujeito de consumo, *filho (a)*, cãolaborador, mascote, *dogmodel*, dentre todas as possibilidades possíveis.

A construção da subjetividade, da personalidade e do papel que o *pet* exerce na família e fora dela, parece estar atrelado ao contexto em que ambos, tutores e *pets*, compartilham e se constituem reciprocamente. E na medida em que têm acesso a determinados produtos, serviços, bens, e, principalmente, ao conhecimento e a rede *online/offline* do universo *pet* que se envolvem, podem vir a se tornar produtores de conteúdo, projetos e eventos, como os perfis dos *pets*, o Encãotro, Ongs, e até mesmo mudar a rotina dos tutores e *pets*, como a mochila de ração de Liebermann, e os planos para o futuro de Ayla como TAA (terapia assistida com animais).

3. O PET DE DEVOÇÃO

Sexta feira, 12 de março de 2017. Caixa do supermercado. *Será que esse fede?*, questionou a atendente do caixa enquanto cheirava e abria parcialmente a caixa do sabonete antipulgas. *Não sei*, respondi, *deveria? O que comprei fedia bastante*, continuou a atendente, *dava banho no meu cachorrinho e ele já fedia, passava o dia todinho fedendo*, enquanto passava as outras compras, *e eu tinha que usar o sabonete porque ele tava com uns probleminhas de pele, sabe, aí era um sabonete especial. Mas acho que esse não fede*, disse à moça verificando novamente o cheiro do sabonete. *E seu cachorrinho tava doente de quê?*, a questioneei.

Poderia se tratar apenas de mais uma conversa aleatória sobre animais de companhia que acontece na vida cotidiana de cada um que divide sua vida social entre eles. E o é. Se não fosse pela pesquisa aqui realizada talvez não tivesse colocado em perspectiva aquele momento no supermercado.

Carregava em sacos plásticos produtos alimentícios e para os animais de companhia da minha família. Se aproximava o dia das mães e estava decidida a fazer uma visita à minha mãe, aproveitando para levar algumas coisas para os nossos cachorros e, principalmente, aquilo que ela havia me pedido quando questionei do que eles *precisavam: shampoo*.

Coloquei os produtos em cima da cama e analisei a escolha de cada um. Dei-me conta que na hora de escolher os produtos fiz cálculos não só racionais, mas que incluíam o valor do produto e o uso dele. Estava tão envolvida em comprá-los como uma necessidade que não questionei em nenhum momento meu ato de compra. *Os pets precisavam de shampoo e do que mais? Só um shampoo será suficiente? Vem tão pouco e é tão caro... Poderia levar um shampoo e um sabonete. Poderia levar um osso para Amora também. E para os outros? São 9... E se vou levar algo para Amora, também vou levar para Maria Gata, vou levar o que ela gosta. Vou levar um patê para Vitória, ele vai amar. Ah, então levo também uns biscoitinhos para os outros*⁵⁶.

Trago a minha própria experiência como forma de explorar as ideias sobre o ato de consumir⁵⁷, pensando as minhas próprias *escolhas* para os *pets*, em sua complexidade e pluralidade do contexto da compra, de consumo e de experiências, capazes de (auto)construir *subjetividades*. Coloco a minha própria perspectiva ao me posicionar em determinado ponto,

⁵⁶ Era isso: um shampoo, um sabonete, um osso, 4 sachês de carne do mais barato, um pote de patê de carne também do mais barato e uma caixa de biscoitos de fibras naturais, não tão barato assim.

⁵⁷ CAMPBELL (1984) e MILLER (2001)

em uma rede onde minha família, amigos, prestadores de serviços, lojas, marcas, a caixa de supermercado e os *pets* talvez se construam (des)continuamente, mudem de posição, transitem entre suas próprias redes e as pessoas humanas se mobilizem em torno da manutenção da existência – social – do animal de companhia, escolhendo aquilo que corresponde ao contexto e produzindo *subjetividades*, produtos para higiene e alimentação, decidindo o que comem e como devem ser apresentados, por questões de saúde, no caso da *moça do caixa*, ou por questões de higiene e *agrados*⁵⁸, no meu.

Entre um serviço e/ou um bem, como *subjetividades* são construídas no movimento/processo das escolhas de consumo de produtos, bens e serviços no contexto da relação entre tutores de animais de companhia da cidade de Natal/RN?

3.1. O PET COMO OBJETO/SUJEITO DE DEVOÇÃO

O animal de companhia pode entrar na família através de feiras de adoção, *sites* de venda⁵⁹ de raças específicas, *sites* para adoção de animais resgatados ou encontrado pelo futuro tutor em situação de abandono, em visitas a canis, como presente, etc. Seja lá por qual meio, o animal passa a fazer parte de algum núcleo de humanos, mesmo que se trate apenas de um *pet* tutelado por um único humano, ou em uma família, logo é inserido em seu *primeiro papel*. Em função do *papel* que o humano executa em relação ao animal, sendo estimado e cuidado por tutores, poderá ser tratado como um *ente*, algo e/ou alguém a que temos carinho, respeito e, principalmente, pelo qual somos responsáveis. Dependendo da idade, se é grande ou pequeno, vai ter lugares específicos para interagir em casa e outros lugares serão proibidos. O animal poderá ocupar seu próprio espaço dentro de casa, precisará se adaptar às condições a ele oferecidas. Logo, será inserido em uma rotina e na espécie de papel social ao qual poderá executar. Pessoas que não haviam se conhecido antes passam a interagir por causa de seus animais de companhia. Cortando o excesso, quero dizer que o animal de companhia, quando ator, é envolvido em uma teia de relações intermediado pelo seu tutor(a). Juntos, são uma unidade. Cuidam um do outro mutuamente.

⁵⁸ Uma das categorias que usarei ao me referir aos petiscos e outros alimentos que não fazem parte da alimentação principal do animal de companhia, ao lado do termo *extra*.

⁵⁹ Na medida em que estamos tratando da *sociedade de consumo*, não se pode deixar de lado o potencial de consumo gerado pelas mídias digitais. Não é somente lá onde as pessoas e seus *pets* se expressam, lá também consomem e/ou comercializam produtos, bens, serviços e os próprios animais.

Ainda conversávamos sobre a rotina em uma das nossas conversas no Arena das Dunas, a tutora de Ayla descrevia o dia a dia. Porém, não se tratava somente do *pet*, a rotina dos tutores também havia sido adaptada e precisou de alguns ajustes,

“De segunda à sexta... Eu e o Bruno, a gente trabalha. Como a gente é sócio, a gente tem o horário mais flexível. Então... “Ah, hoje eu quero ficar de tarde com a Ayla”, eu consigo. Assim, não sempre, né? Mas... Vamos lá. Ela dorme com a gente todos os dias. Na nossa cama. (sorriu) E... Todos os dias 6h da manhã ela acorda e *pede* pra abrir a porta. Porque 6h da manhã todos os dias *ela acorda pra fazer xixi*”.

A situação financeira dos tutores permite que com o horário flexível possam negociar o tempo que passam com o *pet*, e o quanto isso soa importante para eles diz respeito à posição em que eles estão diante de Ayla, numa relação de dependência, responsabilidades e cuidados. E, continua a tutora,

“Aí depois ela volta pra dormir. O Bruno dorme um pouco, e eu já começo a me arrumar porque eu... *Demoro mais*. Ela fica dormindo com o Bruno. E aí a gente se arruma. E enquanto a gente se arruma, a gente tenta jogar um pouquinho de bolinha.”

A tutora apresenta a rotina do *pet* entrelaçada à sua própria e ao de seu marido, que permanece mais na cama com Ayla do que ela, Priscila, que precisa de mais tempo para se arrumar⁶⁰. E no momento da partida, *jogam e brincam* com Ayla, numa tentativa de *amenizar* o fato de que o animal estará sozinho em casa durante boa parte do dia. Por isso, para os tutores, é preciso

“Dar atenção pra ela, porque a gente sabe que vai sair, né? Ela também *sabe*, na verdade, que a gente vai sair. E ela sabe os dias... Ela... Assim, os cachorros são muito inteligentes.”

Aqui os tutores entendem que há algo que faz com que eles sejam capazes de comunicar-se entre si e serem compreendidos. A rotina não é mais a mesma. O animal entrou para a família e a família também precisou se adaptar, estabeleceu uma rotina, também a partir do que compreende como os horários em que Ayla precisa sair para fazer o xixi, brincar com ela antes de sair como uma forma de comunicar que os tutores irão voltar, e daí por diante. E não somente isso, é preciso do contato do veterinário, levar Ayla para a creche toda quinta, produzir suas roupas, bandanas, passear com ela, conhecer novos profissionais do segmento *pet*, participar de eventos, e até criar eventos.

Ao meu ver, os tutores de Ayla precisaram se construir como *tutores de pet*, entender as necessidades do animal, a realidade a sua volta, para produzir não somente um espaço e uma rotina para atender as necessidades do animal, bem como se relacionam com outros tutores,

⁶⁰ Aqui podemos perceber a interferência dos gêneros em relação às expectativas sociais: enquanto a *mãe* de Ayla precisa acordar antes do marido, colocar Ayla para fazer xixi e se arrumar, o tutor e o *pet* adormecem juntos.

criando novos vínculos de amizade baseados na relação estabelecido com o *pet*, também os constroem, e ao *pet*, subjetivamente, como tutores responsáveis pelo *pet*.

Não podemos perder de vista que o potencial de consumo do *pet*, bem como sua representação social, se realiza na família. “O conceito de família como unidade domiciliar representa um conjunto de valores e metas do que representam os membros da família como indivíduos” (MILLER, 2002, p. 120). E o *pet* não é exceção.

Ainda segundo a tutora Priscila, em sua fala sobre o momento em que *encontrou* Ayla,

“E aí eu me apaixonei por ela. Liguei pra ele. E já botei ‘Eu quero’ Porque era... É, né? Por fila, né? Quem chega primeiro. Aí eu botei ‘Eu quero’ e liguei pro Bruno. Ele tava na rua e eu tava em casa; ‘Bruno, você ainda quer um cachorro?’, ‘Quero’. Eu falei ‘Então a gente vai ter um cachorro’. Aí ligue pro Novo Jornal e falei ‘Olha, eu comentei. Eu quero saber como é, o que é que faz, como é que eu busco’.”

A tutora reafirma, em suas palavras, aquilo que as conectou de imediato – além da vontade expressa pelo tutor em *ter um cachorro* –, e que estaria na esfera afetiva: se *apaixonou* pelo *pet*. Será na dimensão afetiva, além de outros impulsos, que os contornos subjetivos e as escolhas de consumo se formam?

Em outra ocasião, o tutor Liebermann conta sobre sua rotina,

“Acordo, tomo café. E aí que eu já coloco a ração dos cães porque eles comem duas vezes ao dia, comem pela manhã e pela noite. E atrás da embalagem tem dizendo mais ou menos quanto é a quantidade aí eu sigo essa orientação. E porque também tem problema de obesidade, essas coisas, né? Mas se bem que eles fazem exercícios sempre. E... Acordo, boto comida dos cães, dou a papa pro safado do filhote do pombo né? Dou papa a ele porque ele depende, digamos, tem que comer no mínimo três vezes ao dia então eu dou de manhã, à tarde e à noite. Então pela manhã dou comida a ele. Coloquei comida pro sagui. É... Pronto, é isso. Aí, tá. Venho trabalhar. Quando eu chego, limpo todas as gaiolas dos passarinhos. Se bem que as aves que eu tenho são aves domésticas. Então são aves que eu tiro da gaiola.”

Podemos perceber que o tutor, de acordo com a sua própria rotina, com as necessidades, principalmente alimentares e de higiene, estrutura uma rotina para os animais, onde preocupações humanas, por assim dizer, surgem, como a obesidade⁶¹, a necessidade de exercitá-los, o que também inclui dar atenção aos animais enquanto cumpre todas essas tarefas, como pude presenciar na visita que fiz em sua casa.

Perguntei ao tutor o que ele costumava comprar para os animais, e longe da resposta estar vinculada à alimentação, já que parece ser uma preocupação por parte do tutor, ele afirma, “O quê que eu compro? Eu compro o que eles possam gostar né? E algo que dure. Que eles gostam e que possa durar”.

⁶¹ Ver SERPELL, J; 1991.

As *coisas* são importantes por causa das relações sociais que elas sustentam, como constatou Mary Douglas (2006). Os *objetos*, por sua vez, segundo Miller (2002), são meios para criar relacionamentos de amor (leia-se afeto ou empatia) entre sujeitos. Nesse caso, a coisa ou o objeto não é o próprio animal de companhia, mesmo sustentando e criando relacionamentos. Aqui, ao posicioná-lo como ator social, quais códigos estão envolvidos na relação com os bens e serviços, entre outros humanos e os não humanos que, na maioria das vezes, fazem cálculos afetivos que envolvem o cão, o ato de consumir, o bem ou o serviço?

Em *A Teoria das Compras* (2002), Daniel Miller, mais especificamente no terceiro capítulo, sobre *sujeitos e objetos de devoção*, traz questões pertinentes, embora não aborde o animal de companhia, para se pensar a relação doméstica entre tutores e *pets*. Em sua teoria sobre o ato de comprar, do qual o autor associa ao sacrifício, os vários sujeitos e objetos de devoção elucidariam a relação entre o ato da compra e uma estrutura ritual. Aqui, sugiro dar um passo junto à teoria de Miller, trazendo o *pet* para o contexto desses objetos/sujeitos de devoção.

Segundo o autor, “em sua devoção a esses objetos, as pessoas objetificam seus ideais de identidade estável no sentido de que os objetos passam a materializar a identidade social” (2002, p. 143). Na medida em que se materializa a identidade social no objeto ou coisa ou animal, “o

ato de comprar é a interpretação do outro como sujeito que deseja” (2002, p. 162). Nesse caso, o outro é o animal de companhia e seus tutores escolhem comprar acessórios, como as estrelinhas ou pedrinhas coladas acima do focinho de Ayla para que não haja dúvidas sobre sua feminilidade quando estiverem em outros locais, entre pessoas que não os conhecem. As escolhas de compra, seja a coleira da liquidação com tema de frutas, as bandanas de cores claras com o nome do *pet* produzidas pela marca dos tutores, os acessórios que tendem a ressaltar uma feminilidade atribuída ao animal, são incorporados à vida social de

Figura 14: Estrelinhas no focinho de Ayla.

Ayla e, como numa mágica, passam a fazer parte de suas demandas, de suas necessidades, e de seus *desejos como sujeito*.

Em Miller (2002), o amor aparece como elemento de dever devocional que se constitui no núcleo familiar. O amor sobre o qual está se referindo como prática – na zona norte de Londres – está relacionado a uma complexa estrutura de obrigações, ambivalência, incertezas e ansiedades. Nesse contexto, o amor é a *perda do sentido do eu pela fusão com um outro ser amado* (2002, p. 137). O autor acredita que a criança ascendeu como *objeto de devoção* contemporânea do lar, em substituição ao parceiro, que era considerado o *chefe* da casa, muito em função da eclosão do feminismo. Trata-se de um grau mais elevado de preocupação com as crianças evidenciado pelo peso que as mães de classe média davam aos pequenos como beneficiários de suas compras. Esta *mãe devotada*, com a qual argumenta Miller. Se pensarmos as tutoras dos *pets* como *mamis*, exercendo o papel social de *mãe de pet*, na sociedade de consumo contemporânea, ao invés da criança como objeto de devoção do lar, há um *pet*; não somente objeto, mas também sujeito de consumo.

Os contatos feitos até agora apontam para núcleos familiares de classe média – empresários (as), professoras, estudante, etc. –, na medida em que os tutores tomam para si as preocupações e necessidades do *pet*, como provedores do bem-estar e qualidade de vida daquele animal. O cuidado aparece como fator crucial na relação com o animal. Vejamos no depoimento de Liebermann, ainda falando sobre os extras do orçamento para seus animais, afirma: “Aí depois vem as outras coisas né? As besteirinhas. E também pra os cães eu gasto muito com vacina. Vacina demais. Remédio de verme. O cuidado dos animais né?”. E não somente o cuidado relacionado ao orçamento, mas relacionado à manutenção da vida do animal.

“Foi depois que eu comecei a me envolver que as pessoas foram vendo que eu realmente, de fato, cuido, né? Dos animais. Eu não só tenho. Porque, um exemplo, tem um amigo meu, o vizinho meu aqui. Ele já criou vários animais só que terminou dando fim porque não cuida. Ele vende, doa. Porque não cuida. Então, para que você vai ter um animal se você não cuida? Aquele animal vai o que? Vai adoecer, vai... Vai gerar mais gastos, entendeu? E vai até morrer. Pode ser que morra se não der comida, atenção... O animal vai morrer, claro.”

Quando perguntei a Priscila a primeira atitude que tomou em relação a Ayla logo que a adotaram, sua resposta foi a de que buscaram logo por um veterinário, indicação de uma amiga que criava cachorros. O resultado,

“Aí deu a doença do carrapato. Logo que eu descobri a doença do carrapato, comecei a chorar e já liguei pro veterinário “Ela tem quanto tempo de vida?”. Eu não sabia que era uma coisa que tinha cura. Pra mim carrapato era assim, então ela vai morrer, né? Ele falou ‘Não Priscila, não se preocupe. Amanhã você vem aqui e a gente conversa’.

Conseguimos tirar no veterinário os que tinham e ela ficou sem. No dia seguinte a gente foi, ela começou o tratamento. Durou uns 6 meses quase, todo o tratamento. E aí a gente foi cuidando, né? Foi dando alimentação, amor, as vacinas e ela... Ficou bem. Na segunda vez que a gente realizou o teste, ela tava com outro tipo de doença de carrapato... Aí a gente tratou de novo pra poder começar. Aí... Aí foi tudo... Aí foi vacinação, pra depois ter os outros tipos de vacina, que só podia dar depois de algumas, depois várias doses e tudo mais.”

Neste depoimento, podemos identificar as primeiras preocupações relacionadas à saúde do *pet* nos primeiros momentos da convivência familiar e na criação de laços afetivos. E nesse sentido, não se trata de uma *mãe* devota por seu filho humano, porém uma tutora preocupada com o seu *pet*. O objeto de devoção ao qual me refiro não substitui a criança de Miller, mas não se afasta completamente de sua lógica. É claro que para o *pet* e para a criança as preocupações são distintas, mas há algo de similar entre eles, além do *amor de mãe*, há a criação de *indivíduo em formação*, sua infantilização.

Priscila entende perfeitamente a condição de animal de companhia em que Ayla se encontra, mas *escolheu* a tratar como *filha*, oferecendo, assim, atenção, cuidados, deveres, em uma instituição familiar da qual ela também faz parte. E, além de tudo isso, oferece estímulos em forma de produtos, serviços e bens, o que chamarei daqui por diante de consumo *para* pets, que são capazes de construir, ou contribuir para sedimentar o elo entre tutor(a) e pet, garantindo a continuidade dessa relação na família e fora dela.

Para Miller, “a colocação de barreiras à vontade das crianças era um bem em si” (2002, p. 138). Ajudaria a *mãe* cultivar um *filho* que aceitasse a sociedade e que, na mesma medida, fosse aceito por ela. Ao fazer uma analogia ao que acontece na criação do animal de companhia, principalmente pelas *mães* aos quais mantive contato, que buscam alternativas para adestrar e fazer com que seus *pets* obedeçam aos comandos e sejam sociáveis; que buscam por lugares onde os pets possam circular e interagir, que cobram do poder público espaços de convivência e se colocam como defensoras de seus *pets* quando eles não são *bem recebidos* em quaisquer que seja o estabelecimento, como no caso de Ayla supracitado, podemos compreender que, ao tratar as *necessidades e demandas do pet* como parte de um orçamento familiar, mesmo que não seja estruturado, coloca o *pet* em condição de consumidor, muito embora as *escolhas* de consumo para eles sejam gerenciadas dentro da família, e seguem o padrão experimentado na relação familiar⁶².

⁶² Em uma família os papéis que cabe a cada membro são negociados, podendo haver mais de uma *mãe* como tutora, ou tutores que se identificam como *tia(o)*, *avô(ó)*, *amiga(o)* ou *pai do pet*. Podemos sugerir que é a partir da relação estabelecida com o *pet* que se definirá que tipo de papel o tutor irá exercer e, como resultado disso, o que se irá esperar do *pet* em relação aos tutores.

Quando perguntava aos interlocutores desta pesquisa o que costumam comprar com mais frequência para os *pets*, a alimentação era o elemento principal. Mas não se tratava somente de ração, os petiscos entravam em cena frequentemente. Segundo Osório⁶³, “não comemos rações animais e nem ossos carnudos crus, e não damos mais aos animais de estimação restos de nossas refeições, mas podemos ‘dividir’ um biscoito” (2016, p. 10). Os tutores diziam se tratar de *um agrado*, como os tutores de Ayla ao afirmar oferecer ao *pet* no momento em que estão de saída para o trabalho. Para além de um *agrado*, em outros contextos, como no contexto de adestramento, o petisco funciona como estratégia para manter a atenção do *pet* voltado para aquele humano a quem deve obedecer ao comando. Ou seja, relações diferentes estão sendo produzidas a partir de usos diferentes dos produtos ou bens de consumo, além do estabelecimento de um laço de comensalidade entre humanos e não humanos, quando oferecemos os petiscos.

Campbell (2006) apresenta dois aspectos importantes para se pensar a sociedade contemporânea: demanda do consumidor e o individualismo, que juntos definem a *natureza do consumo moderno*, mais preocupado em saciar vontades do que satisfazer necessidades (2006, p. 49). Aqui, é mais interessante pensar a demanda do consumidor, uma vez que as emoções, o desejo e a imaginação são seus elementos centrais, e dependem da habilidade do consumidor em exercitar continuamente o desejo por bens e serviços, mesmo quando esses bens e serviços não serão desfrutados, digamos assim, por humanos.

O autor associa o desejo à identidade,

“Hoje em dia, concordo plenamente com o fato de que o senso de identidade de um indivíduo não é mais claramente determinado, como já foi dito, por sua filiação à determinada classe ou *status* de certos grupos, apesar de aceitar que o consumismo é fundamental para o processo pelo qual os indivíduos confirmam ou até criam sua identidade. Mas o que contesto aqui é a ideia de que os indivíduos na sociedade contemporânea não têm um conceito fixo ou único do *self*, embora sustente a tese de que o consumo, longe de exacerbar a ‘crise de identidade’, é, na verdade, a principal atividade pela qual os indivíduos geralmente resolvem esse dilema (2006, p. 51).”

A identidade, dessa forma, estaria atrelada às escolhas de consumo, que ajudariam não só a construir a personalidade do indivíduo, bem como resolveria os dilemas relacionados à identidade. Osório entende que o consumo *pet* representa uma faceta oculta de agência animal (2016, p. 14), ou seja, mesmo que os *pets* não entrem sozinhos em *pet shops* ou confirme alguma compra *online*, são suas preferências e recusas que comunicam aos humanos as escolhas que eles devem fazer para os animais. Construindo, assim, um quadro de gostos e preferências que

⁶³ Artigo *GULOSEIMAS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: notas sobre afeto, alimentação e mercado pet*, Osório (2016).

utilizarão para descrever, bem como criar, e comunicar sobre a individualidade do *pet*, fundamentais para as escolhas de consumo feita pelos humanos.

A reciprocidade que existe na relação entre pessoas e animais de companhia, no laço de comensalidade, também faz supor que o *laço de trocas* seja algo a alimentar, de certa forma, a relação recíproca de afeto, representado pelas trocas materiais – bens e produtos *pet* – e imateriais – emoções.

A seguir, vejamos o relato etnográfico sobre evento local, promovido pela prefeitura da cidade, sobre posse responsável de animais de estimação, resultando em contato com o tutor Liebermann, e na observação em contexto de compra, que será detalhada no tópico seguinte ao próximo.

3.1.1. “Consulte seu bolso”

Antes de ir visitar o Petlovers, olhei, como sempre, o Instagram do Encãotro, e naquele dia o perfil havia divulgado uma palestra que aconteceria à tarde sobre a temática *pet*. Tive um pouco de dificuldade para encontrar o auditório em que seria realizada a palestra. Aconteceria na escola da câmara municipal, como parte de uma programação de palestras e workshops que estavam acontecendo durante o ano.

Reconheci um rapaz, que estava esperando nas cadeiras que ficam na frente do auditório, de um dos eventos do Encãotro. Nos apresentamos e passamos a conversar sobre o motivo de estarmos ali. Apesar da pouca idade, apenas 19 anos, ele é protetor e participa há alguns anos de ONGs de proteção aos animais, e acabara de fundar uma instituição com outras protetoras em uma cidade próxima a Natal, Parnamirim.

Ele me contou sobre seus pets, sua relação de proximidade com seus animais, incluindo um pombo recém resgatado, jabuti, roedores, cães e outros pássaros.

Perguntou se eu conhecia Lourdinha, que ela talvez viria a palestra. Confirmei que sim. Perguntei de onde a conhecia, e ele contou sobre a Festa do Boi, evento que acontece anualmente em Parnamirim, e que no ano passo trabalhou como voluntário no estande de uma ONG em que Lurdes e Priscila, tutora de Ayla, articularam um desfile com o apoio da marca de Priscila.

Também contou que passou a se envolver com o mundo *pet* na cidade de Natal e em sua cidade, criando um grupo *online* do bairro para conscientizar seus vizinhos com informações

sobre os animais, evitar fugas e maus tratos, e incentivar o uso público dos espaços com os animais, promovendo, dessa forma, encontros na praça de seu bairro, após ter adotado uma cadela, que passou a levar nos eventos que ocorrem em Natal, já que em sua cidade estes eventos são escassos, segundo ele, demonstrando a vontade, inclusive, de proporcionar eventos deste tipo em seu próprio bairro. Também disse estar articulando junto à prefeitura de sua cidade a inauguração de um espaço *pet* em uma praça que tem uma área abandonada.

Comentei sobre meu trabalho, se poderia entrevistá-lo eventualmente. Ele concordou e disse estar empolgado para comprar uns chifres, que havia entrado em contato com o pet shop via Instagram para saber o valor dos chifres, estava muito interessado em comprar para os seus cães, perguntei se era o Petlovers, e ele confirmou. Comentei que havia estado lá pela manhã daquele mesmo dia, e me disse que tinha muita vontade de ir até lá, mas não sabia como chegar, então me disponibilizei em levá-lo. Sugeri que podíamos ir juntos, já que eu sabia onde era. Além do mais, era uma oportunidade de experienciar as escolhas de um consumidor para seus pets, ainda mais sendo chifres. Marcamos um dia e trocamos contato.

Fomos interrompidos por uma mulher perguntando se estávamos esperando pela palestra, caso estivéssemos, poderíamos entrar no auditório.

Entramos, sentamos na primeira fila, já estava na hora marcada e poucas pessoas haviam chegado. O veterinário já estava lá e, na medida em que as pessoas chegavam, se dirigiam a ele para levar dúvidas, questões ou comentários.

Depois de uns minutos, com um público razoável, em sua maioria de mulheres, a palestra deu início.

Contou com a presença do vereador Sandro Pimentel, pelo menos em seu início, num discurso de abertura onde falou sobre a valorização da vida do animal, vereador conhecido por abordar as questões sobre animais na câmara. Disse ter conseguido castramóveis e uma lei para que animais de companhia frequentem o transporte público, muito embora não seja muito bem quisto por alguns dos interlocutores desta pesquisa que avaliam as limitações dessas implementações. O castramóvel não está em funcionamento por falta de planejamento e apenas animais de pequeno porte em caixas de transporte podem utilizar o transporte público.

O veterinário se apresentou e deu início à palestra, que durou um pouco mais de 1 hora. Logo em suas primeiras palavras já foi interrompido por alguém da plateia, a pessoa perguntou se podia fazer um comentário e o veterinário disse que podia ficar à vontade para interromper

quando quisessem, o que proporcionou o tom desta palestra. O homem falou de sua experiência com seu gato, que foi envenenado e na cidade que mora, Ceará-Mirim, não havia veterinários disponíveis para atendê-lo, no desespero, levou seu gato no hospital para humanos, mas o atendimento foi negado e o gato veio a óbito. O homem queria saber como agir em situações como essa, e o veterinário sugeriu que ele não tivesse levado em um hospital humano, que poderia ter dado carvão mineral e levado imediatamente à cidade mais próxima com veterinário.

O veterinário seguiu adiante em sua apresentação, e foi interrompido diversas vezes por pessoas que tiravam dúvidas, faziam questões, contavam suas experiências particulares com seus animais, inclusive o próprio veterinário contou experiências com animais de sua convivência ou de parentes e vizinhos, bem como sobre alguns casos em que atendeu na clínica veterinária em que trabalha.

De modo geral, sua apresentação estava focada nos cuidados que é preciso ter com o animal de companhia, explicitando diversas condições para uma posse responsável do animal. Dentre elas: cuidado com vacinas, banho, passeios, ambientes higienizados, visitas frequentes aos veterinários, alimentação balanceada (colocando a comida humana em contrapartida à ração) e bem-estar do animal. Apontando para uma qualidade de vida e valorização da vida de um animal de companhia.

Em um dos comentários, um homem começou falando que o animal é um ser social, que tem um canil para animais de raça e percebe a falta de compromisso de algumas pessoas que devolvem os animais, por falta de informação ou de responsabilidade, e considera isso como algo que prejudica a vida do animal.

Outra mulher comentou que seu animal tem uma alimentação balanceada, construída junto a uma nutricionista veterinária, devido a sua condição alérgica à ração. Comentou que seu animal é cuidado com muito carinho e que divide os seus cuidados com sua filha, que também criou um projeto para alimentar gatos de rua em uma praça perto de seu apartamento.

O veterinário continuou a palestra insistindo no quanto a posse responsável é importante para que animais não sejam descartados na rua ou sofram maus tratos. As pessoas concordaram e votavam a comentar situações particulares de resgate ou abandono. O homem de Ceará-Mirim voltou a comentar sobre a quantidade enorme de animais abandonados em sua cidade. Outra pessoa comentou sobre o resgate de animais em Natal, que acolhe gatos de rua e já viu gatos em situações deploráveis por causa dos maus tratos. O veterinário ressaltou que também há pessoas que são colecionadoras de animais, que mais de 10 animais em casa já pode ser

considerados um problema de saúde pública, e uma outra mulher, também protetora de gatos, comentou em tom descontraído que cuida de mais de 20 gatos e é extremamente responsável com eles. Todos riram e o veterinário disse “cada caso é um caso”.

Quando o assunto passou para as vacinas, outras manifestações da audiência apontavam para situações de mau tratos, doenças e perdas. Liebermann apontou algumas situações que presenciou na ONG que trabalha sobre algumas das doenças, parecia conhecer remédios e tratamentos. Os tutores que estavam presentes, sempre que alguém falava alguma coisa, viravam para a pessoa que falava, concordavam ou não e sempre ofereciam palavras de apoio.

O veterinário deu dicas de como identificar animais com determinadas doenças e os tutores sempre identificavam um ou outro caso de sua convivência.

Já se encaminhando para o fim da palestra, o veterinário falou sobre a proteção do animal, sobre a criação de um ambiente onde o animal de companhia não seja exposto à fome ou sede, desconforto, dor, ferimentos ou doenças, medo ou angústia, e seja livre para expressar seu comportamento “normal”, instintivo. Neste momento, uma pessoa questionou a humanização dos animais, usando o termo antropomorfização, afirmando que estávamos tratando os animais como humanos, os deixando dormir em nossas camas, e novamente, outra protetora de gatos afirmou que alguns de seus gatos dormem com ela, outra pessoa também disse que divide a cama com o animal, e a discussão não foi levada adiante.

O veterinário chamou atenção para algumas condições fundamentais antes de comprar ou adotar um animal: tempo, afeto, espaço, paciência e *bolso*. As pessoas concordaram, uma afirmou que é preciso ter certas condições para criar um animal, que demanda tempo e dinheiro. Outra pessoa disse mesmo sem condições, dava-se um jeito porque o “amor é grande”, que havia muito “espaço no coração para todos os animais”, outra pessoa sugeriu políticas públicas para a criação de um hospital veterinário público. Uma mulher afirmou que ter um animal é muito gasto e enumerou alguns, como vacina, consultas, brinquedos, acessórios, alimentação.

Em um dos slides apresentou alguns alimentos que podem ser tóxicos para os animais, o que gerou mais um burburinho, e as dúvidas eram expressas uma após outra. Geralmente relacionadas com alimentos humanos que são ofertados para os animais, como algumas frutas e chocolates.

Embora algumas pessoas divergissem, não houve confronto de ideias, as pessoas estavam falando em tom descontraído e ouviam o que a outra pessoa tinha a dizer, parecia um ambiente amigável.

Para finalizar a palestra, o veterinário trouxe uma última reflexão: animal de companhia não é brinquedo. E como em um coro, todas as pessoas concordavam. O veterinário agradeceu a presença de todos e finalizou a palestra, não sem uma última intervenção. Uma mulher pediu a palavra, se levantou e disse que era escritora e acabara de publicar um livro de poesias e gostaria de ler uma poesia que havia escrito para seu pet, Pingo. Todos concordaram e ela declamou. Contava sobre sua relação de proximidade, de como se amava, sobre suas manias, e de como ele preencheu um vazio deixado por seu outro animal de companhia falecido, mas que não havia tomado seu lugar, apenas acrescentado alegria a sua vida. Finalizou com palmas fortes e sugeriu um sorteio do livro. Havíamos assinado uma lista de presença e o veterinário sorteou um número, uma das protetoras ganhou o livro, nos juntamos para uma foto e todos se despediram entre risos.

Acompanhei Liebermann, o contato que havia feito, e sua amiga, tutora de um Husky siberiano que havia feito xixi em mim um dos Encãotros, e por isso ela me reconheceu, até a saída. Nos despedimos.

3.1.2. Comprando chifres para *pets*

Na palestra sobre a Posse Responsável de Animais de Companhia, relato acima, conheci o tutor Liebermann, que contou ter se envolvido com o universo *pet* em Natal desde que adotou, em 2016, a SRD, Janne, em uma feira de adoção organizada por uma ONG de Natal, da qual se uniu como voluntário durante um ano, até decidir sair e ajudar a criar outra ONG, dessa vez em sua cidade, Parnamirim. O tutor já havia ganhado um Pitbull, Jack, antes de adotar Janne, mas não havia se envolvido com eventos ou projetos sociais, por exemplo.

Assim que nos conhecemos o tutor comentou sobre o chifre que gostaria de comprar para seus cães. Eu já havia visto os chifres em uma postagem *online* do Centro de Cuidados Caninos, onde o adestrador Renato abraçava uma caixa cheia de chifres e anunciava o novo produto disponível na loja, encorajando os tutores a se utilizar desse produto como parte do método de enriquecimento ambiental, do qual voltaremos a falar no último capítulo. E já havia visitado a loja do PetLovers. Falei para o tutor que poderia ajudar, já que ele afirmou que não tinha ido comprar ainda, pois não sabia como chegar.

Figura 15: Postagem do adestrador com a caixa de chifres

Marcamos o encontro em seu horário de almoço, em um supermercado próximo ao Petlovers. De lá partimos para o Centro de Cuidados Caninos. No caminho fomos conversando sobre o evento que iria ocorrer no Arena das Dunas, um encontro de tutores e clubes, que ficamos sabendo através das postagens *online*. O Liebermann afirmou que era importante fazer encontros deste tipo no Arena para marcar aquele espaço como espaço frequentado por tutores e seus animais de companhia.

Dobramos na rua do PetLovers, “aqui é o PetLovers? pensei que fosse uma casa”, comentou Liebermann quase passando direto do estabelecimento.

Apertamos a campainha e o portão abriu. Da grande janela de vidro, que dá acesso ao espaço onde os *pets* interagem, dava para ver o adestrador Renato tirando fotos, provavelmente para o Instagram, ou para algum tutor acompanhar a estadia de seu *pet*, como ele contou ser um hábito durante o *Daycare*, tendência que veremos no último capítulo, também. Ele não nos viu ao entrar. Expliquei para Liebermann do que se tratava aquela janela e que aquele era o adestrador do Centro. Ele achou interessante e então abrimos a porta que dava acesso à área climatizada, tipo uma loja, com grandes prateleiras ao centro e bem colorida.

Assim que entramos, Liebermann olhou em volta, e logo achou os chifres, em uma grande caixa ao centro do espaço, já sem tantos chifres de quando a foto foi tirada. Olhou alguns e foi em direção à recepção, verificou o valor do produto perguntando no balcão. Retornou aos chifres e escolheu um para cada cão, um mais resistente para o Pitbull, um grande e também resistente para o husky e um “mais fraquinho” para a SRD. Parecia surpreso com os chifres e animado, “nem acredito que vim bater aqui para comprar esses chifres, mas eles vão adorar”, comentou Liebermann indo em direção à recepção novamente.

Quem nos atendeu foi a mesma moça que estava nos dias em que fui, segundo Renato uma das sócias. Liebermann perguntou se era ela quem falava no Instagram, e ela disse que ela, outro sócio e Renato eram os responsáveis pelo Instagram, e ele completou dizendo que havia entrado em contato com a loja através do aplicativo. Ela sorriu e perguntou se ele já sabia como usar, ele disse que uma amiga que também havia comprado e indicou o produto explicou que se coloca a ração ou frutas dentro do chifre e deixa no congelador por um tempo. A mulher acrescentou que ele poderia, por exemplo, cortar bananas, colocar dentro do chifre e envolver o produto com plástico filme e deixar no congelador até o alimento ficar consistente dentro do chifre. Ele agradeceu e reiterou que eles iriam gostar, a mulher perguntou para quanto cães ele havia comprado, e ele afirmou que “para três”, “você comprou um para cada, ne?”, perguntou a mulher, e ele acenou que sim, “é claro”. O pagamento foi feito, nos despedimos com uma boa tarde e nos retiramos da área climatizada.

Ao sair, já na porta, Liebermann chamou minha atenção, o Renato estava me chamando pela janela de vidro. “Deu tudo certo?”, perguntou Renato a mim, “Tá dando.. voltei para mostrar os chifres para ele – apontando pra Liebermann – que tinha interesse”, “ah, que bom, ele já sabe como usar?”, respondi que na recepção haviam explicado, e completei afirmando que entraria em contato em breve, sorrimos e a porta destrancou-se, partimos.

Os chifres estavam saindo bastante na loja, havia me dito o adestrador, “a gente já tá no segundo pedido de quatrocentos, quinhentos chifres, cada um”. Na visita que havia feito dias antes, aproveitei para perguntar a perspectiva do adestrador, naquela ocasião, em relação ao consumo de produtos, queria saber sobre o impacto que os produtos surtiam no animal. Ele justificou,

“Contanto que você tenha total consciência que aquilo não é bom pra ele, tá? Então a gente, na minha consulta inclusive ‘Ah, eu quero colocar um vestidinho na minha cachorrinha’ eu digo ‘problema nenhum desde que você saiba que a vontade dela é tirar aquilo ali’. Entendeu? Então eu costumo ser bem claro em relação a isso”

Perguntei sobre a origem do chifre de boi.

“Eu não sei a origem, sabe? Eu sei assim, que dentro da minha filosofia eu... Coloquei assim: Se não vier em benefício de outros animais, ou vai pro lixo, ou vai ser incinerado ou vai pra indústria que o caminho natural é ir pra indústria. Então que venha em benefício dos animais”

Dentro da perspectiva do adestrador, a utilização daquele produto de origem animal é justificável se aproveitado em benefício de outros animais, como os *pets*, em detrimento do lixo, da incineração ou da indústria. Tal justificativa faz questionar a relação entre humanos e não humanos ser estabelecida e mantida de acordo com uma hierarquia de aproximação, onde

certos animais, como os *pets*, se beneficiam da carcaça de outros animais, como o boi, através de um contexto de consumo, pautado em uma questão moral que anula o dilema que poderia surgir dessa relação.

O adestrador explicou o passo a passo para preparar o chifre: disse que congela o produto, a fruta, a ração, ou qualquer outro tipo de alimento que o tutor quiser oferecer para o animal, e depois deixa que os animais “brinquem” com o chifre, completou dizendo que “Eles adoram. Principalmente aqui, né? Porque eles fazem troca de temperatura pela boca, né?”.

Voltamos para o lugar de partida, pois ainda queria fazer algumas perguntas para o Liebermann. Tinha pensado em conversarmos em uma sorveteria mais próxima ao PetLovers, mas ele sugeriu que voltássemos ao supermercado, pois ficaria próximo à parada dele e que lá poderíamos conversar na praça de alimentação. Concordei, pois também ficaria mais acessível para pegar meu ônibus.

No caminho, perguntei o que Liebermann tinha achado do Centro, “parece ser muito caro”, comentou e perguntou se eu sabia os preços, disse a ele que não tive acesso aos valores, mas sabia que a hospedagem e o *daycare* eram negociados a partir de pacotes mensais, semanais e diários. Ele ficou pensativo por uns instantes. Continuei falando que lá eles fazem muitas atividades com os cães, e questionei se ele não teria interesse, “se não fosse caro.. eu tenho três cachorros né? Mas parece divertido para os cães, eles pareciam gostar”, concluiu.

O sol estava forte e andamos o mais rápido que poderíamos até chegar no supermercado novamente. Entramos, escolhemos uma mesa mais afastada para que o barulho não atrapalhasse a gravação e demos início à entrevista.

Depois de 50 minutos de conversa, o gravador acusou falta de espaço na memória, e o tutor sugeriu que poderíamos continuar a entrevista de onde paramos, em sua casa. O tempo era curto e ele tinha outros compromissos, inclusive com os animais. Marcamos um novo encontro, agora em sua casa, e eu poderia observar a dinâmica de perto, e nos despedimos, ele ficou em sua parada e eu atravessei para esperar meu ônibus na outra parada.

Trocamos contato no aplicativo de mensagem instantânea, combinamos que pegaríamos o mesmo ônibus às 12h, horário em que o tutor sairia do trabalho, como estagiário em um jornal da cidade de Natal (jornal este que tem uma coluna sobre animais “Bicho meu”, que o tutor diz fazer questão de “dar pitaco”). Como ele mora na cidade vizinha, considerada parte metropolitana da capital, não saberia chegar à sua casa e o ônibus passa perto da minha casa, então decidimos ir juntos.

Peguei o ônibus que ele estava, sentei um pouco mais distante pois não havia cadeira próxima, e ele foi logo se desculpendo pelo caos que estaria a sua casa, eu disse que não tinha problema, que ajudaria a limpar se fosse o caso.

No caminho, que durou mais ou menos meia hora, o tutor viu um sítio e afirmou “como queria um lugar assim” e riu. Descemos do ônibus e depois de uma caminhada de 5 minutos, chegamos em sua casa, não ouvi latidos. Assim que abriu o portão, deu para visualizar o Husky, Apolo, através de um portão, acomodado no corredor que dava acesso à lateral da casa, maior parte com cerâmica e uma casa coberta, outra parte de areia, que só dava para ver pelo acesso do quintal, como descreveu o tutor.

A essa altura já se ouvia latidos, e o tutor me levou para o quarto de hóspedes, onde estava um sagui, pequena espécie de macaco, que havia sido atropelado nas proximidades e ele estava cuidando até o carro de uma protetora sair da oficina para levá-lo ao veterinário, pois o animal tinha perdido um pouco da mobilidade.

Depois explicou que começaria sua rotina da tarde. O primeiro passo era fazer a limpeza da área de serviço, onde estava a maioria dos animais da casa, depois quintal, e em seguida alimentação.

Na área de serviço havia um Pitbull que ganhou de seu pai cinco anos atrás, Jack, uma SRD adotada recente, Janne, gaiolas com pássaros – lembro-me apenas do nome Juninho, que é um pássaro que ele levou até o quarto para mostrar o “playground” que ele havia construído na parte superior do seu guarda-roupas, pediu para que eu subisse na cama, e consistia em três estruturas de madeira para os pássaros ficarem com ele no quarto, com comida e água, e segundo o tutor, os pássaros adoravam, havia construído para eles se divertirem; deixou Juninho em seu quarto e voltou-se para a limpeza – duas gaiolas com roedores que também foram adotados, outra gaiola com um pombo resgatado recentemente, dois jabutis que também o deram e dois peixes *pets*, que também ganhou. O quintal tinha uma divisão, separado ao meio, metade dava acesso à área de serviço, e a outra metade fazia parte do espaço do Husky, por uma estrutura de ferro que o tutor mesmo fez.

No quintal, dois jabutis e dois peixes *pet*, que deixam ser manuseados por humanos, segundo o que contou o tutor, num tanque com fitoplâncton, e algumas plantas – que o tutor também usa para alimentar os animais, afirmou que os cães chegam a brigar pela couve – absorvendo a umidade por cima da água. Ao lado, uma grande mesa cheia de material reciclável, entre pedaços de madeira, ferro, grades e recipientes de água sanitária.

O tutor deu início a limpeza, pediu para que eu assoprasse a comida dos pássaros para ficar somente as sementes que eles não haviam comido para completar com o resto da ração. Fiz o procedimento, que nunca havia feito antes e deu certo, voltei e entreguei os recipientes para ele, que já havia limpado as gaiolas, colocado comida e água para os pássaros e roedores, e estava limpando as fezes dos cães, afirmando que sabia que seriam poucas porque pela manhã tinha feito o mesmo procedimento. Trocou a água dos cães, que ficavam o tempo todo ao seu redor. Mesmo eu sendo uma completa estranha, havia conhecido Janne e Apolo algumas vezes no Encãotro, e nunca havia conhecido Jack, os animais foram muito amigáveis e não estranharam a minha presença, ao contrário, pediam carinho e ficavam perto de mim também, principalmente Janne.

O tutor soltou o pombo, que ficou pelo chão interagindo com os cães, perguntei se não havia problema, e ele afirmou que eles interagem bem, só uma vez que Janne comeu um pintinho que ele estava criando, mas depois desse episódio, não houve outros. Continuou cortando as frutas para o jabuti e o sagui ferido, depois se surpreendeu com o pombo voando, quase conseguiu pousar bem no topo da minha cabeça, o que me assustou um pouco. O tutor pegou o pombo e o levou para a cozinha, o apoiou na pia, do lado já estava um copo com uma seringa. Ele preparou uma espécie de papa, disse ser a mesma que deu para Juninho e, mostrando o pacote, afirmou ser especial para aves. Alimentou o pombo, que ficou mais calmo depois de comer e o levou para a área de serviço, deixou-o solto, queria saber se ele conseguia fazer outros voos.

Nesse tempo, nenhum cão entrou dentro de casa, ficavam olhando atentos a porta, perguntei se eles costumavam frequentar a parte interna da casa ou se só ficavam nas margens, e o tutor afirmou que eles estão acostumados a ficar nas margens, mas que quando seu pai não está em casa, deixa eles frequentarem, como naquela ocasião, mas tem que ser um de cada vez, pois eles são grandes e fazem a maior bagunça, principalmente o Husky.

Para finalizar o processo de limpeza, varreu a área de serviço, foi até o quintal e limpou a área do Husky, e jogou água sanitária onde os cachorros haviam feito xixi, disse gastar um litro de água sanitária por dia, e então eu entendi, quando ele colocou mais um recipiente em cima da sua mesa de trabalho, que todos aquelas garrafas de água sanitária foram usadas exclusivamente para os cães.

Enquanto limpava o lado em que fica o Apolo, que não interage muito com os outros animais por ser maior e ser “chato”, às vezes quer brigar com Jack, situação que presenciei

enquanto o tutor limpava a lateral da casa, o tutor mostrou os brinquedos de Apolo, espalhados pelo quintal e pela lateral da casa, uma bola de basquete que estava destruída, o tutor afirmou que era uma bola antiga que havia dado para o cão brincar alguns dias atrás e ele destruiu no mesmo dia. Entrei no espaço de Apolo, a casa onde dormia era bem grande, toda de cerâmica e havia brinquedos, bolinhas e mordedores, pedaços de madeira, que também fazia de brinquedo, segundo o tutor, apontando as coisas que o animal achava e fazia de brinquedo. Ele pegou o brinquedo favorito do Apolo, que estava enterrado na parte de areia e jogou na lateral, para distrair o pet na hora de sair do seu local. Quando conseguimos sair, o pet apareceu com o brinquedo na boca, uma espécie de bola com tentáculos, que também serve para colocar petiscos dentro e estimular o animal a retirar o alimento.

Na volta para a área de serviço, jogou um pano aparentemente gasto que estava amarrotado no quintal para perto da porta da cozinha, Jack foi logo atrás, vendo o comportamento do cão, em tom de desconfiança afirmou que “esse aí (Jack) não pode ver um pano, preguiçoso do jeito que é, adora deitar no pano”, e Jack deita-se no pano. O tutor afirma que sempre deixa os panos para Jack, que por mais que compre brinquedos, é do pano que ele gosta.

Janne, companheira de Jack, é curiosa, amorosa, se dá bem com todo mundo, humano e não humano, mas uma vez comeu um pintinho que o tutor estava criando, não ficou bravo com ela, apenas deixou de criar.

Apolo é mais agitado, “meu segurança” disse o tutor, porque o local onde o *pet* fica, na lateral da casa, dá acesso às janelas dos quartos, e Apolo sempre fica espiando pela janela.

O tutor levou Juninho de volta à gaiola, colocou um pano em sua parte superior afirmando que o sol chegaria por ali, pediu para que eu colocasse a grade na porta da cozinha e iria se ajeitar para conversarmos. Fiz o que me pediu e fiquei esperando na área, tirei algumas fotos de Apolo. Ele voltou e sugeriu que nos sentássemos na varanda para conversar. Se sentou na cadeira, olhou em volta e disse: “a rotina de limpeza dos animais é melhor que a nossa” e riu, apontando para algumas folhas que estavam acumuladas no canto da garagem.

Conversamos durante outros 50 minutos, perguntei inicialmente se ele já havia oferecido o chifre aos cães, “eles adoraram”, ele contou entusiasmado, “já estavam enterrando no quintal”, completou dando risada. Continuamos conversando sobre os chifres, em suas palavras

“O chifre? Deu certo. Eles gostaram muito. Tenho até vídeo de Apollo aqui endoidando. Deixa eu mostrar rapidão. Fiz do jeito que a moça falou. Eu

coloquei... Ela disse que colocasse banana machucada... Alguma coisa, né? Pastoso, ou algo líquido e embrulhasse com papel filme. Eu coloquei banana machucada. Machuquei e coloquei. Só banana no início. Porque eles gostam muito de frutas, né? Banana machucada, eles gostam de maçã. Então como eu estava, também, querendo saber se eles iam gostar, aceitar, como seria. E aí eles aceitaram super bem.”

Vemos mais uma vez como opera a tendência em associar a leitura sobre os gostos e preferências dos animais de companhia como ferramenta para o consumir, ou continuar consumindo algo. Antecipando a reação do animal antes mesmo de oferecer o produto, como no caso dos chifres. O tutor prefere testar o produto com um alimento que os animais aceitam positivamente, antecipando a aceitação dos animais ao produto recém adquirido.

“Na verdade, eu coloquei Apollo para cá, né? Coloquei aqui (varanda). Jack coloquei lá e Janne coloquei para cá. Para todos ficarem à vontade. E aí que... No início ele (Apolo) estava correndo com o bicho na boca. Ele estava correndo pulando, mas aí que ele terminou também. Conseguiu terminar.”

O uso do produto requer que o tutor julgue ser mais viável deixar seus animais *à vontade* para roer os chifres, cada um em seu lugar. E o tutor esteve observando o comportamento individual de cada um, o que acontecia na medida em que eles, *pet* e tutor, interagiam entre si.

Figura 16: Placa de melhor papito do tutor Liebermann.

O tutor afirmou que havia feito mais, dessa vez com ração triturada. Assim que desliguei o gravador ele me mostrou no congelador os chifres envolvidos com papel filme. Em seu quarto, me mostrou, em uma gaveta, ao lado de sua cama, os produtos e pertences dos animais, enquanto Apolo observava tudo pela janela. Roupas de Janne e Apolo, que haviam ganhado de amigos, petiscos e amostra grátis de ração que havia ganhado em sorteios, carteiras de vacinação, bandanas dos clubes que seus pets fazem parte, algumas produzidas pela marca Aumigo Pet, da tutora da Ayla, coleiras, carteirinha dos clubes que os *pets* fazem parte. Nas prateleiras que ficam na frente da cama, uma placa se destacava, era o troféu de *melhor papito*, prêmio que ganhou no desfile da temática dia dos pais que aconteceu na edição do dia dos pais do Encãotro, e que mostrou com orgulho.

3.1.3. “Protetor atrai animais”

Ainda na casa do tutor Liebermann, em determinado ponto, na medida em que ele contava sobre sua relação com os grupos, os clubes, as ONGs, os eventos, as pessoas envolvidas no universo *pet*, questionei sobre aquilo que havia mudado em sua vida depois de ter se envolvido em tal mundo. Em suas palavras,

“A diferença foi que eu aprendi a gostar mais de animais, né? Muita coisa... E também o que difere, o que mudou muito é que... Protetor atrai animais. A gente atrai. Aí eu parei para pensar ‘Será que a gente atrai? Ou será que depois que a gente entra nesse mundo, que a gente vê as coisas, que a gente vê aqueles animais assim, que a gente começa a realmente, de fato, enxergar os animais na rua?’, entendeu? Às vezes a pessoa não gosta, a pessoa não tem tempo. Tem seu animal em casa, vai para uma parada aí vê um animal de rua, mas não vê esse animal de rua como a gente vê, tá entendendo?”

A forma como sua perspectiva muda em relação aos animais após o conhecimento e a experiência que adquiriu, apesar da pouca idade, estamos falando de um jovem de 19 anos, com a convivência com os animais, a participação em eventos e em ONGs, a interação com outros tutores, o faz questionar a si mesmo e aos outros. Em seguida ao relato acima, o tutor contou sobre a ONG que está ajudando a manter, disse que será a única registrada em sua cidade, que também não tem eventos direcionados para tutores e *pets*, por isso frequenta a maioria dos eventos que acontecem em Natal. A não ser pela Festa do Boi, que acontece anualmente em sua cidade, que embora não tenha o caráter de socialização entre humanos e não humanos, tratando-se de uma exposição de raças e espécies criadas, em sua maioria, para produção, além de leilões e produtos que se aproximam desse universo, abre espaço para algumas ONGs arrecadarem dinheiro para cuidar dos animais resgatados, que ele inclusive me chamou para participar como voluntária, embora tivesse concordado, não pude ir.

Na medida em que me contava sobre os processos da ONG, lembrei que a maioria dos tutores entrevistados haviam adotados seus *pets*, e perguntei como é o processo de adoção na ONG, já que outros tutores haviam passado pelo processo ao qual o Liebermann esclarece, pelo menos no seu caso e das tutoras Lurdes e Priscila, e dele próprio.

O tutor Liebermann é responsável pelas adoções do instituto, que é como ele chama a ONG, e contou sobre sua experiência recente.

“A pessoa entra em contato comigo, como eu já sou muito conhecido nesse mundo então as pessoas já dão o meu telefone, ‘ah eu queria adotar um animal’, ‘fale com esse rapaz que ele tem’. Aí as pessoas vão e entram em contato comigo pelo whatsapp ‘olha, eu queria adotar um animal’. ‘Tá. Qual o animal que você quer? Você quer um animal de companhia? Você quer um cão de guarda? Você quer um filhote? Você quer um adulto? Você tem crianças? Qual é a sua preferência?’. Aí a pessoa diz, como aconteceu recentemente uma moça que tem a casa grande o cão dela... Eu pergunto ‘Você tem

cães?’ aí ela diz ‘Não, eu tinha uma cadela só que ela faleceu’. ‘Ó, faleceu. O que houve com ela?’, ‘Ela teve um câncer e levamos pra o veterinário e nada deu certo’, ‘ah pelo menos ela tentou, beleza’. Isso daí já é um ponto positivo.”

O processo dá início com a procura por parte de futuros tutores. No caso do tutor Liebermann, a relação *online* proporciona interação com o futuro tutor durante o processo. Processo inicial similar ao de Lurdes, “Aí peguei o telefone e liguei ‘Você pode me informar onde eu conseguiria animais pra adoção?’ E ela me deu o telefone da Ilana. Ilana é um ícone aqui em Natal de resgate”, bem como alguém indicou o número de Liebermann.

E nessa interação com o futuro tutor, ele busca por indícios positivos, principalmente relacionados aos cuidados, fator importante na lida com o animal de companhia.

“Depois eu disse ‘Tá. Qual é o animal que a senhora pretende criar?’ ela disse ‘Eu queria um cão grande’ aí eu disse ‘Qual cão? De companhia ou de guarda?’ aí ela disse ‘Bom. Eu queria um cão que ele fosse de guarda, mas que com pessoas de casa ele fosse tranquilo.’ aí eu digo ‘ah, tá certo’. E aí eu já fui conversando com ela... Tá. ‘Como é que vai ser a alimentação desse animal?’ porque eu nunca digo qual é, eu pergunto. Aí ela ‘Não, eu pretendo dar alimentação com ração né?’ aí eu digo ‘Pretende passear, levar pra veterinário?’ ‘Não, isso aí... Pretendo levar pro veterinário, fazer exames, dar vacinas, passeio’. Então vários pontos positivos. Beleza”.

Em seguida, ele busca por informações sobre o perfil do animal que os futuros tutores desejam, antecipando a expectativa em relação ao animal, bem como, mais uma vez, questiona os tipos de cuidados que os humanos pretendem ter com os animais, antecipando uma espécie de expectativa de como os tutores devem se comportar em relação ao animal adotado.

“E aí conforme ela queria o animal, eu fui e enviei foto do tipo de animal que ela quer. Primeiro enviei do que ela quer, enviei foto de Dique e Rajada. São dois cães, são um casal de cães que foram resgatados no interior. A fêmea é castrada. Porque eles dois são dois animais que só podem ser doados juntos. Porque, é muito impressionante, se um deita o outro deita, se um levanta o outro levanta, se um correr o outro corre. É muito impressionante.”

Na medida em que o perfil da expectativa dos futuros tutores, se encaixa ao perfil de animais disponíveis para adoção, o tutor justifica sua escolha ao trazer informações sobre a personalidade dos animais, como podemos ver no relato a seguir:

“Quando a gente foi resgatar a gente não sabe (se são irmãos), a gente só pegou eles e aí a gente viu. Percebeu como que era eles. São muito bons. São cães de guarda porque eles... Já passaram um tempo na casa do meu cunhado, então assim... Que ele cuidou deles, deu um lar temporário. E aí que ele percebeu. Eles latem, eles chamam mesmo a atenção. São características de cães de guarda.”

“E aí eu mostrei a ela, falei né? ‘Olha, queria um cão de guarda porque minha casa é grande e do lado da minha casa é um lava-jato. Então queria um cão que fizesse zuada né? Essas coisas’ Eu disse ‘Tá. Na verdade, eu tenho um cão, só que...’ Enviei foto de Dique e de Rajada que são dois cães, um casal. E aí ela... Eu mostrei e disse ‘Ó, só tem só esses dois. Só que esses dois só podem ser doados juntos, porque foram resgatados

juntos, a gente não quer separar eles porque eu sei que eles vão sentir falta um do outro. Eles já vão sentir falta da gente que via direto, a gente cuidava. E ainda separar esses animais, aí não. Aí ela disse ‘Ah, tá certo. Vou falar com meu esposo’. Ela falou com o esposo dela e disse ‘Olha, eu quero eles’ aí ‘Ah, beleza. Ela quer’. Primeiro passo foi esse. Ela quer.”

Após acertarem *online*, o que pode muito bem acontecer *offline*, como no caso de Lurdes e Bob, o próximo passo é levar os animais para a sua futura casa e seus futuros tutores.

“Vamos levar esse animal até a casa dela. Porque eu conheci ela, eu vi que ela é uma pessoa no whatsapp, uma pessoa legal, vamos ver se pessoalmente ela é. Vamos ver se o animal vai realmente gostar dela, como é que vai ser a interação dela com o animal... O primeiro impacto né? Vamos ver o espaço, vamos ver onde o animal vai ficar. Então é muito importante a nossa ida. Eu não gosto quando as pessoas vão buscar, eu gosto de ir.”

É importante para o tutor, no contexto de responsável pela adoção, acompanhar todo o processo bem de perto, principalmente o primeiro contato entre os animais que serão adotados e os pretendentes a tutores. Continua:

“Vou levar o animal juntamente com o termo de adoção feito por um advogado extremamente rígido e, digamos, qualquer infração... Que contém quatro páginas. Então assim, qualquer infração que cometer tá lá. Então digamos, fez maus tratos. A gente além de recolher o animal, a pessoa paga a multa e a multa é revertida pro instituto. Entendeu? Então assim, é pesado mesmo. São termos com duas cópias, uma fica comigo e a outra com a pessoa. A pessoa assina e coloca todos os dados. Todos os dados, cpf, identidade, RG, comprovante de residência, tudo que tiver, tudo mastigado tá lá. Aí assina no final e eu assino também, coloco meus dados que foi eu que doe e fica lá. Levei os animais no *taxi dog* que a gente tava sem carro no momento.”

O termo de adoção também é muito importante, pois registra que tipo de relação, ou seja, uma relação juridicamente responsável com o animal, deve ser estabelecida.

“Vale ressaltar que eu contei a ela a nossa situação no instituto. A nossa situação no instituto hoje... Vivemos de doação. E o carro da Luciene, presidente do instituto, tava quebrado. Então nós não tínhamos como levar eles e ela queria muito, ela queria pra ontem eles. Aí eu digo ‘Tá. Na verdade, é o seguinte...’ Falei que a gente tava sem condições de levar no *taxi dog* porque é caro, apesar de ser amiga nossa, mas... tem um custo. E a gente entende. É gasolina, é tudo. E aí eu falei pra ela, né? Aí eu perguntei a ela ‘Você tem como nos ajudar a pagar? Nem que seja meio a meio?’ e ela disse ‘Não. Venha que eu pago’ e eu digo ‘Beleza’. Levei os animais no *taxi dog*, cheguei lá, vi como era, soltei os animais lá. Ela se encantou, gostou muito deles. Ela já foi dizendo... Eles tinham tomado banho mas quando a gente levou eles lá, tavam tudo sujo se embolando na areia. Aí ela teve que... Ela disse ‘vou dar banho neles’. Quando eu cheguei lá ela comprou vasilhas grandes pra eles, comprou coleiras, comprou ração. Então assim...”

O tutor Liebermann encarou a visita como algo positivo para os animais, principalmente pelo fato dos futuros tutores terem atendido a algumas necessidades dos animais, como a alimentação, as coleiras de passeio e *vasilhas* para comer, e continua:

“Já foi um bom começo né? Assinei o termo, expliquei a ela como era. Disse a ela que caso não se adaptasse nos devolvesse. E... Disse a ela que sim, nós vamos fazer visitas

surpresa. Não é visita ‘Ei, a gente tá indo na sua casa’ não. A gente chega lá e bate na porta. É... No caso eu doe ele semana passada. Doe semana passada no final de semana, foi no sábado... Foi no sábado ou foi no domingo. Doe ele agora. Os dois. Doe os dois. E estão lá. E aí eu faço o acompanhamento pelo whatsapp. Pergunto ‘Como é que estão eles?’ aí envia uma foto do momento. ‘Ah, eles estão aqui deitados’. Quando eu vejo eles estão lá deitados dormindo na grama. Ela diz que o Dique é muito safado, cava buraco, faz a bagunça todinha, mas ela não tá nem aí.”

Tanto a visita *offline* quanto a interação *online* permite ao tutor Liebermann, responsável pelas adoções da ONG, manter contato com os novos tutores, e afirma que a partir desse contato pode acompanhar a adaptação não só dos cães, em suas palavras, “Se adaptando super bem e eles também estão se adaptando aos animais”.

O tutor justifica,

“Porque eles são cães adultos. É diferente de ter um filhote. Tem pessoa que prefere filhotes. Eu prefiro adulto porque adulto *gasta menos*. Porque com um cão adulto você dá duas aplicações numa V10, que é a vacina importada e no filhote são três doses. Então assim, é bem mais fácil se ter adulto”.

A justificativa do tutor ultrapassa a questão da adaptação entre tutores e animais de companhia, e adentra os limites da questão financeira, também muito importante na lida com o animal, como vimos na palestra apresentada no capítulo anterior, os gastos com os animais soam inevitáveis, e os humanos precisam, segundo o veterinário, naquela ocasião, ter consciência disso antes de comprar ou adotar um animal. E continua,

“É muito bom ter um cão adulto. Expliquei isso a ela também e ela super gostou. E aí quando foi agora recentemente, tem até áudios dela relatando. Dizendo ‘Olha, eu gostei muito. Eles estão superando nossas expectativas’. Porque ela queria um cão de guarda que latisse e eles estão fazendo isso. Tem um lava-jato, se alguém fala ele late. Pra ela é uma coisa muito boa, entendeu? Porque as pessoas sabem que ali tem cães.”

E finaliza seu relato sobre a adoção explicando que papel os animais adotados irão exercer na nova família.

“São cães de companhia e de guarda. Não é porque eles são de guarda que digamos, vão atacar alguém, porque não são de companhia. Ela diz que ele dá a pata pra ela. Eles interagem muito com eles, entendeu? E vale ressaltar que ela tem um gato. Ela adotou um gato antes deles. Fazia muito tempo que ela estava com o gato. Aí o medo dela era esse: ‘Será que eles vão conviver com o gato?’ Aí eu disse ‘Não se preocupe. Como eles viviam em uma ONG, eles interagem com outros animais. Então...’ Eu peguei e soltei perto deles... Eles não fizeram nada. O gato alisa eles, passa por cima e eles não fazem nada. Então assim, foi muito melhor. Tá sendo muito bom.”

O tutor Liebermann avalia a experiência desse processo específico de adoção como positiva. Em seguida, curiosa, pergunto se ele abre sua casa como um lar temporário. Sua resposta me surpreende, pois embora tenha muitos animais, afirma que

“Eu não trago animal para cá porque meu pai não deixa. Em hipótese nenhuma ele deixa. Nem lar temporário ele deixa. Porque eu já trouxe um animal... o ABC, para lar temporário e ABC terminou ficando, entendeu? Só que ABC voltou para a casa de Luciene (presidente da ONG)”

Em seguida, continuou relatando a relação afetiva que estabeleceu com o cão ABC.

“Aí a gente resgatou ABC. ABC veio para cá. Jack doou sangue para ele, ele fez transfusão de sangue. Aí ele terminou ficando aqui até ele ficar bom e quando ele ficou bom, eu ensinei ele a andar de cadeira de rodas. Foi bacana. A gente comprou a cadeirinha pra ele. Um rapaz, seu Damião, ele que confecciona”.

O cão ABC ainda não foi adotado, e, segundo o que contou Liebermann, participa de eventos de adoção e de outros eventos para arrecadação de dinheiro para a manutenção da ONG, como mascote da Instituição.

A seguir, adentraremos mais nas questões de consumo ao tratar sobre orçamento familiar e estratégias de consumo adotadas pelos tutores entrevistados para a pesquisa.

3.2. ORÇAMENTO FAMILIAR⁶⁴ E CONSUMO CRIATIVO

Perguntava aos interlocutores com frequência sobre suas escolhas de consumo para os *pets*, pude acompanhar um tutor na escolha de chifres para seus cães, e em todas as circunstâncias, longe de ser um dado universal, os tutores afirmavam que não possuíam um orçamento fixo para o *pet*, muito embora sua parcela fizesse parte do orçamento total da família. Insistia questionando-os sobre quais eram os gastos fixos; a alimentação sempre aparecia como necessidade elementar, seguida pela saúde, medicação e visita ao veterinário; produtos de higiene não ficavam para trás, bem como os *agrados*, *besteirinhas* ou *extras*, como frequentemente os tutores se referiam aos petiscos, acessórios, roupas e brinquedos para os *pets*.

⁶⁴ “Pelo seu nível de detalhamento das condições de vida da população, a POF é fonte de informações para pesquisas e estudos acadêmicos de inúmeras instituições e empresas, além de auxiliar o monitoramento de 10 dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável adotados pela Organização das Nações Unidas (ONU). Em diferentes formatos, a POF vem sendo realizada desde os anos de 1970 e detectou as principais alterações nos hábitos de consumo dos brasileiros, como a importância cada vez maior das refeições fora de casa e, mais recentemente, o crescimento do consumo digital, relacionado à popularização da telefonia celular e da internet. A POF foi a primeira pesquisa domiciliar do IBGE a utilizar instrumentos eletrônicos de coleta, em substituição aos questionários de papel. Na edição que começa hoje, os agentes de pesquisa usarão tablets.

(...)

Embora os resultados da POF 2017/2018 só venham a ser conhecidos em 2019, foram feitos alguns ajustes nos questionários para ampliar a visibilidade de alguns itens de consumo que, presumivelmente, podem ter se tornado mais presentes nos lares brasileiros. Este pode ser o caso dos canais de TV com programação sob demanda, das redes digitais que comercializam músicas e dos aplicativos e acessórios para celulares. Já no âmbito analógico, os questionários poderão captar mais detalhadamente o consumo relativo a animais de estimação, com abertura para itens como tosa, rações, passeadores etc.” Fonte: Site do IBGE (<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/10448-ibge-inicia-a-pesquisa-de-orcamentos-familiares-pof-2017-2018.html>)

Porém, para além da adaptação das necessidades dos *pets* incluídas no orçamento familiar, outra tendência do campo me chamou atenção, trata-se do que chamarei de *consumo criativo*. Na medida em que o campo foi avançando e pude estabelecer um contato constante com aos tutores, observando em eventos, através da plataforma do Instagram, entre as redes que se formaram *online/offline*, do perfil de *pets*, das entrevistas em locais específicos da cidade e fora dela, tentando acompanhar o movimento daquilo que acontecia enquanto grupo, visitando suas residências, conversando nos eventos e conhecendo outros tutores, conseguindo acessar uma parcela da rede específica dentro daquela grande constelação *pet*.

Através dessa vivência, pude notar que o consumo para *pets* não se restringia ao ato de consumir algo, seja no sentido de aquisição, gasto, destruição; de forma mais ampla, a ideia de consumo poderia ser flexível suficiente para englobar o ato de criar bens para os *pets*, ou dar seus próprios bens para o deleite do animal, como uma forma distinta de consumo, que acrescentei ao criativo, por se tratar de desvios e alternativas relacionadas à economia, até certo ponto, bem como à imaginação e ao afeto.

3.2.1. Criação da marca AumigoPet

Em nossa primeira conversa no Arena das Dunas, a tutora Priscila afirmou que dava suas antigas pelúcias para Ayla, que adorava e destruía rapidamente, o que a incentivou a comprar outras pelúcias para o *pet*, bem como ofertar para o animal outros bens que não foram necessariamente adquiridos para aquele fim. Em suas palavras,

“Ela tira toda espuma de dentro, joga tudo fora, suja a casa toda. Mas eu falo assim ‘Parece que ela fica tão feliz’ então compra também e dá pra ela, entendeu? Ela brinca com tudo. Assim, na verdade se você der uma garrafa pet pra ela, ela vai brincar com a garrafa pet”.

Ainda segundo Priscila, sobre suas escolhas de produtos para o *pet*,

“Na verdade, eu compro qualquer coisa. Porque ela *gosta* de qualquer coisa. Por exemplo, os ursinhos de pelúcia. Eu dou e acaba em, sei lá, 1 hora. Né, Bárbara? Acaba”.

Além de ofertar suas próprias pelúcias, e/ou comprar novas para o *pet*, o caso da tutora Priscila revela a tendência de produção de alternativas econômicas e sociais com a criação da marca de produtos *para pets* e humanos, a AumigoPet.

Priscila contava em tom descontraído sobre sua marca, quer dizer, *a marca de Ayla*⁶⁵ - cuja demanda dos pedidos é administrada *online*, pelo aplicativo do Instagram ou aplicativos

⁶⁵ Expressão que a tutora usou.

de mensagens instantânea, e *offline*, quando da presença de seu estande em alguns eventos *pets* na cidade. Particularmente, estava interessada em compreender as motivações que a levaram a *criar* uma marca de artigos para animais de companhia, que além de atender a demanda de bens e produtos para os *pets*⁶⁶, atendia a demanda de bens e produtos para os humanos⁶⁷.

Em suas palavras, o que a fez pensar sobre a marca emergiu de um dilema,

“Aí tudo que eu comprava não cabia nela. Porque ela é magra e comprida, então o P ficava curto e o G ficava largo. E como a gente tem uma fábrica de camisas aí eu falei assim ‘Tô perdendo tempo, né? Vamos fazer’. Aí comecei a fazer...”

Como falamos anteriormente, podemos observar neste depoimento como o consumo ajudou a concretizar não somente a identidade do animal, bem como resolveu o dilema da identidade.

O acesso dos tutores a uma fábrica de camisas facilitou a criação da marca, sem dúvidas, se tornando uma referência para o consumo de acessórios personalizadas, no que diz respeito às estampas, para os *pets*. Ainda segundo a tutora,

“Porque eu saía nas ruas e... A maioria dos cachorros usa bandana, bota lacinho. Eu não tenho como botar lacinho nela porque ela não tem pelo. E isso me incomodava muito quando eu saía na rua e ‘qual o nome dele?’, ‘é uma mocinha’. Aí eu ficava precisando de alguma coisa, né?”

A alternativa encontrada foi a criação da marca, o que não só solucionaria o dilema de não encontrar roupas adequadas ao tamanho do *pet*, bem como acessórios também ajudariam a reforçar o gênero social do animal para ser reconhecido pelos humanos.

“Na verdade, a primeira vez que ela colocou uma roupa, foi de criança. Como era uma camisa, né? Eu botei uma camisa infantil nela e deu certo. Claro que não ficou 100%, precisava de ajustes. Surgiu assim. Surgiu pra ela, mas depois eu aumentei a marca pra ser vendável comercial. E aí... A marca deu continuidade por causa do Encãotro”.

No universo *pet* o tratamento com o animal pode se assemelhar ao tratamento recebido pelos bebês humanos. O vínculo afetivo gerado também se assemelha à relação de afeto estabelecida entre humanos e seus filhos. Mas, é claro que não são iguais, afinal *precisava de ajustes*, como indicou a tutora. Todos esses elementos em contexto de consumo, possibilitam a criação de uma marca de acessórios personalizados que atende às necessidades de consumo tanto dos tutores quanto do *pet*, em seu contexto social. Ao finalizar o relato, continua

“Hoje em dia ela só usa *AumigoPet*. Até porque eu falo que ela tem que ser a garota propaganda, né? Tipo assim, ela vai usar outra? Não pode. (risos) E sempre sai com alguma coisa (da marca). Eu só produzo bandana e algumas roupas. Então assim, coleira e essas coisas, realmente ela usa de outros.”

⁶⁶ Bandanas, roupas, acessórios etc.

⁶⁷ Camisetas, bottons, capas de celular personalizadas, placas decorativas etc.

A representação do animal como *pet* na família, pode vir a ocupar outras posições fora da família, e conectada a ela. O *pet* como mascote não é nenhuma novidade, diversas civilizações usaram determinados animais para representar clãs, grupos. Do ponto de vista atual, o *pet* na condição de mascote da marca de produtos e bens personalizados criada por sua própria tutora, que também mantém a conta do perfil no Instagram do *pet* ativa, revela sobre a atuação enquanto ator, nas interações em uma rede *online/offline* complexa, resultado de relações entre humanos e não humanos, do interesse em comum entre tutores, e do próprio potencial comunicativo e agregador que produz o animal da companhia, na esfera do social, como sujeito de consumo. E, como veremos a seguir, justifica suas particularidades de consumo, dada a sua individualização.

3.2.2. Alimentação Natural do Bob

No caso da tutora Lurdes, o consumo criativo também chamou atenção, principalmente no que se refere à alimentação do animal.

Após a primeira conversa com Lurdes, marcamos a visita ao apartamento da família. O caminho já era conhecido, e as instruções se repetiram, e dessa vez, aconteceram. Na medida em que me aproximava, avisei que estava perto, pediu novamente para que eu esperasse na recepção para que ela descesse com o Bob.

Alguns minutos depois, ouvi latidos, e eles apareceram na porta na recepção, haviam descido pelo elevador de serviço. Bob me estranhou, ensaiou algum latido, mas sua tutora o conteve, consegui passar da porta sem mais transtorno. Nos cumprimentamos e ela pediu para que eu os acompanhasse até a rua, ela precisava levá-lo para fazer suas necessidades. Fomos em direção ao portão. Sua tutora pediu para que ele fizesse xixi logo e ele atendeu, ela riu e disse que quando está muito apressada pede para ele ir rápido e ele sempre obedece. Voltamos, entramos pelo elevador de serviço, com o Bob ainda desconfiado para o meu lado.

Ela o parou em frente à porta do décimo quinto andar, disse que era para que eu entrasse primeiro, ele quis passar na minha frente, mas a tutora segurou firme a coleira.

Na sala havia uma caixa transparente com alguns brinquedos, espalhados pelo chão uma bola de tênis, uma galinha e uma bola de futebol. A sala era espaçosa e havia uma varanda com várias plantas. Só estávamos nós no apartamento, eu, a tutora e o Bob.

Lurdes levou o *pet* para lavar as patinhas, coisa comum depois de levá-lo para passear, afirmou. O colocou no topo de uma pequena mesa na área de serviço, umedeceu um pano e passou em suas patas, mostrou uma bola de futebol toda mastigada e disse que sua irmã humana, sua enteada, havia dado para ele, era a bola preferida dela, e por isso se caracterizava como uma prova de amor, ele destruiu tudo em algumas horas. O pote de água e comida ficavam na cozinha, em uma espécie de estrutura que deixava os potes mais altos, sem que assim o animal precisasse se curvar para alimentar-se ou hidratar-se.

Figura 17: Bob e a bola em visita à residência dos tutores.

Lurdes chamou Bob para me mostrar alguns truques, ele sentou, esperou até que ela o chamasse para pegar a bola. Tentei chamá-lo para brincar, mas ele ainda não estava confortável com minha presença, mal chegava perto de mim.

A tutora estava sentada no chão, resolvi me juntar a ela para conversamos. Me explicou que modificou a sala em várias configurações para ter mais espaço para ele, “o sofá já foi ali, e depois ali, até ficar do jeito que tá”. Contou também como ele era antes, que não gostava de carinho, que não deixava ninguém se aproximar, que fazia xixi na varanda e sujava tudo, mas depois de terem uma

conversa séria, ele nunca mais fez.

O Bob queria toda a atenção de sua tutora, empurrava a bola nas mãos dela e não demorou muito para fazer isso comigo. Conversamos entre interrupções do Bob que passava por cima do gravador, chegou até sentar nele uma vez. Quando não dávamos atenção, ele roubava as almofadas do sofá, e era preciso interromper a gravação para que sua tutora retirasse as almofadas de seu alcance e chamasse sua atenção, dizendo que aquele comportamento não era “bonito”. Mas Bob não saía de perto, quando não estava com a bola, agarrava-se em nossos braços, jogávamos a bola e aos poucos ele foi destruindo a bola em pedaços.

A tutora Lurdes já havia contado que gosta de costurar, retomei o assunto perguntando se ela já tinha produzido algo para o Bob.

“Já fiz ossinho pra ele. Pegava os brinquedos destruídos, arrumava, tirava aquele negócio que fazia barulho de dentro dos que não prestava mais e colocava dentro dos ossinhos dele. Eu lembro que eu tava fazendo um brinquedinho pra ele e ele

sentadinho do meu lado. Eu na máquina fazendo e ele esperando eu fazer pra dar pra ele (risos)”

Continuei questionando sobre o orçamento familiar, a tutora explicou que se trata de

“Gasto normal, né? Vacina, medicação, exames de rotina. Isso eu nem conto porque já faz parte como se fosse a gente, tipo, fazer exame de *check up* do ano. Aí então não tem essa coisa de ter um limite no orçamento. Ele faz parte. Dentro da alimentação natural eu compro, às vezes eu fazia, mas não compensava.”

Como podemos notar, a saúde do animal entra na lógica do orçamento familiar como funciona para qualquer outro membro da família. E além da produção e reforma de brinquedos para o Bob, em uma espécie de consumo criativo, a alimentação do *pet* também entra no orçamento familiar como elemento fixo. No entanto, também podemos pensá-lo como uma espécie de *consumo criativo*, em certa medida. Vejamos o relato da tutora Lurdes,

“Olha, eu poderia ter comprado o cachorro mais caro que existisse na... na época. Sim, eu podia ter comprado, de boa. Porque foi uma grana, viu? E aí muda de ração. Muda de ração. Muda de ração. Não gostava de nenhuma. Aí, olha, eu comprei desde a mais poderosa que existia no mercado e fui descendo o padrão. Porque eu acho que ele é vira-lata que gosta de ração porcária né? (risos). Mas não teve jeito. Daí dessas coisas de conversar com as pessoas, eu conheci uma menina que tava com o mesmo problema e que ela tinha passado pra alimentação natural com a Dra. Daniele. A Carla Daniele do Animal Center”

Com consumo criativo pretendo abarcar as alternativas viáveis, de acordo com determinado contexto financeiro ou situacional, em que os tutores escolhem opções de consumo para seus *pet* que não se resumem aos produtos e serviços disponíveis no mercado *pet*, e mesmo quando faz parte dessa lógica, como a alimentação natural, que já está se estabelecendo como uma tendência do mercado com a profissionalização de material humano para fornecer tal serviço, ainda assim, como no caso de Lurdes, pode vir a ser uma demanda alternativa ao caminho que seria mais “natural”, com a alimentação a base de ração. E, nesse sentido, a rede de tutores colabora para que o alcance de tal alternativa, a alimentação natural, se espalhe entre outros tutores que estejam passando por situações semelhantes com seus *pets*, da rejeição da ração.

Continuo a fazer questões sobre como a tutora administra os limites de seu orçamento familiar e sobre o que consome com mais frequência para o Bob, em suas palavras,

“O Bob tem alimentação natural, né? Hoje em dia não tem muita coisa que eu compre para ele porque ele tem tudo. Mas quando ele era pequeno, nossa. Era brinquedo... Tudo que eu via de brinquedo eu comprava para ele. Tanto é que ele tem uma caixa de brinquedos, né? Mas tudo bem que essa caixa já foi renovada acho que umas três vezes porque logo no começo ele destruí tudo. Ele não destruiu minha casa como as pessoas dizem de comer móveis e tal. Ele sempre fez o que ele gosta, inclusive a cirurgia dele foi por causa disso que era por comer tecido. Do alfinete com o tecido. Eu acho que o alfinete estava no meio do tecido, eu não sei. E roupa minha, a Havaiana - Havaianas foram várias -, sapato do meu marido, a carteira dele, a carteira de motorista dele... Não tem jeito, né? Porque de repente ele fura esse... Agora não, tem

melhorado. Mas logo no começo sempre furava o orçamento. Porque ele tinha um problema de Otite, ou ele tinha um problema de giárdia, porque o Bob é muito suscetível a giárdia. Ele toma a vacina, toma o vermífugo que é específico para a giárdia, mas ele tem episódios de giárdia. Não posso deixar que nem todo mundo que deixa três meses”

Consumo e comportamento parece estar sempre atrelado, de uma forma ou de outra. Vemos, acima, que a tutora inicia enumerando o que consome para o *pet*, em seguida afirma que *ele já tem tudo*, retoma ao passado para indicar que já comprou muitos brinquedos, reforça a personalidade do animal, o *gosto* do animal, sobre o comportamento do animal, e retoma ao orçamento na medida em que trata dos problemas de saúde do Bob.

Pergunto à tutora como funciona essa alimentação natural,

"É assim, cada saquinho... Ele come quatrocentos gramas por dia de comida. Então eu compro o saco de um quilo que dá para dois dias e meio. Como meu freezer não é grande eu compro para quinze dias no máximo. Quando eu compro bastante é para quinze dias. Eu já comprei para mais, aí fica muita coisa no freezer, aí eu compro assim, no máximo quinze dias. Que nem hoje, eu fui lá só que não tinha da... Só tinha de frango. Como eu fui fazer o exame que era perto eu já aproveitei, né? Aí não tinha da que ele gosta, aí amanhã ela vai fazer e então sexta-feira eu vou buscar. Às vezes eu mando trazer pelo uber. Às vezes eu aviso, falo para ela 'eu quero tanto, tanto, tanto', ela deixa separado, eu chamo o uber ele para lá, ela explica e ele traz para mim”.

Mais uma vez, vemos como a leitura que o tutor faz das preferências de seus *pets* o oferece autonomia para escolher ou não aquilo que deseja consumir para o animal. Se não tem o sabor que o *pet* gosta, a tutora avalia deixar para outro dia a aquisição da alimentação natural, dessa vez, com o pedido feito para o sabor de preferência do Bob. Através do relato da tutora a tendência da relação *online/offline* surge como uma necessidade no contexto do ato de consumir, não só o produto, mas o serviço, que embora fora do universo *pet*, se transforma em um facilitador que une esses dois mundos, *online/offline*, humano/não humano, mercado *pet*/consumidores tutores.

Na medida em que a tutora continuava seu discurso sobre a alimentação do seu *pet*, me intrigou a seguinte afirmação, “então, eu compro a comida a ela porque eu confio, né? Mas é porque ela é nutricionista, responsável e eu já fui lá, é muito limpo”. Dessa forma, não se trata apenas das necessidades do Bob, de seus sabores preferidos, o que também pesou na hora de escolher continuar consumindo a alimentação natural como alternativa a alimentação à base de ração foi a relação de confiança estabelecida entre a consumidora tutora e a nutricionista *pet*.

Fiquei por lá depois da conversa, começamos a conversar sobre a vida, sobre meus cachorros, e a tutora me contou um pouco mais sobre sua vida em São Paulo. Lurdes contou do tipo de artesanato que fez durante um tempo e me mostrou saudosa fotos de algumas de suas

peças, disse ter aprendido tudo sozinha. Me convidou para visitar um novo pet shop que acabou de ser inaugurado e que no dia anterior a nossa conversa havia me seguido nas redes sociais, e então Lurdes me convidou para jantar. No começo tentei declinar o convite, não queria incomodar, mas ela insistiu e me ofereceu um caldo de feijão, aí não tive como recusar, adoro feijão.

Seu marido saiu novamente com roupa de ginástica, disse que voltaria logo, mas teria que sair em seguida, e assim o fez. Depois a sua enteada também saiu. Ficamos novamente nós três. Fui até a cozinha e a acompanhei nos processos que estava fazendo. Ela contou que faria um procedimento médico no dia seguinte e estava comendo uma espécie de papa. Esquentou o feijão no micro-ondas e me deu. Bateu sua comida no liquidificador enquanto Bob sentado ao seu lado, estava atento a tudo o que acontecia. Depois pegou um pacote na geladeira e esquentou no micro-ondas também, perguntei do que se tratava, sem querer ser curiosa demais, e ela afirmou que se tratava da comida do Bob. Perguntei se ele só comia quente, e ela disse que também comia frio, mas que ele ficava mais feliz quando ela esquentava só um pouco, então prefere dar a comida quente. Ela colocou a comida no pote da ração e ele comeu em alguns segundos, depois ela colocou um pouco da sua própria papa, e ele comeu rapidamente, ficou embaixo da mesa, fixamente olhando para ela enquanto comíamos e conversávamos.

3.2.3. Produções caseiras

Ainda na residência do tutor Liebermann, surgiram questões sobre o orçamento familiar. Mais uma vez, antecipando a resposta, perguntei se existia uma noção de gasto fixo com os animais. Em suas palavras,

“Então... Eu não tenho um orçamento mensal. Assim, eu tenho uma ideia mais ou menos. Como seria? Para os cães eu compro uma ração Must. Must, que é uma ração premium especial. Eu compro 15kg, ela custa numa faixa de 150 reais e alguma coisa. Vamos fechar nos 150 reais. Então eu compro 15kg durante... Em 1 mês eu gasto 30kg, dois sacos de 15kg eu compro porque não tem de 20kg. Então eu gasto 300 reais, mais ou menos, com os cães. Só de ração, porque tem banho, tem algumas outras coisas que a gente tem que comprar. Digamos, esse chifre que comprei pra eles, escova de dentes, pasta de dente essas coisas eu compro por fora né?”

Novamente, vemos a tendência em classificar os gastos com a alimentação, saúde e higiene como sendo necessidades, por assim dizer, básicas para a manutenção da vida do animal, seguido de *outras coisas que a gente tem que comprar*, referentes a qualidade de vida do animal, como produtos, bens e serviços para o *pet*, considerado gasto *extras*, de um

orçamento mais ou menos fixo destinado aos *pets*. E, para o tutor Liebermann, não se trata apenas dos cães,

“Ração pra os... Digamos que... É quase toda semana que eu gasto em média, 5 reais que custa a ração das aves e 5 reais custa a ração dos esquilos né? Dos hamsters, dos roedores. E no caso fica, digamos, em média na semana eu gasto 10 reais com eles. No caso 1 mês tem 4 semanas mais ou menos, eu gasto 40 reais por mês com eles. Só que tem aqueles extras como eu falei. Tem areia de gato em média 5,50. Então areia de gato dá pra eu passar 15 dias. Dá pra eu passar... 2 areias de gato dá pra eu passar 1 mês. Então digamos, 10 e uns quebrados... Digamos 11 reais pra areia de gato. Então assim 40 mais 11...”

E sem se distanciar daquilo que é estipulado para os cães, o orçamento mais ou menos estabelecido para as aves e os roedores também incluem gastos extras, referentes à qualidade de vida do animal, como a *areia de gato* para os roedores, por exemplo, e dessa forma, escolhendo trocá-la apenas duas vezes ao mês, o que também se configura como uma estratégia para facilitar a lida com o animal. O tutor continua, “então... ainda tem mais... Tem a comida dos peixes. Porque eu tô falando de quê? Das rações, dessas coisas assim que eles precisam, mas sempre tem algo a mais que a gente tem que fazer por eles né?”. Pergunto ao tutor, o que seria esse algo a mais, “aí depois vem as outras coisas né? As besteirinhas. E também pra os cães eu gasto muito com vacina. Vacina demais. Remédio de verme. O cuidado dos animais né?”.

Os gastos extras, embora extras, aparecem diversas vezes nos relatos quando os tutores são questionados sobre as escolhas de consumo que são estruturadas dentro do orçamento familiar mais amplo e destinado aos animais. Elaborados para proporcionar qualidade de vida ao animal, ofertando aquilo que os tutores julgam agradar ao *pet*, se instalam no orçamento de maneira até despretensiosa, como *besteirinhas*, *algo a mais*, *extras*, *agrados*, etc.

O tutor continuou narrando sobre os gastos e afirmou que junto ao seu pai custeiam os gastos referentes aos animais, em suas palavras, “na verdade é meu pai quem banca... Na verdade, não é quem banca. É eu e ele. Ele que compra. Eu dou o dinheiro, mas ele que compra”.

Outro elemento que chamou atenção no relato do tutor sobre os gastos extras é referente à higiene do local em que os animais permanecem na residência, diz, “água sanitária, assim... É para limpeza, né? É demais. Você viu ali que eu gastei um litro de água sanitária em uma tarde. Água sanitária, petiscos que eu ofereço a ele...”. A água sanitária mesmo não se configurando como um produto ligado à qualidade de vida do animal pela condição subjetiva do agrado, também pode ser interpretada como parte da higiene que o tutor julga necessária e se relaciona com a qualidade do ambiente em que os animais estão. O tutor prossegue,

“Fora a alimentação... Assim, não tem. O que foco mais é a alimentação. É alimentação, e produto de limpeza que a gente usa direto, esses brinquedos, essas besteirinhas... Porque, até como você está vendo, ele se entretém com besteiras. Uma bola de basquete que eu tinha, eu dei a ele, e ele estava entretido. Um cabo de uma pá, ele se entretém. Então se eu quiser fazer um brinquedo, eu compro uma corda, faço um bocado de nós e jogo aí, entendeu? Então assim, são coisas simples, né?”

Veja que o tutor associa os gastos fixos ao uso constante do produto, e na medida em que o uso varia em relação a sua durabilidade, como critério, se encaixa na categoria de extras. E quando se trata desses extras, o consumo novamente não se limita a aquisição de produtos e bens, bem como incorpora a produção de itens que possam ocupar tal posição, como a corda que o tutor sugere como brinquedo.

Figura 18: foto tirada na visita feita a casa do tutor Liebermann enquanto me mostrava toda a estrutura que ele mesmo havia montado.

Ao chegar na residência do tutor Liebermann, ao abriu a porta da sala, havia um aquário gigante apoiado na bancada que dava acesso à cozinha, no estilo de cozinha americana. O tutor mostrou alguns peixes do aquário, acendeu a luz e colocou comida para os animais, não sabia ao certo quantos peixes estavam ali, contei oito, havia mais. Contou também que ele próprio construiu a estrutura do aquário, que fez uma estrutura de isopor para a parte inferior e superior, para proteção o aquário, também havia adaptado a luz, me mostrou o sistema que ele mesmo fez. Selecionou pedras que encontrou na praia e criou, ele mesmo, todo o ambiente interno para os peixes.

A tendência ao *consumo criativo*, no caso do tutor Liebermann, inclui não somente a criação feita por ele próprio dos itens que vai incorporar ao ambiente do animal, nas gaiolas e aquários. Se refere também ao que ele já produziu destinado à qualidade de vida para o animal, e não somente relacionado ao seu ambiente. Descreve:

“O que eu já produzi? Já fiz brinquedos para os passarinhos, já fiz casinha... No quintal, que eu colocava comida para os passarinhos no quintal. E aí que eles... Os passarinhos não queriam, eles preferiam comer do chão. Que eu não assopro ali? Assopro e fica no chão? Aí eles preferiam comer do chão. Aí eu peguei e fiz o playground lá. Já fiz aquela casinha da codorna... Tem brinquedo que eu compro e eles destroem, tipo, mesmo que nada.”

Perguntei ao tutor de onde vinha suas inspirações, o tutor respondeu que

“Muitas coisas que eu faço, eu busco na internet, né? Algumas coisas assim... Digamos, coisas caseiras, entendeu? Para ver se facilita também até... As coisas, né? Digamos, alguma coisa que eu fiz que eu vi na internet... O que eu faço? Lá na mata, como eu falei, tem um espaço que o pessoal joga lixo - o pessoal mal-educado. Então quando eu preciso de alguma coisa, eu vou lá, e escolho o que é que tem. Dependendo do que tiver lá, eu trago tudo para casa. E lá na minha bancada, na minha mesa lá trás, que eu faço tudo”.

Dessa forma, o *consumo criativo* não está atrelado somente à imaginação e produção de artefatos e estruturas, também envolve alternativas de economia para os tutores. Nesse caso, o acesso à matéria prima acontece de forma econômica, ao se reciclar elementos que foram descartados na mata próxima à residência do tutor Liebermann, bem como a relação *online/offline* também aparece como instrumento que proporciona acesso aos tipos de artefatos e ambientes que o tutor pode (re)criar.

Vejamos na visita que fiz ao Cãoportado, descrito no segundo capítulo, que em determinado momento, enquanto conversávamos sobre o orçamento para os *pets* dos tutores adestradores e proprietários da *Daycare* e Hospedagem, Tathi e Ênio estavam sentados à mesa da cozinha e perguntei sobre os brinquedos que eles ofertavam para os clientes e para os seus próprios *pets*, Tathi respondeu que “além dos brinquedos que a gente compra, tem os brinquedos que a gente faz, que são os brinquedos caseiros, que são muito...”. Ênio completou,

“Na verdade, diariamente é uma baralha pra todo dia a gente produzir alguma coisa nova pra eles, entendeu? Então, sempre a gente tem que está tendo ideias, nem que seja uma bacia de água e jogar ração pra eles ficarem mergulhando, assim, enfiando o focinho pra pegar a ração, ou uma garrafa pet com um comedouro, colocar ração dentro, pendurar em alguma coisa, mas a gente produz brinquedinhos também, de pvc, os próprios obstáculos de *agility*, várias outras coisas.. a caixa de referência, que você fez esses dias (falando com Tathi)”

Os tutores/adestradores me contaram que foram convidados por um evento *pet* na cidade de Natal para ministrar um curso sobre o esporte *agility*, Tathi conta que

“Na verdade, o curso que a gente fez foi só pra montar os obstáculos de baixo custo, que são os obstáculos feitos de PVC. Mas o curso mesmo de *agility* a gente não fez, inclusive no curso que a gente fez para montar os obstáculos a gente chamou Pinheiro (adestrador), que é amigo da gente, e ele tem mais conhecimento sobre o esporte aí ele ajudou ele nessa parte de competição, do que é permitido, do que não é, das regras, normas...”

É importante ressaltar que os participantes do curso eram outros tutores, e o uso dos obstáculos passou a ser direcionado aos cães como exercício dentro do método de enriquecimento ambiental, utilizado pelos adestradores. E, dessa forma, possibilitou o acesso ao conhecimento de produção desses obstáculos para uma audiência ampla de tutores, que podem reproduzir ou não seus elementos para os seus *pets*.

Ainda conversando sobre as produções caseiras, perguntei à Tathi do que se tratava o *target*,

“é um *target* que a gente usa pro adestramento. Na verdade, não é uma caixa de referência, o que eu fiz foi um *target* mesmo. A caixa de referência é mais alta, pra o cão colocar as patas dentro. Nesse caso, é um *target* elevado, Rubi coloca as patas da frente e eu faço ela ficar girando sem tirar as patas de cima, aí ela cria uma melhor noção corporal porque, assim, a maior parte do peso do cão está nas patas da frente, quando eleva as patas da frente, fica com peso maior nas patas de trás, o que dá mais uma consciência da parte traseira dela, e aí cria uma noção corporal dessa parte de trás. Porque o cão, geralmente, não tem uma noção dessa parte traseira dele. Aí no *target* ela coloca as patinhas e ela tem que mover só a parte de trás dela pro lado e pro outro.”

Figura 19: Ilustração da labradora Rubi no *target* de adestramento em demonstração.

A adestradora foi até uma sala ao lado da cozinha e trouxe uma caixa recheada de brinquedos e algumas estruturas de madeira, chamou Rubi e deu ordens para ela simular o procedimento, já que ela ainda estava sendo treinada para executar tal movimento.

No que se refere aos brinquedos que são produzidos pelos adestradores, quis saber quais eles mais se interessavam em fazer e se eles comercializam. Os adestradores afirmaram que não costumam comercializar produtos por não ser o foco central do seu trabalho, no entanto,

quando fazem uma grande compra de produtos, costumam avisar aos clientes humanos caso surja interesse por parte deles. E também ofertam os brinquedos produzidos para os clientes *pets* no dia a dia. Tathi apontou para a construção de um brinquedo específico, inspirado no brinquedo disponível no mercado *pet* mas produzido a partir da reciclagem. Em suas palavras,

“Tem um de pvc que eu acho bem legal, que é simulando a pet bola, que coloca a ração dentro e ela tem vários níveis. Aí a gente fez um caseiro com cano pvc, aí a gente fura o cano, tampa dos dois lados e coloca a comida dentro. Aí o cão tem que ficar rolando pra comida cair. A gente sempre tenta estar enriquecendo o ambiente deles em todos os aspectos.”

A noção de *consumo criativo*, no caso dos adestradores, está atrelada ao método de trabalho que eles utilizam na lida com o animal, o enriquecimento ambiental. Porém, ao abstrair motivação individual de cada tutor, a prática de um *consumo criativo* como solução à alimentação ou estética do *pet*, ou como alternativa de baixo custo para a manutenção da

qualidade de vida do animal, ou reforço ao método de trabalho comportamental com o animal, está presente e se manifesta e se transforma de acordo com o contexto e com as necessidades de ambos, tutores e *pets*.

O que vai determinar o tipo de relação que será estabelecida entre humanos e não humanos é o valor que uma sociedade, cultura, grupo e/ou religião lhe atribuirá. Na nossa sociedade ocidental contemporânea os impulsos do consumo hedonista, como diria Campbell (2006), ou elusivo e ambíguo, segundo Barbosa (2006), dominam as formas de trocas, na medida em que estão relacionados à imaginação e aos sentimentos – elementos que também podem ser fundamentais para o estabelecimento de vínculo social entre humanos e não humanos na atualidade⁶⁸ –, sendo também responsáveis pela construção de relações sociais e construções de subjetividades. Sendo assim, pensaremos a seguir, como é possível problematizar o estatuto do animal de companhia⁶⁹ na *sociedade de consumo*.

⁶⁸ A construção da ideia do animal de companhia e como ele deve ser tratado em sociedade mobiliza um mercado *pet* que atende, e supera, as expectativas deste nicho: os tutores dos *pets*.

⁶⁹ Com animal de companhia entende-se uma variedade de animais que passam a conviver com os humanos, compartilhando e construindo afetos, experiências, identidades e responsabilidades civis para com estes animais que, em sua maioria, são cães e gatos, e no contexto desta pesquisa, primordialmente, cães.

4. TORNAR-SE *PET*

Quando dei início a esta pesquisa, apresentava o consumo como eixo problematizador para a relação animal-humano. A experiência que me trouxe a monografia, quando estudei sobre o orçamento doméstico, me fez perceber que nas famílias a escolha das pessoas para seus *pets* passava por uma *leitura* que elas faziam sobre a *subjetividade* do animal, levada em conta na hora de consumir produtos, bens e serviços para eles, abriu caminho para questionar a construção do *pet* em seu valor social: como a *subjetividade* do animal de companhia é construída em famílias multiespécies? De que forma a antropomorfização e consumo atuam juntos e podem vir a produzir *subjetividades* ao animal? E, se as pessoas estão tão próximas assim de outras espécies, como elas negociam as tensões geradas a partir do momento em que o animal percorre junto ao humano diferentes planos do social?

Continuei seguindo as pistas do consumo e construí todo o meu campo com base nele. Procurando por iniciativas *pet* na cidade de Natal/RN, pesquisando o que estava em voga para animais de companhia, e antes que me desse conta, questões relacionadas à *construção identitária* e à *noção de pessoa*, a constituição do social a partir da relação entre espécies diferentes, *online/offline*, e os dilemas morais que surgiam das contradições desta relação localmente, me levaram muito além do que supunha ao tentar olhar unicamente a perspectiva do consumo.

O que as pessoas dizem sobre suas práticas para com os animais de companhia – e o que fazem no cotidiano – e como os idealizam e os diferenciam dos outros – seja esses outros animais humanos ou não – é um campo de investigação amplo, mas que, se problematizado, permitirá investigar os embates morais que estão envolvidos nesta relação urbana entre humanos e não humanos.

Surge com a contemporaneidade uma necessidade de perceber o homem de forma holística, integral e ampla em sua relação maior com o mundo e, em consequência, com as outras espécies animais (MORAES e MELLO, 2014).

Assim, não se trata somente de uma mudança de atitude em relação aos não humanos. Ao atribuímos comportamentos, personalidade e direitos aos animais foi possível identificar no

campo, uma mudança de estatuto do animal – e, por tabela, do que é o social⁷⁰. O que significa ser um animal *pet*?

Os humanos são *pais* de seus filhos humanos em sociedade, seja na *sociedade de consumo* ou não, como papel social ou genitores. Quando se observa que há uma tendência por parte dos tutores de animais de companhia de estender a parentela ao não humano, *pai e mãe de filha(o)* não humano, não somente a perspectiva sobre o que é animal muda em relação ao outro não humano, bem como o comportamento e o estatuto do que é animal também são modificados para os humanos.

Em miúdos, é na relação com o outro diferente que as noções de *filha(o)*, *pai*, *mãe* e *animal* tomam novo rumo e constroem pontes ou barreiras, como sugeriu Mary Douglas (1979) sobre os bens, para novas *subjetividades*, tanto para os humanos quanto para os não humanos. Novas atitudes, novos discursos, outros mundos colidem; novos conhecimentos, novo nicho de mercado, novas reivindicações, novas necessidades e demandas, novas interações, novos dilemas morais surgem. Daqui em diante, daremos ênfase à *rede*⁷¹ de relações contemporâneas que, de alguma forma, proporciona a construção subjetiva do animal não humano, a saber, o animal de companhia, a partir da relação de consumo em uma família multiespécie.

Primeiro, questionaremos: como na relação familiar a relação de consumo faz o animal interagir em redes *online/offline*?

4.1. DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA A FAMÍLIA, DA FAMÍLIA PARA AS MÍDIAS DIGITAIS

Foi através das mídias digitais que acompanhei o cotidiano de alguns interlocutores. Conheci outros perfis *online* de animais de companhia que estavam ligados aos eventos e profissionais da área *pet*, que seguia na rede.

No colo do adestrador⁷², em um dia de creche, fez-se pose para a foto postada no Instagram. *Curti* a postagem e reparei que havia uma marcação, por nome *Ayla Marieta*. Já havia tido conhecimento de perfis de animais de companhia; já havia visto alguns e até fiz um para um animal há alguns anos, e não descartava a possibilidade de encontrar algum

⁷⁰ Na medida em que se questiona sobre os maus-tratos, uma das principais questões que indignam alguns tutores, inclusive em relação ao *pet* Ayla, que será apresentada adiante, toma o abandono com algo moralmente negativo e passível de criminalização. Dentre outros efeitos, modifica a forma como tratamos os animais de companhia.

⁷¹ Ver LATOUR, 2005.

⁷² Profissional que *seguir* no Instagram para acompanhar o movimento *pet* na cidade.

interlocutor(a) que também houvesse feito um perfil para o animal de estimação do qual é o tutor.

Figura 20: Ayla sentada no colo do adestrador, ilustração de foto postada no Instagram.

Só poderia se tratar do perfil de um animal de companhia, pensei, aquele no colo do seu adestrador. A legenda dizia “Junto e misturado... Quem vê raça não vê coração”, que se complementava ao comentário da própria Ayla: “Audoro esse colinho”.

Esta imagem pressupõe uma relação, não somente afetiva, carinhosa e de cuidados, entre a pessoa e o *pet*, abraçados em um momento de descontração, inclusive entendendo-se aos tutores responsáveis pelas mídias de seus animais, veículo pelo qual esta foto foi disponibilizada e expressa a *voz e imagem* do *pet*, mas também revela uma relação de consumo, entre o cliente e o prestador de serviços.

Através do perfil de Ayla Marieta acompanhava alguns eventos na cidade, e foi assim que conheci o Encãotro. E foi na minha primeira participação neste

evento que conheci Ayla e seus tutores, Priscila e Bruno. Priscila é uma das organizadoras do evento, esperei que este se encerrasse e abordei a tutora, expliquei sobre o meu trabalho, sobre como cheguei até Ayla e perguntei se eles teriam disponibilidade em conversar comigo. Ela concordou de imediato, chamou seu marido, Bruno, que acompanhava o *pet*, para me apresentar Ayla. Quando Ayla chegou, ela apontou para mim e afirmou em direção ao *pet*, “olha, Ayla, sua fã”, e rimos. Pedi para tirar uma foto dela juntas – primeira ilustração, registrada ao lado –, pedi o contato da tutora e ela disse “pode falar no Instagram de Ayla, sou eu quem respondo lá”. Nos despedimos e fui embora.

Figura 21: Ilustração do primeiro contato com Ayla e sua tutora, Priscila.

Figura 22: Print perfil online de Ayla Marieta

Instagram, que possibilitou o encontro entre outros *pets* e seus tutores, em uma nova rede⁷⁶, e a possibilidade de se unirem em clubes de animais de raças ou não, como o clube dos SRD (animais sem raça definida), do qual Ayla faz parte e ajudou a fundar com sua tutora e suas novas conexões.

As pesquisas que tive contato sobre estudos em ambientes digitais⁷⁷ embora algumas utilizassem recursos de computação para selecionar suas amostras quantitativas e qualitativas, optei pela análise do conteúdo das fotos, e como seria possível relacioná-las às redes *online/offline* desse usuário *pet*.

Como, metodologicamente, o campo também se dava no ambiente digital, por onde acompanhava o cotidiano dos atores desta pesquisa, os *pets*⁷³, os tutores, os profissionais, os eventos, as marcas de produtos *pets*, os clubes de raças, dentre outros, as redes articulavam-se de acordo com o movimento das relações que incluíam pessoas, animais, coisas, bens, serviços, produtos, e se desdobram em redes *online/offline*⁷⁴.

Foi através da sugestão do adestrador da creche, o mesmo que fez acompanhamento comportamental para que Ayla parasse de latir aos estímulos que geravam barulhos do interfone e do elevador, de criar um perfil no aplicativo do Instagram para que eles, da creche⁷⁵, pudessem acompanhar a rotina do *pet* quando não estivesse na creche nem hospedado lá. Perfil este, no

⁷³ Geralmente as pesquisas sobre Instagram incluem os *pets* como categorias de conteúdo de fotos compartilhadas. Aqui, o *pet* é o próprio usuário, e o humano toma seu lugar como categoria, eventualmente.

⁷⁴ MILLER, 2004.

⁷⁵ Serviço de *daycare*, hospedagem e adestramento.

⁷⁶ As tutoras que se conheceram através do perfil de seus *pets* no Instagram não só se reuniram para criar o evento Encãotro, bem como possuem uma outra conta no Instagram, nomeada de Unidas pelo Insta, onde fazem divulgação de publicação com a temática *pet* e/ou publicações pessoais em relação aos *pets* e tutoras que participam desta rede.

⁷⁷ Pesquisas realizadas a partir do Instagram: *What we instagram: a first analysis of instagram photo content and user types* (HU, MANIKONDA e KAMBHAMPATI; 2014) e *O "EU" e os outros na construção do self através do instagram* (CAVALCANTE e COSTA, 2014).

Barnes⁷⁸ (1987) lembra que a *rede é uma abstração de primeiro grau da realidade* e, dessa forma, contém grande parte das informações sobre *a totalidade da vida social da comunidade que a corresponde*, o que ele chamou de rede social total. Outro tipo de rede que o autor apresenta são as redes parciais, que seriam *qualquer extração de uma rede total* passível de ser aplicado algum de seus critérios.

Essa noção de rede parcial traz outros elementos consigo. A partir da metáfora da constelação, os indivíduos que estão em uma relação direta seriam estrelas de uma ordem de primeira grandeza, e aqueles que não estão ligados diretamente à Alfa, mas, de alguma forma, ligam-se à Beta, são estrelas de uma ordem de segunda grandeza. Para o autor, *a rede é uma construção social de relações de grandezas distintas*, mas que gera contato entre diversos elementos que juntos compõem os pontos, os fluxos e as conexões das redes.

Tomando Ayla como ponto *Alfa*, na medida em que se tornou um *hábito* acompanhar seu perfil no aplicativo, algumas categorias passaram a chamar atenção, devido a sua ocorrência, na construção de um quadro padrão de postagens de fotos e legendas.

Tomei como dados para a análise as publicações que ocorreram a partir do primeiro dia de janeiro até o último dia de abril de 2017⁷⁹.

O perfil de Ayla Marieta no Instagram está público e contém informações que deixam claro sua condição de animal de companhia e possui mais de mil publicações desde 15 de julho de 2016, quando da sua criação.

Abaixo, as categorias das fotos:

CATEGORIAS (fotos)	QUANT.
Deitada na cama	41
Fotos com humanos	22
Hospedagem	22
Em casa brincando	20

⁷⁸ No artigo “Redes e processos políticos”, 1987.

⁷⁹ Foram analisadas 152 fotos compartilhadas publicamente, organizadas em 12 categorias para fotos e em 5 subcategorias para legendas. Além disso, 18 fotos se encaixaram em mais de uma categoria, contabilizando, ao todo, 170 expressões.

Fotos com outros <i>pets</i>	15
Novidades (petiscos, brinquedos, acessórios, bandanas, presentes)	12
Passeando (rua/carro)	10
Visitas (feita/recebida)	9
Dia de creche	8
Eventos	5
Aniversários	3
Veterinário	3

Tabela 3: categorias de fotos Instagram

As categorias de fotos *deitada na cama* (41), *fotos com humanos* (22) e *hospedagem* (22) são as três categorias que apareceram com maior frequência. Juntas contabilizam quase metade do todo.

Sobre as fotos em que Ayla está deitada na cama: ou está brincando com a bolinha⁸⁰, ou *acabou de acordar* ou *vai dormir*, na companhia ou não de sua tutora, ou, ainda, pode se tratar de um flagra feito pela *câmera*⁸¹ do quarto.

No que se refere às *fotos com humanos*, em sua maioria trata-se seus próprios tutores, e acompanha sua ida a eventos, com amigos da família, veterinários, em passeios etc.

A terceira categoria, *hospedagem*, também inclui fotos com humanos e com *pets*; Ayla aparece interagindo com outros animais e outras pessoas em *brincadeiras* durante o dia e em momentos de descanso. Estas fotos, diferente das outras duas categorias, não foram tiradas por seus tutores, mas sim pelos donos da hospedagem por onde o *pet* esteve. Em algumas dessas fotos, a legenda inclui “*saudades*”, fazendo referência a *distância* entre Ayla e seus tutores – ou entre seus tutores e Ayla.

Estas categorias remetem à construção do estatuto do animal de companhia dentro de ambientes *offline* (casas e hospedagens) que está sendo compartilhado e divulgado entre uma *rede* de contatos, e em um ambiente digital, para uma *audiência online*.

Pensar estas categorias me levaram de volta à família, à organização que precede Ayla e que agora a mantém, graças ao esforço por parte dos humanos em construir e reforçar símbolos,

⁸⁰ *Seu brinquedo preferido*, segundo relato da tutora.

⁸¹ O casal de tutores posicionou em seu quarto uma câmera para acompanhar a rotina do *pet* enquanto trabalham.

eventos e demandas, na medida em que negociam os dilemas que incluem o animal de companhia no processo pelo qual o social acontece, provisoriamente, também no ambiente *online*.

A conta *pessoal* do animal, administrada pela sua tutora, é resíduo de um comportamento humano⁸² que está sendo atribuído e/ou estendido ao acesso do animal de companhia e administrado através da perspectiva dos tutores envolvidos, que também buscam incorporar a perspectiva do animal. E nesse sentido, é interessante chamar atenção para o potencial comunicativo do *pet* no Instagram, por revelar muito mais do que uma relação de proximidade entre humanos e não humanos, que já é bastante reveladora sobre as relações sociais contemporâneas, contribui para compreender os dilemas comunicativos que precisarão ser negociados para dar voz ao animal no ambiente *online*.

Contudo, somente com as fotos não era possível compreender a densidade e o potencial comunicativo que é atribuído à Ayla *em sua rede*. As legendas evidenciavam os riscos de se apresentar socialmente um animal de companhia em contexto de sociabilidade humana – o que ele tem a dizer e como diz?

A seguir, apresento as categorias de legendas mais frequentes:

CATEGORIAS (legenda)	QUANT.
Sobre como está se sentindo	34
Boa noite	28
Bom dia	24
Sobre o que está fazendo	21
Divulgação de eventos	5

Tabela 4: categorias de legendas Instagram Ayla.

Seguindo o padrão da escolha anterior, selecionei as três primeiras subcategorias de legendas que representam mais da metade do todo: *sobre como está se sentindo* (34), *boa noite* (28), *bom dia* (24).

Foi-se apresentando, no decorrer das fotos, um padrão que surgia nas legendas: dava-se voz à *subjetividade* que a tutora *lia* em Ayla. Expressões do tipo: *saudades, preguiça, de chamego, me leva na mala, me pegou no flagra, eu e a bola, o feriado aqui tá bom demais, relaxando, aumo, me comportei posso ganhar um brinquedo, estou trabalhando* (no escritório dos tutores), *ansiosa, mamis voltou, audoro o sofá, bom dia e boa noite*, eram algumas das

⁸² O de criar perfis sociais em redes digitais e gerar sociabilidade a partir deles.

legendas que comunicam sobre o estado de Ayla, seu humor, seus pensamentos, sobre o que estava fazendo ou ia fazer, sobre o que quer, seus desejos, e supõe uma interação direta com seus seguidores ao dar *bom dia* e *boa noite* constantemente e ser correspondida com comentários do tipo “bom dia, *aumiga* linda”.

Quando perguntei a Priscila como ela fazia para traduzir aquilo que Ayla pensava/queria/sentia nas legendas do Instagram, contou-me que,

Assim, eles são muito *inteligentes*. A gente consegue... E o que a gente fala assim “ai ela tá pensando isso”. Gente, *na verdade a gente não sabe o que ela tá pensando*. Mas a gente fala “Não.. Ah, Ayla tá pensando...” sei lá... “Ayla tá com fome”. Na verdade, a gente não sabe se ela tá com fome, né? Mas assim... As *feições*, tudo. Eu converso muito com ela. Bruno que fala. Aí eu falo assim “Ah, responde a mamãe” aí o Bruno fala “Ela não fala, Priscila” aí eu falo “ela fala”. Ela fala! *Pra mim ela fala*.

Neste caso, houve um esforço por parte da tutora em traduzir em termos sociais aquilo que os não humanos *comunicam* quando a tutora repara nas *feições* expressas pelo não humano e associa suas semelhanças àquelas da qual está habituada a interpretar em seu dia a dia, entre os humanos, e, portanto, é capaz produzir uma leitura do que Ayla quer, se está com fome ou não, se quer passear ou não, e daí por diante, por perceber algo de cognoscível entre ela e Ayla: a *inteligência*.

As fotos, as legendas e as interações comunicavam algo. É claro que Ayla frequenta as casas dos amigos dos tutores, que possui potencial de sociabilidade, que transita entre redes, entre o *online* e o *offline*... É isso! Se a construção social sobre a qual me refiro emerge da interação e da relação afetiva entre o animal de companhia e a pessoa humana, e precede o consumo, partindo de seu contexto, produz relações sociais e vínculos capazes de *gerenciar subjetividades online/offline entre tutores e pets*?

Assim como Miller e Slater (2004) defendem a superação de estudos etnográficos que evidenciam o *online* ou *offline*, pretende-se aqui tratar desses dois contextos juntos. O objetivo e interesse dos autores recai sobre os processos que geram os fenômenos que se pretende estudar. Em outras palavras, Miller e Slater (2004) tomam a Internet não como objeto de estudo, mas como processo pelo qual em Trinidad⁸³ o contexto é entendido como produto do uso na Internet.

Podem se estudar os carros em seu contexto social, mas pode-se igualmente estudar o tipo de sociedade que se desenvolve dentro de um meio cultural em que os carros têm um papel proeminente (2004, p. 45-46).

⁸³ “Não seria um estudo da tecnologia em um contexto social, mas um estudo na formação de formas culturais normativas e transientes que dissolveram dualismos simples de sujeitos e objetos” (2004, p. 48).

Aqui, trata-se da relação entre humanos e não humanos em contexto urbano em que os tutores e os *pets* estão emaranhados no ambiente *online/offline*, o que produz uma série de novas demandas – como o próprio consumo e eventos para *pets* – para um nicho de consumo – os tutores *pets* – e criam e/ou gerenciam novas identidades a partir do gerenciamento de *subjetividades online/offline* – entre pessoas e *pets*.

Quando Miller (2004) se refere ao trabalho de Slater,

Por exemplo, para entender o que algumas donas-de-casa norte-americanas estavam fazendo quando elas gastam horas envolvidas nessa troca de *sexcpics* é necessária a compreensão de seus relacionamentos *off-line*, em geral com seus parceiros (2004, p. 47).

Deixa claro a posição de onde estão partindo: da relação complexa estabelecida entre o *online* e o *offline* como modo de compreender um processo, e, acrescentaria, um movimento, que evidencia os contornos que *produz as estruturas normativas desses dois mundos* (2004, p. 48). Considerando, inclusive, a Internet como parte do processo de troca.

Tomemos a rede do Instagram como exemplo de rede parcial. A primeira vez que a tutora Priscila teve contato com Ayla foi através de uma postagem no Instagram, divulgada por um perfil de adoção⁸⁴.

Quando comecei a pesquisar sobre animais de companhia na cidade de Natal/RN encontrei vários perfis deste tipo, onde as pessoas que acompanhavam estes perfis também postavam pedindo ajuda, na maioria das vezes, para animais de companhia de sua convivência ou outros animais encontrados em situação de abandono. Os responsáveis por estas redes também se mobilizavam em torno da história dos animais que foram abandonados, como no caso de Ayla, e que precisam passar por procedimentos veterinários, exames, cirurgias, medicação, tratamento, até que estejam *saudáveis* para a *adoção responsável*. Enquanto isso não acontece, permanecem em *lares temporários*⁸⁵.

Foi no contexto *online* que a tutora encontrou o *pet* e demonstrou interesse imediato, comentando na postagem, ligando e visitando o animal. A busca por um animal de companhia atravessou mundos *online* e *offline*, bem como possibilitou a continuidade do movimento permanente entre eles. Assim que encontraram o *pet* em contexto *online*, o *pet* passou por um processo até *tornar-se* parte da família no contexto *offline*, e depois retorna ao ambiente *online*

⁸⁴ AdoteRN, ASRD (amor sem raça definida), dentre outros grupos no Facebook e Instagram.

⁸⁵ Termo usado nos perfis de adoção.

com um novo nome, uma nova história, novos interesses a compartilhar e novos *aumigos*⁸⁶ *online*, que se desenrolaram também no mundo *offline*.

Bárbara, tutora de Stitch, também se tornou amiga da família de Ayla em contexto *offline* após estabelecido contato *online* entre elas, explica:

Fiz o Instagram dele (*pet* Stitch) porque queria participar dos sorteios que sempre tem, as coisas de *PetShop*. Eu não tenho Instagram pessoal, então... não via as coisas que tinha. Aí as coisas que a *gente quer*, eu acompanho. É... Sorteio, acompanho as novidades do mundo *pet*, né? Aí fiz o Instagram dele. Aí conheci Ayla, conheci o Bob (tutora Lurdes) também e todo mundo se conheceu através do Instagram.

Aqui podemos observar o movimento *online/offline*: a criação do perfil *online* para acompanhar sorteios e novidades, sobre aquilo que os tutores *querem*, que o levaram ao ambiente *offline*, ao encontro com as novas amizades criadas *online*, que possibilitaram a criação de um evento *offline*, que também acontece *online*, na página do evento no aplicativo, eventualmente, e também com a divulgação de sorteios mensais. Em outras palavras, o vínculo entre tutores que aconteceu no ambiente *online* também se firmou no ambiente *offline*, e retorna aos ambientes *online* e *offline* quando preciso.

A antropomorfização como fenômeno complexo propicia, numa multiplicidade de situações, a possibilidade de se relacionar com o animal não humano como membro da família, além de sua infantilização análoga ao consumo de produtos que fazem referência, em grande parte, aos elementos da infância e da vida humana (OSÓRIO, 2006, P. 16)⁸⁷. Também corrobora para a prática de criação, manutenção e divulgação do perfil *online* para *pets*, evidenciando, em certa medida, um estilo de vida *pet*. Além do mais, esse processo de infantilização combinado à produção de *subjetividades*, pode, em certa medida, se configurar como um processo de criação de identidades sociais *online/offline* com o animal ocupando uma posição de ator social nessas esferas.

A partir da análise do perfil de Ayla Marieta foi possível conhecer outros tutores, serviços, profissionais, eventos, que deram fôlego etnográfico ao meu trabalho. Antes de colocar em questão o animal não humano como sujeito *pet*, ao questionar como é possível, através do fluxo de subjetividades, construir a trajetória de vida de um *pet*, vejamos como o não humano *torna-se pet*.

⁸⁶ Termos usados pelos tutores tanto *online* quanto *offline*, como *aumigo*, *aumizade*, *naumorado*, *cãolaborador*, *gauleira*, dentre outros.

⁸⁷ Casos relatados por Osório (2016) sobre uma comunidade *online* onde os seus membros comparam o animal a eternas crianças de três e quatro anos de idade, descritos, frequentemente, como bebês (2016, p.7).

4.2. CONSTRUINDO A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA *DOGMODEL*

No livro *Flush* (2014), de Virgínia Woolf, publicado originalmente em 1933, e inspirado em cartas trocadas no século XVII entre uma poetisa e um poeta apaixonados, reconstrói-se o relato biográfico sobre Flush, animal de companhia da poetisa. Ao iniciar a obra, a autora aborda o dilema em que se encontra a amiga da poetisa que lhe ofereceu o animal de companhia com o intuito de melhorar sua condição de vida, seu humor: “*Mas vender Flush era impensável. Ele fazia parte daquela rara ordem de objetos que não se pode associar a dinheiro*” (2014, p. 23). A amiga, então, decide, mesmo depois de conviver com o animal por um tempo, doá-lo à poetisa. Veja, o valor monetário não foi determinante para que esta relação fosse efetivada, a não ser quando motivada por *valores afetivos*, que justificaria a doação do animal em detrimento do bem-estar da poetisa.

Da perspectiva de Flush, de quando a autora atribui reações, valores e vontades ao qual o animal é constituído naquele contexto, esta ruptura com a tutora anterior para ser doado à outra tutora, na intenção de melhorar sua qualidade de vida, no caso, sua depressão, é alvo de falta de entendimento por parte do animal, que não entende o motivo pelo qual foi levado e *deixado* em outra casa, à imposição de uma nova rotina e na convivência com pessoas diferentes. A nova tutora, no entanto, recebe Flush com *felicidade e ansiedade*, e acusa no comportamento mal compreendido do animal – quando late, faz xixi no local “errado”, morde as visitas ou deita em sua manta – sinais de sua *personalidade* arredia.

O livro de Virgínia Woolf inspirou a construção de uma narrativa em que o animal de companhia aparece como sujeito sobre o qual se descreve e, mais do que isso, se trata de um relato etnográfico sobre a relação entre tutores e *pets* em uma determinada época, em outra cultura. Ao dar ênfase a sua trajetória de vida, Woolf se utiliza da perspectiva da poetisa, do que ela compartilha em suas cartas, sua autobiografia. Ao traçar a história de vida de Flush, a autora nos guia através da história de amor entre sua tutora e o poeta, sua relação com a família, com a vizinhança, sobre as viagens, as decepções, os dilemas por causa do comportamento incompreendido do animal, e tantos outros acontecimentos que entrelaça os humanos e os não humanos em um mesmo fluxo. Toda a vida de Flush estava atrelada ao humor e a vida de sua tutora. Assim como esta, há outras narrativas onde relatos biográficos ou autobiográficos de animais humanos e não humano se mesclam.

No artigo, *Autoetnografia: uma alternativa conceitual*, Daniela Versiani (2002) pesquisadora que se dedica ao estudo de subjetividades contemporâneas, se pergunta “se o

modelo de autobiografia do século XVIII iluminista ainda será eficaz para conferir visibilidade aos sujeitos históricos (não essencializados) que compartilham heranças socioculturais em constante circulação” (2002, p. 57).

Para tanto, a autora se utiliza de uma teórica da literatura, Julia Watson, que *propõe a ruptura da concepção de sujeito metafísico, unívoco e estável, intrínseca ao modelo iluminista do século XVIII* (2002, p. 58). E na medida em que rompe com o modelo tradicional, sugere um modelo alternativo de autobiografia pautado no modo dialógico, ou seja, enfatizando os aspectos dialógicos da construção discursiva das autobiografias, trabalhando, dessa forma, com a noção de sujeito histórico construído desse modo a partir da relação que estabelece com outras subjetividades. Em outras palavras, incluindo o Outro na escrita do Eu. Segundo Versiani, “Em suma, Watson parte de uma concepção de subjetividade *histórica*, que se constrói pela constante interação e diálogo com outras subjetividades” (2002, p. 61).

A autora também resgata em seu texto um historiador da antropologia, James Clifford, que também propõe uma mudança de paradigma, mas no sentido da produção de etnografias. Pensando a etnografia como uma “negociação construtiva de pelo menos dois, e muitas vezes mais, sujeitos conscientes e politicamente significantes” (CLIFFORD, 1998, p. 43 apud VERSIANI, 2002, p. 67). Segundo a autora, a mudança se refere à explicitação da intersubjetividade estabelecida entre etnógrafo e o interlocutor como pressuposto básico da construção da própria etnografia (2002, p. 67). Ao elaborar uma escrita dialógica, o etnógrafo fala *com* o outro, e não *pelo* Outro, ou *sobre* o Outro, o que pode se configurar como um encontro de subjetividades entre pesquisador e pesquisado.

É nesse sentido que a autora fundamenta o seu conceito de autoetnografia. Em suas palavras,

“uma alternativa conceitual útil a pesquisadores da cultura preocupados em superar uma série de dicotomias predominantes na reflexão teórica dedicada tanto às autobiografias quanto às etnografias aqui denominadas escritas de construção de *selves*: o Mesmo *versus* o Outro, subjetividade *versus* alteridade, Sujeito *versus* Objeto, etc.” (2002, p. 68).

No entanto, não se trata apenas de visualizar o momento da diferença, mas na medida em que prestarmos atenção às trajetórias dos indivíduos e as interações que estabelecem entre si, a autora acredita que poderá ser possível visualizar diferentes subjetividades, identidades e concepções de mundo.

A partir do relato biográfico sobre a vida do animal de companhia, acessado através das conversas que tive com sua tutora, da observação de seu posicionamento em movimentação

na(s) rede(s) e da análise desses dados, foi possível a construção da História de vida de Ayla Marieta. Não se trata somente de um recurso metodológico para pensar o *pet*, é através das redes em que ele se insere – ou é inserido – e passa a movimentar-se, que podemos buscar por elementos que elucidem como o trajeto social para o animal de companhia é construído dentro da família e como isto também o constrói como *ator*.

Nas conversas que tive com a tutora Priscila, estava interessada em perceber uma certa cronologia que ligava todos os acontecimentos da vida de Ayla e que poderiam ser encadeados em uma sequência lógica, desde a motivação para a adoção de um animal de companhia, até sua rotina, suas relações, sua sociabilidade, etc. No entanto, o discurso que a tutora tinha para oferecer estava estruturado de forma muito mais complexa. A vida de Ayla, por estar intrinsicamente ligada à sua própria vida, criava emaranhados de situações e acontecimentos que se mesclavam e se constituíam como história de ambas e de sua família.

Para Pierre Bourdieu (2006),

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar (2006, p. 185).

Para tal empreitada, a saber, construir a biografia de um animal não humano, a escolha metodológica, em primeiro lugar para fins de análise, foi a de fragmentar sistematicamente, através do discurso e da perspectiva da tutora humana do animal de companhia, do relato em categorias⁸⁸ que ajudariam a criar um panorama geral daquilo que se tinha sobre o relato biográfico do animal para, em seguida, incorporar todas aquelas informações e todos os elementos em um único relato biográfico.

Para construí-lo, e, consequentemente, construir a história de vida do animal de companhia, em primeiro lugar estou sugerindo a possibilidade de narrar a história de vida de um animal de companhia através da perspectiva daqueles que o tutelam e da observação de seu fluxo social *online/offline*. Em três ocasiões pude gravar a conversa que tive com Priscila. Nestas ocasiões, no Arena das Dunas, foquei em buscar informações sobre a biografia de Ayla, ainda sem saber como traduziria a tradução da tutora. Fazia perguntas pontuais sobre a história de Ayla, mas fui percebendo que, para isso, era preciso encaixá-la em alguma chave de contexto. Era preciso recolocar Priscila no plano imaginário de quando ela viu Ayla pela

⁸⁸ Chegada/motivação, primeiros cuidados/adaptação, socialização/rotina, dilemas/relações sociais, antropomorfização/papel social, comportamento/mudanças.

primeira vez, e, como num piscar, guiava-me para o dia em que ela e Bruno abordam a possibilidade de criar um animal de companhia, retornando para a sugestão de seu pai de que o nome de sua filha humana fosse Ayla. Era difícil saber em que tempo a narrativa se passava, tantos episódios que se conectavam a outros, se misturava Ayla, Priscila e Bruno, em uma única história.

Dito isto, depois de fragmentar o relato em categorias, como (re)construir seu corpo? A alternativa aqui encontrada foi uma espécie de redução do relato biográfico de Ayla Marieta em dois momentos: *chegada/adaptação*, *comportamentos/dilemas/projetos*, como forma de oferecer sentido à narrativa, não necessariamente presa a uma ordem cronológica dos fatos e acontecimentos que influenciam em seu estatuto e movimentam a rede. Esses momentos ajudarão a elucidar a experiência do animal de companhia, leia-se Ayla, em movimentação na rede, na qual foi inserida quando da sua chegada à família, e nas redes que passou a frequentar de acordo com sua adaptação, como vimos acima, e outras redes por onde eventualmente se movimenta de acordo com o posicionamento que já possui no *tabuleiro social*.

4.2.1. Chegada/adaptação

A primeira vez, assim como se deu comigo, em que Priscila a viu, foi através de uma foto no Instagram, em 2015. Perguntei à tutora sua primeira impressão em relação a foto e ela logo afirmou que identificou no pet o *desejo* de ser adotado, evidenciado em suas feições de carência. Em suas palavras, “*Ela tava com aquela carinha mesmo de ‘quero ser adotada’.*”. Seu *desejo*, por assim dizer, foi atendido pela futura tutora.

A gente pegou ela no dia 29 de dezembro de 2015. Ela tinha aproximadamente dois meses, e a gente colocou exatamente na data que a gente tava dois meses atrás. Porque a gente não tinha como saber a data exata. E a gente queria ter o aniversário dela, então botou dois meses atrás.

Ao ser resgatada por uma protetora de animais que publicou sua foto para que ela pudesse ser adotada, Priscila teve acesso ao contexto que antecede sua relação com Ayla,

Ela (Ayla) foi encontrada na rua, a menina postou e a gente... No momento que eu vi falei que eu *queria*. Mas no momento que eu vi não sabia que ela ia ser *minha*, porque existe uma *espera* e tudo mais.

No mesmo dia que encontraram o *pet* pela primeira vez, os tutores levaram-na para casa. O desejo de encontrar um animal de companhia que pudesse dividir a vida familiar com o casal

recém-casado, vontade expressa por seu marido, motivou Priscila a buscar/aguardar pela chegada do *pet* que faria parte de sua família. Como Priscila mudou de cidade para casar-se,

tinha uma cachorrinha com minha mãe. Ela era minha, ganhei quando tinha 12 anos, mas... Cachorro *escolhe* o dono, né? E ela escolheu a minha mãe e não a mim. Então eu achei judiação se eu tirasse ela da minha mãe e trouxesse pra cá.

A tutora já havia tido a experiência de conviver com um animal de companhia como parte integrante da família, da qual considera *tia* de seu *pet*⁸⁹. Mesmo partindo de seu marido, ao insistir para que o casal “comprasse” um *pet*, o projeto de incorporar um novo membro à família, Priscila, já familiarizada à tal experiência, mesmo argumentando contra, tendo em vista uma nova rotina que se instauraria como preocupação para o casal e negociações de seus demais compromissos, caso fosse preciso, e, levando em conta a possibilidade do animal não ter companhia, coisa que a tutora levou em consideração em sua decisão, Priscila conta que,

Ele queria um cachorro e eu falei ‘Não, dá muito trabalho’. Mas aí fiquei olhando os grupos de adoção. Porque eu sabia que ele queria... E... No final, eu queria, entendeu? Só que dá um pouco de trabalho e eu fiquei meio assim ‘ah, vai ficar em casa...’, que a gente trabalha o dia todo fora.

Já com o *pet* em casa, a tutora identifica em seu comportamento traços que remontam à sua condição de resgate, sua vulnerabilidade e origem impossível de ser rastreada.

Uma pessoa que encontrou ela na rua. Ela tinha um cachorro e tava passeando na rua e a Ayla tava dentro de uma caixa sozinha. Então, a gente não sabe se ela tem irmão, se alguém deixou, nem nada.

Figura 23: Ilustração da situação de resgate em que Ayla foi encontrada

Segundo a tutora,

Olha... (sorriu) Foi... Difícil. Foi um processo... Que no início é difícil, né? Assim... É um serzinho. Ela chamava Hanna. A menina que pegou ela botou o nome de Hanna. Mas eu não gostava desse nome. Assim, não teve o afeto com esse nome. E aí eu e

⁸⁹ Postagem no Instagram.

Bruno, a gente ficou “É, vai ser que nome?”. Tentamos vários. E até que a gente lembrou que uma vez meu pai queria que a minha filha se chamasse Ayla. Desde o início queria que o nome da minha filha fosse Ayla. Só que a filha humana, né? Assim, no pensamento dele. Só que sempre eu falei pra ele “Pai, Ayla é nome de cachorro”. “Não, é de gente também”. Eu falei assim “É essa a hora de usar que vou ter que usar né?”. Aí eu botei Ayla. E o Marieta saiu depois de um tempo, entendeu? Na verdade, quando a gente briga às vezes, a gente quer um nome maior. Então ficou AYLA MARIETA (falou mais alto). Porque só Ayla era AYLA (sorriu).

Pareceu conveniente, agora, nominar aquele animal de companhia, que seria tratado como *filha*, de Ayla⁹⁰, por considerar que existia mais *afeto* com esse nome.

Segundo Bourdieu (2006), ao levantar a questão da *nominação*, ou seja, o nome próprio,

institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os campos possíveis onde ele intervém como *agente** (grifo do autor), isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis (2006, p. 186).

O autor entende o nome próprio como sendo uma instituição, garantindo aos indivíduos uma *constância social*. Sendo aquele “o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais” (2006, p. 187). E, para além disto, a possibilidade de documentar em registros oficiais sua manifestação social de existência. É claro que Bourdieu não estava se referindo à construção de identidade por parte dos não humanos, mas ao aproximá-lo deste ponto de vista, perceberemos o quanto se faz importante, aqui em especial, para os tutores de Ayla, ao se mobilizarem para fazer um registro de seu *pet*:

A gente tem um que foi registrado na internet (identidade social), mas hoje em dia aqui em Natal inclusive o dela (Bárbara) já é registrado em cartório.

Ao movimentar-se em rede, Ayla mobilizou, primeiramente, protetoras de animais, depois a família e, em certo sentido, a esfera pública, aqui materializada no registro disponível na internet⁹¹, que oferece uma alternativa a identidade social do animal de companhia. E, aqui, mais uma vez vemos tensões se desenharem. Os tutores acharam que o registro civil era necessário, mas não encontraram alternativas na lei para tanto, diferentemente da tutora Bárbara, que registrou em cartório⁹² seu *pet* Stitch. Essa tendência não somente se apresenta como forma de afirmarem que se trata de uma *filha(o)*, e para além da possibilidade de Ayla ter acesso aos direitos animais caso seja possível num futuro breve, representa definir o papel que ela, ou Stitch, ocupam para *outros humanos*.

⁹⁰ O segundo nome próprio, Marieta, surge como nome para dar ênfase e como recurso para chamar atenção do animal em momentos específicos.

⁹¹ Site que disponibiliza, a partir dos dados dos tutores, uma espécie de documento de nascimento e uma identidade para *pets*.

⁹² Registro civil possibilitado através do contato parental entre a tutora e o dono de um cartório local.

Ayla também precisou adaptar-se à família do casal, ou melhor, à ideia do animal de companhia como integrante dessa nova constituição de família, na medida em que, embora parte da rede, ainda não estava consolidada em sua posição como ator social.

A primeira vez que eles viram (Família de Priscila) ela já tinha um tempinho e... Eles se assustaram, na verdade. Porque nas fotos ela parecia ser um pouco menor. Mas, assim, o susto foi do tamanho, que ela sempre foi muito dócil. Então todos aprovaram. Meus pais e eu, a gente já tinha tido outro cachorro, que é a Pitucha. Então já estão acostumados. E os pais do Bruno no início ficaram um pouco receosos, que o primeiro cachorro que o Bruno teve morreu, assim, com uma semana. Então eles ficaram um pouco receosos porque ela foi da rua e ela tinha doença do carrapato. Então eles tiveram medo que a gente se apegasse muito a ela e ela não sobrevivesse.

O medo de que o casal se apegasse a um animal de rua, sem história, doente e sem raça definida, deixou os parentes do casal apreensivos.

A família foi uma rede em que Ayla passou a se posicionar, ainda sem identidade estabilizada dentro daquela ordem, tendo que passar por um processo de nomeação que mexeu com as estruturas da organização familiar pré-estabelecida. Tensões acerca da permanência do animal em detrimento do *medo* de que ela não sobrevivesse e isso causasse *sofrimento* ao tutor Bruno, situação que já havia sido vivenciada pela família do tutor e que gerou *expectativas* em torno do estatuto daquele animal naquela família, que foram reestruturadas na medida em que o *pet* vingou saudável, precisaram ser negociadas entre os tutores e a família do tutor Bruno.

4.2.2. Comportamento/dilemas/projetos

Sobre suas primeiras experiências, já em contato com os humanos que a nomearam de Ayla Marieta, Priscila afirma que

Ela era bem assustada. Ela... Assim, não com a gente até. Ela era muito pequena. Então assim, ela se acolhia muito fácil perto da gente. Mas ela era assustada, sei lá, qualquer barulho que fazia, ou sei lá, o sofá que é bem maior do que ela talvez, sei lá, tenha visto. Ela era um pouco assustada, às vezes ia pra debaixo das coisas, mas era... Assim, *aos poucos ela foi domando a casas e a casa virou a casa dela.*

Na medida em que a casa foi se tornando *sua*, Ayla passou a ocupar lugares e a reagir aos estímulos que cercavam seu novo habitat. Para o casal, foi necessário buscar alternativas para que o latido do novo membro da família não se tornasse um inconveniente para os vizinhos do apartamento, pois acreditavam que o barulho passaria a incomodar outras pessoas. Priscila conta, inclusive, que quando o interfone tocava, já ficava preocupada com a reação de Ayla, atendia e pedia para que o porteiro não interfonasse mais.

A consultoria que os tutores sentiram ser necessária, devido aos latidos frequentes, segundo Priscila, foi importante para mudar tal comportamento de Ayla. Contudo, foi sua ida

para a creche, que frequenta semanalmente, que apresentou um indicador de mudança comportamental mais consistente,

Acho que ela ficou bem menos estressada, mais calma. Ela volta da creche *acabada*. (risos) O que pra gente às vezes é bom, porque em casa muito tempo a gente vê que ela cria um estresse, uma ansiedade

A ansiedade ao qual a tutora se refere, pode ser evidenciada através da observação de sua rotina, como explica:

Geralmente eu caminho com ela todos os dias, segunda, terça, quarta, de 4 horas. Quando dá quinta-feira, quinta-feira ela tá na creche, mas assim, quando dá quinta-feira, 4 horas, *ela já tá me chamando*, latindo, porque ela... Eles sabem né? Eles são bem *inteligentes*.

Em casa, Ayla e os tutores dividem a mesma cama. Passeiam, ao menos, uma vez ao dia; e o *pet* faz suas necessidades no apartamento, em tapetes higiênicos.

Quanto ao comportamento de Ayla, a tutora identifica uma mudança entre o início da socialização do *pet* e atualmente.

Ela com as pessoas era muito mais agitada quando chegava qualquer pessoa. *Igual criança né?* Que tipo ‘Chegou gente. Vou me mostrar’. Hoje em dia ela é mais tranquila, mas assim, qualquer pessoa que chega lá em casa ela leva a *bolinha* automaticamente pra pessoa brincar. Mas antigamente ela subia na gente como se a gente fosse um nada, sabe? Assim, pisava na nossa cara. Tipo, não tinha noção do espaço que ela tomava. Hoje em dia a questão da socialização assim, ela ainda é social né? Mas ela é mais tranquila. Com os outros cachorros também.

Mas logo em seguida, no mesmo depoimento, chama atenção para novamente para a condição de resgate que trouxe Ayla às suas vidas,

No início, bem no início, acho que ela era um pouco assustada por ter sido largada na rua, né? Mas tem uns cachorros que ela gosta desde o início e... Acho que não mudou não. Assim, *com os cachorros eu acho que mudou menos*.

Inserida em outras redes, Ayla passa a transitar com mais autonomia na família de ambos os tutores, estabelecendo vínculos com os parentes mais próximos. Os de Bruno ao ser aceita como integrante entre eles, que antes estavam receosos com sua permanência. Ao criar a marca, *AumigoPet*, a imagem de Ayla foi imediatamente atrelada a ela, e por isso a afirmação da sua tutora referindo-se ao *pet* como *Dogmodel* e *mascote*, como ficou evidente na sessão de fotos no Arena das Dunas, ao observá-la em momento *profissional* – embora também entendido pelos tutores como passeio.

Hoje em dia ela só usa *AumigoPet*. Até porque eu falo que ela tem que ser a garota propaganda, né? Tipo assim, ela vai usar outra? Não pode. (risos) E sempre sai com alguma coisa (da marca).

O perfil no Instagram e a ida semanal para a creche possibilita ao animal de companhia interagir com outros humanos e não humanos e acessar ou ser acessado por outras redes, em certo sentido, estar acessível socialmente.

“Hoje em dia ela é saudável e tá bem.. Mas no início deu um *trabalhinho*”⁹³, *trabalhinho* este que possibilitou a imersão do *pet* em outras redes, tanto em relação aos impulsos de consumo, demandas e necessidades, quanto aos eventos e novas amizades.

Quando questionei a tutora sobre a socialização de Ayla nos primeiros anos, a tutora a descreveu como tranquila, sempre dócil com outros humanos e *cismada* com alguns outros animais de companhia, principalmente das raças Ilhasa apso e Shih-tzo, em função, segundo conversou com o adestrador, de um trauma decorrente de uma mordida desferida – em uma confraternização em um aniversário de *pet* – por um dos animais de tais raças, da qual Priscila não conseguiu identificar por achá-los similares.

Figura 24: Ilustração produzida na primeira conversa com os tutores de Ayla, que estavam tirando fotos do *pet* para a marca da tutora.

Ela levou uma mordida na orelha e... A gente tava numa *confraternização mesmo, de cachorros*. E aí de repente a gente começa a ver sangue no chão. Eu tava sozinha, o Bruno não tava. Eu sou muito fraca pra essas coisas. Eu já tava meio abalada. Aí quando eu vi que era de Ayla... Assim, eu só chorava. Não sabia o que fazer. Porque... Eu nem sabia. Não sei. Tipo assim....

Suas amigas a ajudaram a tratar do ferimento até que Ayla fosse levada para um veterinário,

A gente ficou apertando a orelhinha dela até estancar um pouco o sangue pra levar no veterinário. Ela precisou ficar com a orelhinha, né, pra cima assim. Porque se ficasse

⁹³ Diz Priscila enquanto oferece um petisco ao *pet*, pouco antes que seus parentes chegassem, no Arena das Dunas, no momento em que Ayla e o tutor Bruno haviam retornando em uma das voltas que deram, a sós, segundo a tutora, *o passeio com o papis*.

caída ela ia ficar pingando. Aí ficou pra cima e enfaixada. Porque ela não podia balançar a cabeça, que ia sangrar. Então a gente acha que ela teve um trauma, né?.

Fora isso, segundo os tutores, Ayla se assusta com a aproximação inesperada tanto de humanos quanto não humanos, algo que sua tutora atribui à sua condição de *animal*⁹⁴.

Ainda segundo a tutora, eles costumam aceitar as sugestões do *pet shop* sobre produtos, bens e serviços com frequência, e foi assim que Ayla acabou com um microchip na pele:

O *PetShop* me ofereceu e aí eu... Na verdade tudo que me oferece eu falo “coloca”. “ah, tem vacina não sei de que”, “faz!” “Tem..”, “faz!” “Tem...”, “faz!” Não precisa perguntar duas vezes. Que o que puder a gente faz. Porque é o que a gente fala, são nossos filhos. Então assim... Tem que cuidar, ter tudo o que quer. Filho mimado, né? (sorriu).

Pouco antes de nos despedirmos após o primeiro encontro no Arena das Dunas, ainda sentadas nas cadeiras, Ayla e o tutor estavam ao nosso lado: o *pet* atento ao que acontecia ao seu redor, ganhou alguns petiscos, e seu tutor, postado ao seu lado, oferecia carinhos em suas orelhas. Um objeto redondo, e com o que parecia ser um código de barras, apareceu entre as carícias do tutor. Ao questionar o que significava aquele objeto, os tutores contaram que além de um microchip na pele, havia na coleira de Ayla acessório com código barras – que depois também vi na coleira do Stitch – que pode a identificar, caso seja necessário, como explica Priscila,

Só se a pessoa ler, entendeu? Tipo assim, finge: Ela foi roubada ou perdida e alguém levou no *PetShop* aí alguém viu uma publicação impressa. Parece a Ayla! Se a pessoa tiver a sacada de passar um scanner pra ver que ela tem um micro chip vai saber meu nome, meu telefone, tudo. Né, Bruno?

Bruno confirmou positivamente e Ayla o saiu puxando, em mais uma volta.

Quando se trata dos dilemas, o que incomodava os tutores, segundo me relataram, estava relacionado aos produtos e bens disponíveis no mercado *pet*, que não *serviam* para o *pet* Ayla. Cabe aqui refletir sobre o que implica para o movimento de redes de Ayla que seus os tutores transformassem a solução para seu dilema em relação às questões de gênero, de tamanho padrão dos produtos e bens para os animais de companhia, em *mercadoria*⁹⁵. O que não somente fez com que Ayla se movesse em uma rede de consumo, com a *marca*, mas incluiu seus tutores em uma rede de contatos que se tornou possível graças ao evento Encãotro, expandindo o alcance dos produtos *pets* para uma audiência interessada na temática *pet*.

⁹⁴ Quanto a este espanto, do qual presenciei algumas das vezes em que estivemos juntos, se trata de um latido seguido de aproximação ou não, caso Ayla não esteja interessada, para sentir o cheiro daquele que a assustou.

⁹⁵ No sentido de *tornar-se mercadoria* por Appadurai (2008).

O convite para comemorações de outros animais de companhia, mesmo que na verdade a *convidada seja a Ayla*, conforme afirma sua tutora⁹⁶, tal qual o caso em que o *pet* sofre a mordida de outro animal, ocasião que mobilizou suas *amigas humanas*, profissional veterinário e adestrador, e, certamente, modificou a forma como Priscila e Ayla encaram animais daquela raça⁹⁷ - bem como a tentativa de criar estratégias para encaixar Ayla no sentido de sociedade e deixar sua imagem capaz de ser compreendida pelos outros humanos, como fêmea -, os bens e produtos produzidos pelos tutores passam a construir, num formato de identidade, *para o pet*, para quem é destinado a produção, cliente e ator que movimenta esta rede, conteúdo social específico, particular àquele animal, e que agora pode ser compartilhado por *outros*.

Figura 25: Tutora e pet posando para foto em desfile no Encãotro, temática páscoa.

E não só isso. Com a marca, a imagem de Ayla passa a ser associada ao consumo, e, consequentemente, embora não necessariamente, à construção de sua identidade social – que está sendo moldada e se moldando. Ambos, tutores e *pet*, se envolvem em eventos, redes, e colaboram para manter a identidade do outro.

Em nosso último encontro, perguntei sobre os projetos para o futuro de Ayla, e sua tutora falou de imediato “TA, conhece?”. Disse que queria que Ayla participasse de Terapia Assistida com Animais, mas ela ainda não alcançou a idade mínima para o treinamento.

Perguntei se pensava em ter filhos e morar em uma casa, e ela afirmou que gostaria de ter filhos e que “Ayla se dá super bem com crianças”, depois da experiência de participar de uma ação em uma organização para crianças com câncer, onde Ayla interagiu com as crianças, sua tutora afirma que não seria um problema ter filhos, e que isso também a tinha motivado a adestrar Ayla para a Terapia Assistida, projeto do qual o adestrador de Ayla é responsável, para que

⁹⁶ Perguntei à tutora se ela já havia ido a um aniversário de *pet* antes de Ayla e ela respondeu negativamente e completou: “quem é convidada é ela (Ayla)”.

⁹⁷ Nesse sentido, fica evidente que a experiência de ambas molda suas percepções sobre aquilo que vivenciaram.

assim, Ayla pudesse ajudar as pessoas. Continuou dizendo que não moraria em uma casa por se sentir mais segura em apartamento.

Falamos sobre orçamento, e a tutora disse que eles não tinham um valor estimado, que Ayla faz visitas frequentes ao veterinário de confiança, que acompanha Ayla desde o começo, tem uma alimentação a base de ração e petiscos naturais, citou o nome da produtora dos petiscos. Insisti se eles não teriam uma estimativa dos gastos, e ela reafirmou que não tem um orçamento definido, que tem os gastos fixos com alimentação e serviços, mas que tem outros gastos com medicação, acessórios, que não contabiliza. Tendência esta que pudemos apreciar no capítulo anterior.

Levantamos para caminhar, Ayla estava muito inquieta. Ainda fiz algumas perguntas sobre o Instagram, Encãotro, marca. Ela me falou um pouco da relação com os outros tutores, disse que dos tutores que conheceu *online*, “100% se tornaram amigos *offline*”, inclusive entre os animais.

Figura 26: Print de uma das postagens do perfil de Ayla no Instagram.

Questionei se havia para Ayla lugares para guardar seus “pertences”, usei esta expressão, e a tutora questionou o que eu queria dizer, se petiscos, roupas, acessórios, brinquedos.. disse, *tudo isso*, e a tutora afirmou que tem um recipiente para cada coisa dessas. Comentei que havia visto no Instagram uma foto em que Ayla escolhia suas roupas guardadas em umas gavetas pequenas de plástico, e ela disse que Ayla tem várias daquela, e até tem um lugar na casa com quadros do *pet*, além dos recipientes para medicamentos, petiscos, roupas e brinquedos.

Ao construir a história de vida de um animal não humano, a saber, um animal de companhia, o relato que pressupõe o *pet* Ayla, a fixa no tempo e no espaço como um sujeito

histórico, em um lugar e uma data, mesmo que incerta, que culminam em sua existência, um

nome – que já carrega consigo um legado – e, portadora desses elementos, seu conteúdo social passa a transitar e ser reconhecido nos ambientes do qual seus tutores transitam, entre as relações que seus tutores gerenciam por conta de sua existência, entre humanos e não humanos, ao ponto de ser reconhecida entre eles como *quem é*, Ayla Marieta, *dogmodel* e *mascote* da *própria* marca de artigos para animais de companhia, recentemente, detentora do título de *Miss Vira Lata 2017*⁹⁸, e futura TA.

4.3. RITUAL FAMILIAR: AUNIVERSÁRIO DE BLUE E ROMEU

A antropóloga Andrea Osório, em um artigo de 2016, apresenta um questionamento interessante sobre as razões da comercialização de produtos adequados ao consumo e às necessidades alimentares de cães e gatos sob o nome de alimentos destinados ao consumo humano e que não podem ser ministrados para os animais de estimação⁹⁹. Uma das respostas que a autora oferece é a inclusão dos animais nos rituais familiares. Segundo ela, “Afinal, o mercado *pet* inclui criadores que vendem animais de raça. Circulados como mercadorias, eles são objetos. Mas, no ato de presentear seu próprio animal de estimação com um brinquedo ou petisco, ele passa à condição de sujeito” (OSÓRIO, 2016, p. 2).

Na medida em que estamos tratando do animal de companhia através da perspectiva dos tutores, inseridos em famílias *multiespécies*, é interessante pontuar a importância dos rituais da família para os *pets*. O *auniversário* como sendo uma data festiva, uma forma de celebrar não somente a existência social do *pet*, bem como reforçar vínculos sociais entre as pessoas e os *pets* que compareceram, com o local que se produziu a festa, com o compromisso em levar produtos que agradassem aos paladares humanos e não humanos, na troca de presentes, nas conversas informais entre eles, reforçando os laços familiares entre os *pets* aniversariantes e seus tutores, também contribui para compreendermos mais uma vez esse fenômeno de como o animal de companhia se torna sujeito: ao ser construído como sujeito do qual é preciso celebrar a existência e presentear.

É comum, na medida que *sigo* através do Instagram, vários perfis de animais de companhia da cidade, *aumigos* entre si, acompanhar festas de aniversário de outros *pets*, Além disso, postagens sobre aniversariantes *pets*, do tipo homenagens, são recorrentes.

⁹⁸ Disputa via Instagram para animais SRD, ganhando aquele que tivesse a foto compartilhada no perfil da *competição* mais curtida.

⁹⁹ Como no caso dos chocolates, das cervejas, dos *brownies*, sorvetes, etc.

Em um movimento pendular entre o *online/offline*, a tutora de Blue¹⁰⁰, Rafaela, entrou em contato comigo via aplicativo de mensagem instantânea para convidar-me para o *auniversário* de Blue e Romeu. Fiquei na dúvida se levava presente ou não. E o que levaria? O que eles podem ou não comer ou do que gostam ou não de brincar?

No último encontro no Arena das Dunas, Rafaela, tutora de Blue, enquanto conversávamos sobre os petiscos que Priscila estava dando para Ayla¹⁰¹, que perguntou a tutora Rafaela, o que Blue poderia comer, pois ele tinha feito recentemente a cirurgia de castração. Rafaela disse que ele estava *comendo de tudo*, inclusive comida industrializada, coisa que a mãe de Ayla tenta evitar, completou Rafaela, em tom descontraído. E *o que Blue mais gosta*, disse Rafaela, são os *ossinhos industrializados*, mesmo sabendo da sua *fabricação duvidosa* continuava a oferecer, pois *é apreciado pelo pet*. Pensei em levar *ossinhos* para Blue.

Para o outro *pet* que estaria dividindo as comemorações, Romeu, um pequeno e agitado Yorkshire, segundo sua tutora, que compra roupas e acessórios com bastante frequência¹⁰², pensei então em levar algum acessório. Mas como nunca havia estado em um aniversário de animal de companhia antes, não sabia exatamente como seria o ritual e decidi não levar os presentes¹⁰³.

Ainda sobre este último encontro, que ocorreu no Arena das Dunas, as tutoras de Romeu e Blue comentaram que seus *pets* fariam aniversário na mesma semana e Priscila sugeriu que ambos se unissem e fizessem um único aniversário no Arena das Dunas¹⁰⁴. As duas *confessaram* que iriam fazer apenas um “bolinho, nada demais”, não foi preciso que se insistisse um pouco mais e as tutoras acabaram por concordar com a ideia. Ambos os animais de companhia completariam um ano de vida, e elas justificaram que realmente era *preciso comemorar essa primeira data*.

Enquanto estávamos conversando, demandas sobre produtos sempre surgiam. Rafaela estava à procura de um espaço para que Blue fizesse suas necessidades fisiológicas no

¹⁰⁰ *Naumorado de Ayla*.

¹⁰¹ Conversa que se desencadeou após questionar sobre alguns biscoitos que Priscila havia levado em um pote para oferecer a Ayla. Tratava-se de biscoitos orgânicos.

¹⁰² Enquanto estávamos no Arena das Dunas conversando na frente de um estande de produtos *pets*, confessou que não iria ficar perto por que senão havia o perigo de comprar mais alguma “besteirinha” para Romeu, já que ele tinha muita coisa.

¹⁰³ Da mesma forma que elas usaram as preferências dos animais para os descreverem, utilizei essas informações para pensar em presentes, aqueles bens que compramos para outros do qual nos importamos ao ponto de presenteá-lo, seja em uma situação ritual, como o aniversário, seja em outra circunstância em forma de *mimo*, *agrado*.

¹⁰⁴ O local depois foi modificado para o Shopping Seaway, espaço que as tutoras costumam frequentar por ser aceita a presença do animal de companhia.

apartamento em que vive com o marido, Priscila sugeriu um cone ou um pequeno hidrante na estrutura de uma grama artificial; questionei onde Ayla fazia suas necessidades, “no tapetinho”, afirmou Priscila. Blue também faz no *tapete*, continuou Rafaela, mas, como não se trata de um *tapete especial*, ele faz em qualquer *pano* que encontrar pelo chão; para solucionar esse problema, Bruno, *pai* de Ayla, sugeriu usar o “pipidog¹⁰⁵”, muito embora *não tenha funcionado* com Ayla, completou.

Ayla estava de vestido, Blue com uma camiseta social¹⁰⁶ e Romeu vestia uma pequena camiseta preta com o emblema do *batman*, bem com sua tutora, e o namorado da tutora¹⁰⁷. Juntos, funcionavam como uma unidade, possível de ser reconhecidos por causa da vestimenta idêntica que compartilhavam.

Atribuir parentela entre humanos e não humanos em uma relação familiar é operar em uma analogia, uma metáfora. Aqui estamos tratando do que Osório (2016) diz ser uma das características da tendência em apresentar-se como parente do *pet*: além do antropomorfismo, a inserção do animal em rituais familiares.

Era uma sexta-feira à noite e estava chovendo. Algumas pessoas estavam preocupadas se conseguiriam chegar a tempo¹⁰⁸ por causa do trânsito intenso, gerado devido ao protesto que bloqueava uma via importante da cidade como efeito da greve geral deflagrada nacionalmente¹⁰⁹. Devido à chuva, ao protesto e a qualquer outra situação que impossibilitava a presença dos convidados, o que estava sendo comunicado entre eles no contexto *online*, ainda assim algumas pessoas compareceram ao *auniversário*, *offline*¹¹⁰.

Quando cheguei ao shopping, alguns minutos após o horário que havia sido estabelecido para a festa, olhando em volta, não via atividades que envolvessem cachorros. Não havia ninguém sentado nas mesas que ficam na área externa. Fui em direção ao centro do shopping e ouvi latidos. Sendo guiada por eles, encontrei os demais participantes da comemoração em um ambiente de festas no centro da área interna. O espaço não era muito grande, correspondia a metade de um círculo, tinha mesas empilhadas, um balcão que contornava todo o semicírculo,

¹⁰⁵ Termo usado pelo tutor ao se referir a marca de um produto que reproduz o odor do xixi para atrair o animal fazer suas necessidades em alguma lugar específico que se deseja.

¹⁰⁶ Que depois descobri ter sido tomada de empréstimo por Carina, de seu *pet* mais velho que não *sai* de casa.

¹⁰⁷ Presente de uma tia para a tutora.

¹⁰⁸ Conversas *online*.

¹⁰⁹ Protesto este que não foi mencionado durante toda a festa, a não ser uma única vez como sinal de incômodo em um dia comum de trabalho.

¹¹⁰ Digo *offline* por já ter acompanhado através do Instagram *auniversários online*, na troca de homenagens e fotos de presente e dos outros *pets* convidados.

e na parede que dividia aquele ambiente de outro, uma pia e outro balcão menor. No balcão menor estavam depositadas mochilas com *bottons* na temática *pet* e que guardavam as coisas referentes ao tutor de cada *pet*. Cada mochila dessa funciona como repositório de *coisas* que as pessoas *precisam* carregar consigo quando levam seus *pets* para passear. Petiscos, potes para água e comida, como os que estavam depositados no chão do ambiente de festas. Além de outros acessórios que jugam ser necessário estar na mochila.

Ayla, Romeu, Blue e Stich já haviam chegado com seus respectivos tutores, Priscila e Bruno, Carina, Rafaela e Bárbara. Todos me receberam com animação: abraços, sorrisos, latidos, lambidas. Exceto por Stich que estava apenas com uma coleira do qual a alça estava amarrada, como um cinto, em sua tutora, todos os outros cachorros estavam vestidos. E por esta razão, o *pet* não interagia muito com os outros *pets* e as outras pessoas, estava sempre ao lado de sua tutora, onde quer que ela fosse.

As pessoas conversavam entre si e com os *pets*, utilizavam vozes diferenciadas para se referir a eles e tentavam fazer com que eles interagissem entre si¹¹¹. Soava como ambíguo o estatuto do animal de companhia, como se estivesse no meio do caminho entre humano e animal, flutuando. Embora as pessoas estivessem operando em um ritual no qual estavam aparentemente familiarizadas, algumas adaptações precisaram ser gerenciadas.

Foi possível perceber isto, primeiro, na mudança de local. As poucas possibilidades de fazer o aniversário em um espaço público que aceite a permanência do animal de companhia limitou a busca para outros locais: ao descartar o Arena das Dunas, já que o aniversário seria antes do previsto, e o Arena só abre ao público aos domingos, o outro local em que poderia realizar-se esta comemoração era em um shopping na zona sul da cidade, com espaço mais aberto ao ar livre, mas também poderia ter sido realizado em espaços *pets*, como o que existe em outro shopping da cidade, daqueles com ar-condicionado, ao lado do único *pet shop* locado em estabelecimentos deste tipo. Porém, por uma escolha dos tutores, aconteceu no shopping ao ar livre.

Segundo, na bancada externa havia fotos dos *auniversariantes* e dois bolos, um de chocolate, que imaginei de imediato que seria para o consumo humano, e outro amarelado, conservado ao lado do outro bolo. O bolo de chocolate estava decorado, a seu redor havia docinhos e refrigerantes. Perto do bolo para o consumo *pet* havia potes com frutas cortadas, que

¹¹¹ Principalmente para tirar fotos.

pouco foram oferecidas aos animais. Fotos dos *pets* coladas em palitos decoravam e davam o tom daquela ocasião.

Figura 27: Mesa de bolos dos aniversariantes.

Um bolo especial para os *pets* precisou ser produzido. As tutoras tinham o contato de um prestador de serviço que havia se especializado em fazer bolos deste tipo¹¹², para ocasiões como esta. E também foi preciso contatar outro prestador de serviço para que se produzisse o bolo e os docinhos para o paladar humano.

Todas os *pets* tiraram fotos juntos, depois o *pet* aniversariante e sua tutora tiraram fotos individuais com cada participante da festa; Ayla e Blue tiraram fotos juntos, como *naumorados*. Cantamos os parabéns como se faz nos aniversários de criança; muita animação e latidos. Os bolos foram separados. Enquanto comíamos o bolo de chocolate, os *pets* comiam o seu bolo. Comiam pedaços inteiros mais rápido do que mastigávamos os nossos pedaços, e depois sentavam, latiam demasiadamente para o

local em que estava o bolo ou para o tutor que o havia entregue, e ganhavam novos pedaços até que seus tutores achassem suficiente e não o desse mais, na maioria das vezes, justificando que já haviam comido demais.

Mais um *pet* chegou, o Yorkshire Biby¹¹³, com sua tutora portando presentes para ambos os *pets*. As tutoras dos *auniversariantes* agradeceram, disseram não ser preciso, e guardaram os presentes junto às mochilas. Ela sentou mais adiante e fui conversar com ela e interagir com o *pet*. Biby é muito *dado*, disse sua tutora enquanto ele já estava deitado no chão recebendo meus carinhos. Além de *dado*, Biby *gosta muito de ir à praia*, por isso ela e o marido vão com frequência, tiram fotos e fazem vídeos, “depois olha lá no Instagram”. Entre mundos *online* e *offline*, fiquei curiosa para conhecer o Instagram de Biby, e sua tutora tinha toda razão: se as

¹¹² O sabor escolhido foi o de frango, já que “eles (*pets*) gostam”.

¹¹³ Não conhecia a tutora de Biby, fomos apresentadas naquela ocasião e também haviam se conhecido através do Instagram.

fotos na praia representam a interpretação que a tutora está lendo do que subjetivamente o animal prefere como lazer, Biby vai com frequência à praia. E, mais uma vez, vemos a tendência em descrever a personalidade do *pet* a partir de categorias como gosto e preferências.

Percebi que Blue estava com uma coleira diferente da que ele havia usado nos nossos últimos encontros. Perguntei se havia sido presente, e sua tutora confirmou que havia comprado especialmente para o aniversário, mas que ele também estava precisando de uma nova; Bruno sugeriu “deixar mais apertado”, “mas tenho medo de machucar”, disse Rafaela sem modificar o tamanho da coleira.

Ao questionar a utilidade/funcionalidade daquele bem, o uso da coleira, naquele contexto, onde o *pet* era um dos personagens principais, funcionava muito menos como utilidade e mais como acessório. Além de ter sido oferecido como presente, o que marca o momento de transição de idade e celebração de sua existência na família, compartilhado por uma rede de contatos *online* e *offline*, a motivação para a compra também revela a insaciabilidade por novos bens, produtos e serviços sobre o qual Campbell (1986) se refere quando trata do consumismo moderno.

Perguntei a Rafaela se o marido dela não pôde comparecer, e ela afirmou que ele preferiu ficar em casa. O namorado de Carina, que até então não tinha conhecido, ficou apoiado no balcão pelo lado de fora. Apenas o marido de Priscila representava a porção masculina dos tutores naquela ocasião.

Troquei algumas palavras com o namorado de Carina, do lado de fora do ambiente da festa, já que ele interagiu menos dentro do local e entre as outras pessoas e *pets*. Embora estivesse lá, representando a família do *pet*, vestido para ocasião, dizia-me que “essas coisas é a Carina que organiza”, quando perguntei como havia sido os preparativos para a festa.

Havia muita agitação entre os cachorros, eles estavam sempre ao lado de seus tutores, e não pareciam entender muito bem do que se tratava aquela reunião. Rafaela comentava sobre o comportamento mais sociável de Blue como um reforço positivo à castração¹¹⁴. Em determinados momentos, dada a euforia dos *pets*, as guias se entrelaçavam e davam nós entre as pessoas. Por diversas vezes Rafaela me pediu que segurasse Blue para que ela pudesse comer

¹¹⁴ A maioria dos *pets* com quem mantenho contato, são castrados ou serão, havendo uma preocupação por parte dos tutores com a higiene e saúde dos animais.

ou tirar fotos. Ao final, pediu-me novamente que ficasse com Blue até que ela e Carina arrumassem o local da festa para que pudéssemos ir embora

A festa parecia ter uma estrutura pré-definida, mas as pessoas precisaram adaptar-se a que papel executar. Os tutores dos *pets* comportavam-se com pais e mães de crianças. Prepararam-se para aquela ocasião com antecedência, demonstrando o quanto a data lhes é importante, e estenderam sua preparação para seus animais de companhia, produzindo-os para o ritual familiar, de celebração e de identidade, munidos de roupas, acessórios e presentes. Ali, os vínculos foram reafirmados, as identidades renovadas, a comemoração trouxe novas possibilidades para aqueles animais que não haviam passado por tal ritual. Inseridos no grupo, provavelmente serão convidados para outros *auniversários*, do qual comparecerão investidos de certa formalidade e pessoalidade, bem como seus *pets*.

4.3.1. “não quero pensar nisso agora”

Assim como Priscila, Lurdes contou, ainda em nossa primeira conversa, que não é natural de Natal, veio com o marido para a cidade depois de uma transferência do trabalho dele. Quando chegou aqui, longe da família e amigos mais próximos, trouxe um mini papagaio consigo, um dos filhotes de seus outros animais, mas o animal morreu depois de um tempo. Passou-se alguns anos e Lurdes disse ter *sentido a necessidade de dividir sua vida com um novo animal de companhia*, como não se interessa pela ideia de comprar um animal, embora já tenha ganhado de presente animais que foram adquiridos, escolheu a adoção. Seu marido, no entanto, não gostou muito da ideia, afirmava, segundo Lurdes, que o animal daria trabalho. Lurdes insistiu, decidiu procurar por conta própria. Achou uma feira de adoção e foi lá que encontrou Bob. Segundo narrou,

“Só que daí eu tenho uma amiga lá em São Paulo que ela tinha um cachorrinho, um York pequenininho. Que esse cachorro ela ganhou, já adulto, de uma pessoa que ia viajar e deixou o cachorro com ela. E ela se apaixonou por ele. Mesmo a algum tempo quando eu já tava aqui, ela postou uma foto no Facebook dela de um cachorro que ela resgatou, quase morto, depois de 2 meses o cachorro tava lindo maravilhoso. Ela é apaixonada por ele. Falei ‘Quer saber? Não vou comprar nada. Eu vou adotar’ Só que eu não conhecia ninguém aqui em Natal e fui eu descobrir como é que eu podia. Aí comecei a procurar na internet. Porque como eu não conhecia ninguém e eu já tinha meu Instagram e meu Facebook sempre fez parte da minha vida, era forma de eu estar mais próxima da família. E eu comecei a procurar e um dia eu passei por um hospital aqui de trás. O hospital... Depois eu lembro o nome. Eu pensei assim ‘hospital de bairro deve ter gente atrás de adotar cachorro’.”

O exemplo de sua amiga a incentivou entrar em contato com o hospital, que indicou uma protetora de animais, como explicamos no capítulo anterior no tópico sobre adoção. O animal

estava muito debilitado, e ela afirmou ter gastado muito com procedimentos veterinários, remédios, vacinas etc., mas, em suas palavras, *era preciso o gasto*, por isso diz não ter se arrependido de tê-lo adotado. Na medida em que conversávamos sobre suas primeiras experiências inserida no universo *online/offline pet* local após a adoção de Bob, contou que

“E foi o Pitoco que eu conheci lá no hospital no tempo que o Bob tava ainda fazendo já a recuperação dele e o Pitoco tava inda, que foi quando o Pitoco começou ter as primeiras... Problemas de saúde dele, sabe? Ele tava com uma infecção urinária. O Pitoco faleceu. Acho que ele morreu faz dois anos. Aí, nossa. A Lili ficou passada naquela época. E aí conhecendo a Lili... Conheci a Lili com Pitoco e Fiona, conhecia a Juliana que tem a Juli. Conheci as meninas de Pet Delicate que tem a Malu. Conheci a Luana que tem hoje a Frida e a Bianca. E uma outra...”

Além das conexões feitas entre outros tutores, a questão da morte do *pet* aparece com um ponto de empatia entre tutores. Segue o relato:

“Ah.. Pitoco e Fiona que eu comecei a seguir logo que eu vim para cá que eu já tinha Instagram, eu acho. Que era um dos Instagram que eu mais amava. Gente, ela era muito fofa com aquele Pitoco e aquela Fiona. E o Pitoco morreu ano passado, acabou com a vida dela”

A partir dessa experiência vivenciada por outra tutora, perguntei a Lurdes como ela precisou lidar com uma situação similar, já que havia, como foi narrado no início do tópico, vivenciado a perda de um *pet*, e por isso, segundo a tutora, se sentiu desestimulada a conviver com outros animais por um tempo, até adotar o Bob. Contou sobre um cão, da raça pastor alemão, que foi dado por seu pai, que considera ser seu primeiro *pet*, pois indicou que foi a primeira vez que um animal passou a conviver com sua família dentro de casa, e não somente no quintal, “então acho que há 20 anos a fase *pet* começou na nossa casa. Porque daí o quintal já era integrado com a casa aí então o cachorro já tinha acesso.”. Conta que,

“ele fazia tudo que eu mandava. Tudo. *Eu era apaixonada por ele*. E a gente viajava muito pro interior pra visitar a família né? E numa dessas viagens quando a gente voltou, ele tava vomitando sangue. Deram carne com vidro pra ele. Foi a coisa mais terrível. Foi a primeira perda assim né? Que eu lembro que meu pai, meu pai também sempre gostou muito de animal. Então assim, todos os animais da minha casa sempre foram mais apegados a mim e a meu pai. Sempre.”

Em seguida, contou sobre um casal de pássaros australianos que ganhou de amigos e criou durante alguns anos e que quando deram cria alguns recém-nascidos morreram: “e ele já devia ser meio doentinho (um dos pássaros). Ele não durou nem um mês. Nossa. Passei... Porque assim, eu amo animal né? Então assim, passei mal, ‘que tristeza, eu não soube cuidar dele’”. Em outro relato, vemos como a empatia e afeto pelo animal, quando de sua perda, atinge o tutor, não somente pelo sentimento de luto, ao ter perdido um ente, e não só ao ponto de questionar a

si mesmo como humano responsável pela manutenção da vida do animal, mas ao criar estratégias como a que criou o pai da tutora para poupá-la de sofrer.

“Ela morreu (pássaro australiano). Quando eu cheguei em casa meu pai já tinha dado um fim nela. Ele enterrou. Porque ele não queria que eu visse, porque ele sabia que eu iria passar mal, porque ia ficar chateada, triste. Ele mesmo deu um jeito nela. E eu ‘porque que você fez isso?’. Mas até que foi bom. Eu não sofri... Porque assim, o que os olhos não veem o coração não sente, é uma verdade”.

A conversa seguiu por outros caminhos, e quando da visita na residência da tutora Lurdes, ao retomar o assunto, perguntando sobre a possibilidade da perda do seu *pet*, respondeu, “não quero pensar nisso agora”, e preferi não insistir. Em outra ocasião, a tutora Priscila também preferiu não comentar sobre a possibilidade da morte de seu *pet*, e, mais uma vez, preferi não insistir no assunto. Na visita que fiz à residência de Liebermann, não diferente dos outros tutores, quanto toquei no assunto da perda, também não se sentiu confortável com a pergunta: “Graças a Deus, não. Graças a Deus. Nunca”, disse. Como ele nunca havia passado pela experiência, perguntei se já havia pensado sobre o assunto, insistindo na pergunta com certo receio, o tutor afirmou que “Já. E caramba... Meu Deus do céu. Não imagino, assim... Eu fico... Caraca”. O tutor ficou aparentemente desconfortável, contudo, continuei o assunto comentando sobre o *crematório pet*¹¹⁵, ele assentiu, “Isso. Tem o crematório. Achei bem interessante. Sim, eu pretendo.”. E continuou,

“Sim. Se algum animal meu chegar a óbito, né? Eu pretendo sim. Eu acho que (...) Não sei. Talvez eu pesquise na internet para saber qual é a melhor forma. Se... Sei lá qual a religião. Eu não tenho nenhuma religião, eu só acredito em Deus e assim... Não tenho nenhuma religião para seguir. Eu queria ver alguma crença assim... O que é... Se tem algum benefício, se é melhor enterrar, se é melhor cremar, se é melhor para a natureza.... Porque se você coloca aquele corpo ali no chão, é melhor você deixar aquele corpo lá no chão enterrado para os bichos comerem ou é melhor você chamar e soltar em uma...? Eu não sei, eu vou ver. Depende.”

Questionei ao tutor do que dependia, e sua resposta foi “depende do meu bolso também. Entendeu?”, e continuou, “Tem um animal que já faleceu, um yorkshire que ele gostava muito... Eu sempre esqueço o nome da praia. De uma praia aí. E aí ela (tutora) cremou ele e soltou na praia.”

O *pet* ao qual o tutor Liebermann se referiu é o Biby, o yorkshire que participou da festa de *auniversário* que narrei no tópico anterior. Após aquela ocasião, passei a seguir o *pet*, e até pretendia conversar com sua tutora, já que ela fazia parte do grupo de tutores que se conheceram

¹¹⁵ O crematório pet é uma iniciativa do Grupo Vila, responsável por uma rede de cemitérios e centro de velórios em Natal e em outras cidades do Nordeste. O serviço direcionado para os animais de companhia é recente e é o primeiro deste tipo a atender ao estado, embora a cidade tenha um cemitério para animais. A proposta do crematório incluiu um plano que o tutor paga mensalmente para que quando da perda, o animal seja velado e cremado, dando, dessa forma, assistência não só ao animal, bem como à família.

online e estabeleceram uma relação *offline*. No entanto, através do Instagram, em uma postagem em que o animal estava sendo velado, e ao ler o texto publicado no perfil, que contava sobre seu falecimento repentino, e de como aquilo havia afetado sua tutora, decidi não conversar com ela, imaginando que seria um assunto que, naquele momento, seria muito difícil para lidar, e eu mesma não saberia como trazer leveza para o momento de luto que a tutora aparentava atravessar¹¹⁶.

Continuei seguindo o perfil, que foi mantido pela tutora, e vi as fotos que representa o momento que o tutor Liebermann se refere, das cinzas serem jogadas na praia, por ser esse o lugar que a tutora considerou afetivamente conectado à subjetividade do *pet*, como me contou no *auniversário*, que Biby gostava muito de praia.

De acordo com Lewgoy *et alii*¹¹⁷,

Essa pessoalização dos animais pode ser percebida em sua “filhotização” (Ingold, 2000), mais acentuada na exacerbação da maternagem, na extrema sensibilidade para com suas necessidades e cuidados, na ampliação de especialidades veterinárias e “humanização” de seus cuidados, chegando-se ao ponto de se criarem instituições para lidar com a morte dos animais. (2015, p. 78)

A relação de cuidados, como pudemos ver, não se limita aos cuidados referentes à manutenção da vida do animal, se estende ao universo de sua morte. O crematório *pet* surge como resultado do processo da relação de proximidade entre tutores e *pets*, bem como a tendência da humanização dos animais não humanos ao serem incluídos também em nossos rituais, inclusive fúnebres, dada as devidas adaptações, é certo.

4.4. ANIMAL DE COMPANHIA COMO SUJEITO *PET*?

O viés sobre o qual pretendo discorrer toma, a princípio, o animal de companhia como ator social, no sentido de posicioná-lo em rede, pois o que interessa de fato é o processo de construção do estatuto do animal de companhia no momento em que desloca na curva do social entre outros atores, seja eles humanos ou não humanos.

Em *Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede* (2005), Latour sistematiza algumas das principais controvérsias ligadas a esta teoria, no que ele trata por cinco fontes de incertezas. Na segunda fonte de incerteza a proposição de Latour é a de que a ação é assumida. Quer dizer, a ação é pensada não como um ato e sim como um evento. Os actantes

¹¹⁶ Pessoalmente, já passei por situações de perda de um animal de companhia e, pela minha experiência, julguei que a tutora não se sentiria confortável para falar de sua relação sem se sentir mal com isso, pelo menos nos primeiros meses.

¹¹⁷ Ver LEWGOY, Bernardo. SORDI, Caetano; PINTO, Leandra; 2015.

não estão esperando um ponto definido ou um movimento específico para entrar em cena. De modo que, na terceira fonte de incerteza, Latour afirma que *os objetos agem*, e agem pois são dotados de subjetividade, por isso não implicaria aplicar a noção de intencionalidade. Assim, humanos e não humanos estariam localizados em cena como sujeitos e objetos, entrelaçados à ideia de associação e redes. Pensar que os objetos estão agindo em uma série de ações nas redes significa recuperar nas descrições os muito actantes que estão agindo nos eventos e produzindo aquilo que estamos habituados a chamar de social.

Vejamos duas ocasiões. Na primeira, ainda sobre a primeira conversa no Arena, Bárbara, ao entrar no assunto sobre o direito dos animais, enquanto estávamos sentadas conversando mais informalmente, diz “*eu vejo ele, Stitch, como uma pessoa*”, e enfatiza que o poder público ainda tem muito o que mudar para *respeitá-los*. Em outro momento, no encontro seguinte, no Arena das Dunas, com os tutores de Ayla e a tutora de Blue, convidados para o passeio, um senhor nos abordou, enquanto conversávamos, para perguntar se Ayla *mordia*, já que seu neto gostava muito de *animais* e queria interagir com o *pet*. Os tutores logo afirmaram que se trata de um *pet* muito dócil e que já havia participado de eventos terapêuticos para crianças com câncer e havia se dado muito bem com elas¹¹⁸. O Senhor justificou que seu neto, que estava perto, gostaria de se aproximar, mas estava com medo, por isso havia ido perguntá-los sobre o temperamento do animal. Novamente os tutores o tranquilizaram e promovendo a aproximação entre a criança e Ayla, que se acariciaram por um tempo, até que outros parentes dos tutores chegaram e Ayla voltou sua atenção para eles.

Primeiro vemos que, ao atribuir aos animais não humanos o movimento de ator em uma série de ação enredada no drama social, talvez seja possível levantar uma questão que já foi levantada anteriormente como preocupação do feminismo da década de 1970, quando seu crescente interesse despertou atenção na antropologia e proporcionou o ataque ao viés masculino da disciplina, desmembrando-se, inclusive, em uma subdisciplina, tal qual a antropologia feminista, sobre como são constituídas *noções de pessoa*. O que implica – caso possa – serem atribuídas aos não humanos?

Claro que a afirmação de Bárbara não significa que de fato ela esteja atribuindo todas as características similares àsquelas que atribuiria a uma pessoa humana; e quando diz que *vê*,

¹¹⁸ Momento este que Priscila narrou com preocupação. Disse que se sentiu apreensiva com a reação que Ayla teria para com as crianças que, segundo sua interpretação, estavam numa situação de fragilidade. Mas, como ela própria colocou, *o medo era nosso, não dela. Ela se saiu muito bem, na verdade*.

coloca sua experiência em primeiro plano, independentemente de como outras pessoas humanas pensam seus animais de companhia.

É recorrente ouvir as pessoas humanas, seja no Encãotro, em outros eventos, na conversa informal com adestradores, referir-se ao *pet* de companhia como *filho(a)* e/ou *quase uma pessoa*, apontando um ou outro elemento de sua personalidade, como a forma que se comporta e o papel que exerce como membro da família, que justificaria tal afirmação.

O que nos leva ao exemplo seguinte, quando a condição de animal do sujeito *pet* é vista em primeiro plano por outros humanos, que não aqueles que convivem com o *pet em família*. O que acaba por colocar em perspectiva a expectativa sobre o comportamento do animal, que precisou ser desconstruído, não só através da experiência dos tutores com aquele animal, mas levando em conta a própria experiência do animal com outras pessoas humanas, especificamente com crianças. Na sequência que se deu após a família dos tutores terem se aproximado e o senhor ido embora, uma parente perguntou a Priscila quem eu era, e ela respondeu que se tratava de uma estudante que estava pesquisando sobre *animais de estimação*¹¹⁹, e a moça sugeriu “então você pode me explicar porque a gente é tão apegado a eles? Minha gata é como se fosse uma pessoa, só vendo!”. Disse à moça que *não tinha explicações*, que *estava observando e tentando interpretar esta relação*, e ela não pareceu satisfeita com minha resposta, “deve haver alguma explicação!”, insistiu, mas não soube dizer-lhe qual, “pois quando souber, quero saber”, concluiu.

Insistindo nos rastros do feminismo, naquilo que aponta Marilyn Strathern ao apresentar as afinidades e dissonâncias entre antropologia e feminismo, a disciplina forneceria ao empreendimento feminista dados interculturais que seriam bons para pensar. O estudo sobre as mulheres se apresenta como uma *perspectiva transformadora*, portanto transformando o currículo existente, bem como revisando noções sobre perspectivas “objetivas” ou “normativas” (STRATHERN, 2009). O feminismo estaria operando uma ruptura de paradigma, e pensar sobre “paradigmas” se configura como sendo um esforço consciente para estabelecer um novo objeto de estudo. Para Strathern (2009),

O mundo social é concebido como se fosse composto de pessoas que são basicamente semelhantes, porém divididas entre elas mesmas por interesses que geram, de fato, conflitos; mais do que isso, a “lógica social” permite pontos de vista contraditórios. A prática investigativa, que diz respeito à constituição deste mundo social, reproduz internamente esta diferenciação. Seria inútil procurar uma homogeneização ou reconciliação de todos os pontos de vista; [pois] não pode haver, nesse sentido, uma

¹¹⁹ Termo usado pela tutora.

visão de mundo comum. Antes disso, o que constitui o mundo social é a natureza das relações entre diferentes visões definidas por diferentes posições sociais (2009:95).

Na tentativa de indagar o social, a noção de pessoa, enquanto *construção*, pode ser resultado das relações distintas, não somente entre pontos de vistas, mas também por diferentes posições que se ocupa em rede, uma diferença que marcará a diferença do *outro*. Se, dessa forma, o que constitui a *pessoa* é sua diferença em relação a outra, ou *outros* – quando a tutora diz que seu *pet* é uma *pessoa* a partir de sua própria experiência –, significa que os humanos estão marcando sua diferença enquanto pessoa em relação ao seu *pet*? Neste caso, é em relação a si mesma que Bárbara se refere ao *pet* como pessoa? E o que os torna, definitivamente, diferentes?

Na obra *O gênero da Dádiva*¹²⁰, Strathern (1988) afirma que o livro não se trata somente sobre a Melanésia, “é também sobre os tipos de aspiração à compreensão que a antropologia pode e não pode ter” (2006, p. 23). Quando trata da relação entre os indivíduos, Strathern aponta,

Para serem individuadas, as relações são primeiramente conceituadas como duais e, então, a entidade dualmente concebida capaz de separar uma parte de si, é dividida. A causa propiciadora é a presença de um outrem diferente (2006, p. 43).

Diante dessa perspectiva, a pessoa deriva de múltiplas identidades, podendo transformar-se em um *indivíduo* composto por elementos tanto masculinos quanto femininos distintos – como no caso que é analisado pela antropóloga –, ou poderia também o ser por elementos humanos e não humanos – no caso que é analisado por mim –?. Na medida em que o gênero é o meio através do qual essas visões se realizam, ele pode ser também formado por elas, afirma a autora.

Assim, se ao vestir os *pets* *apropriadamente* ao gênero que representam socialmente, significa que através do consumo os valores dos humanos podem se reproduzir nos animais de companhia, esta seria a importância de se investir no animal com um gênero social dual e/ou justificar seu comportamento sociável para os outros humanos? Os valores humanos? Mas, qual a validade dos valores humanos para os animais de companhia? Não havendo tal coisa, os animais e os humanos *aprendem* a viver em sociedade, através das famílias, em uma experiência coletiva capaz de criar subjetividades, mediações com outros profissionais e conhecimento.

¹²⁰ Obra que enfatiza o gênero em uma análise que questiona tanto as premissas feministas quanto as antropológicas e como, em seu próprio contexto, seria possível a antropologia responder ao debate feminista. A autora adota o projeto feminista de desvendar como o imaginário de gênero organiza conceitos e relações.

Se a construção da noção de pessoa atribuída aos animais de companhia parte da relação de *diferenciação* e de *experiência* por ambos, animais humanos e não humanos, que estou levando em conta, ela só se mantém, a *noção de pessoa*, nesse contexto investigado, na medida em que é negociado entre as redes que se aproximam, e os aproximam, e, portanto, os constitui e os movimenta.

Partindo da dicotomia sociedade/indivíduo, Strathern propõe o abandono do conceito de sociedade para o conceito de socialidade, o que possibilitaria perceber a maneira pela qual as pessoas estão *acontecendo* num *tornar-se* através das relações, ou seja, se constituído (des)continuamente. A autora desenvolve uma *noção de pessoa* que não é plural e nem singular, sua construção depende de que impacto com o outro diferente gera. Então, aqui, não se tratou somente de atribuir pessoalidade ao animal, mas perceber que o dispositivo de *pessoa* também está sendo moldado a partir da relação de proximidade *afetiva* com o animal de companhia.

Ao meu ver, talvez não seja possível atribuir ao animal de companhia a habilidade de diferenciar-se do outro em um processo de tomada de consciência de si e entender-se como sujeito, pessoa, coisa ou objeto. Contudo, se os *pets* são sujeitos, pessoas, coisa ou objeto, é só através – ou não – da perspectiva antropomórfica, tanto na esfera pública como privada, que ao animal é atribuído o potencial de sujeito, pessoa, coisa ou objeto, permitindo ou não seu acesso ao social. Como quando a tutora que entende aquele animal, do qual compartilha sua vida, como *pessoa*, toma como referência a perspectiva de pessoalidade, de diferença e experiência.

O impulso do ensaio *Becoming Persons* (1991), de Tim Ingold, é o de contestar a especificidade ontológica do social. E mais uma vez, estamos tratando da superação de dualismos na *noção de pessoa*, proposta pelo autor, que pretende superar não só a dualidade natureza/cultura, mas também mente/corpo. *Tornar-se pessoa* é, para Ingold, um processo integral de tornar-se organismo, um processo que reúne as relações sociais na estrutura de consciência, na estrutura do ser¹²¹. É como se a pessoa *surgisse* da experiência, ou da *diferença* com o outro, como aponta Strathern, tornando apto, experiente, de acordo com seu processo de desenvolvimento. A socialidade, potencial gerador de um campo relacional, nesse sentido, precisa ser acionado, pois é o que oferece os contornos desse “tornar-se pessoa” - e, diria agora,

¹²¹ Outro recurso capaz de proporcionar a superação das dualidades é o *engagement*, espécie de elemento que dissolve a separação natureza/cultura, organismo/pessoa. Ingold acredita que a *experiência perceptiva* é o meio pelo qual as pessoas se envolvem e se engajam uma com as outras, entrando em contato com o mundo através das percepções, e sendo esta, bem como o aprendizado, um dos elementos basilares para a *singularidade da pessoa*.

o *tornar-se pet*, com todo o seu potencial agregador e interacional que pode ser evidenciado no caso de Ayla, que embora não acumule alguns pares de anos como parte da família de um casal recém-casado, pode muito bem representar os contornos e impulsos para a construção de socialidade, subjetividades, em redes de relações as quais faz parte, junto aos outros humanos, animais, objetos e coisas. O que não significa que será encontrado em todos os casos de relação contemporânea entre humanos e não humanos no meio urbano indício idênticos aos evidenciados na relação entre Ayla e seus tutores.

Porém, é preciso estar atento às controvérsias do *tornar-se uma pessoa*. Este também pode ser entendido como um processo que antecede as representações sociais e que se desenvolve através da percepção e do aprendizado, em um ambiente onde a experiência acontece de maneira interativa e relacional com outras pessoas/coisas/objetos/sujeitos. Quando sugiro que *o pet torna-se* – leia-se *algo* ou *alguém* –, tenho em mente que as representações sociais que o antecedem são geradas em incubadora como forma de expectativas que os humanos atribuirão aos não humanos. Aqui, trata-se de indagar sobre o que implica a esse *outro* não humano ser atribuído habilidades, comportamentos e personalidade sociais que constitui os humanos como exemplar da espécie humana. Se essa pergunta pudesse ser respondida, inevitavelmente, alargaria ou dissolveria os limites entre o social e a humanidade, mas, de fato, esses conceitos não se manteriam intactos.

Nesta perspectiva, o pensamento de Latour e o de Tim Ingold podem ser contrapostos. É ao se pensar a aproximação de marcos teórico entre ambos que também se tornam visíveis seus distanciamentos. Para esses autores a agência não se encerra nas pessoas; pessoas, coisas e objetos agem, é claro. A Teoria Ator-Rede de Latour sugere pensar a agência não concentrada nas mãos humanas, como o autor aplica ao descrever as interações entre cientistas e engenheiros com os objetos no laboratório, e assim pode traduzir a distribuição da agência entre todos os elementos que estão mutualmente conectados em seu campo de ação. A teoria estaria diretamente ligada ao sentido das linhas de conexão, tendo como seu principal atributo a conectividade, sobre o qual Ingold se afasta quando propõe uma linha de fluxos de malhas (meshwork). Para este, as coisas se movem e crescem porque elas estão vivas, não porque têm agência. Dessa forma, a questão da agência emerge da tentativa de reanimar um mundo de coisas já morto ou tornado inerte pela interrupção dos fluxos de substâncias que lhe dão vida (INGOLD, 2012:33). Além do mais, as coisas estão vivas por não serem reduzidas ao estado de objetos. Se tomarmos como verdade a vida das coisas pela agência de objetos, acredita Ingold, estaríamos reduzindo a coisa ao objeto, e a vida a agência.

Nesse sentido, a perspectiva de Ingold foca no movimento e com isto nos processos vitais, e é esta perspectiva sobre o *movimento da vida social*, que me interessa seguir. Ao iluminar a agência ou vida social do animal de companhia como parte de um processo de construção a partir da interação com os humanos, capaz de estender noções de *pessoa* para seus animais de companhia, este tipo de abordagem se torna interessante na medida em que a noção de malhas (meshwork) pode contribuir na direção de traçar o caminho, seguir os fluxos das linhas através dos quais as formas – ou a agência – são gerados.

Com toda essa discussão sobre sujeito, pessoa, coisa, animal, etc, quis com isto, ao *tornar* o animal de companhia *pet*, inseri-lo no processo do social, nos fluxos, nas malhas, em rede, explorando as possibilidades teórico-metodológicas como um esforço que a antropologia vem empregando. Isso porque não somente foi assim que os animais desta pesquisa me foram apresentados pelos seus tutores, como membros da família, integrantes e colaboradores em eventos, bem como se entrelaçaram diante de mim em redes complexas, entre as tutoras, na circulação dos *pets* na cidade, entre lazer e eventos, reuniões de clubes de animais e raças, nos rituais dentre outros fluxos *online/offline*.

Assim como na pesquisa anterior para a monografia havia identificado nos resultados do campo a atribuição de *valor afetivo* aos animais em grupos familiares, que promovia certas negociações sobre o orçamento doméstico na medida em que as preferências dos animais eram levados em conta no ato de consumir bens e serviços para eles, aqui, mais uma vez, esta espécie de *valor afetivo* aparece e oferece o ritmo ao tipo de consumo destinado para os animais de companhia: onde o afeto, o cuidado e as responsabilidades morais são reforçados e colaboram para a construção subjetiva do *pet*. Mais que isso, da produção de um *sujeito histórico*, com *vida social* – dentro de um contexto que ultrapassa o ambiente familiar e que promove sociabilidade, no sentido de Ingold e Strathern –, entre trajetos sociais, produzindo negociações para construção de subjetividades entre os tutores humanos e *pets*.

A antropóloga Donna Haraway (2008) usa a expressão “*cat’s cradle games*” para se referir ao objetivo de seu livro, *When species meet?*, que, segundo ela, é sobre o *emaranhado* em que aqueles que estão no mundo são constituídos em intra e interação. E se *figures*¹²² estão dispostas na terra, todas as coisas, as diversas espécies, podem *tornar-se algo* na medida em que se encontram e interagem no mundo.

¹²² Termo que a autora usa é uma metáfora para se referir aos elementos vivos que estão em interação no mundo. Os entende como nós, ou nós semióticos materiais, onde os significados e corpos são feitos uns com os outros.

A convivência com os animais de companhia em nossas casas, famílias, entre nossos amigos, em lugares públicos, em eventos privados, no mundo *online/offline*, pode estar se moldando e sendo moldada pelas interações e rituais convencionais dos humanos. Além da preocupação com o bem-estar do animal, condenando a “desumanidade” em relação aos maus-tratos, a relação de afeto, de empatia, faz com que o animal como ator possa ser construído e movimentar-se em sociedade, possui agência animal, como sugere Osório (2016). Na medida em que se torna ator social, e passa a ter possibilidade de acesso a direitos sociais ou, pelo menos, possibilidade de acesso *online*, produz redes complexas de relacionamentos e estratégias de construção de identidades complexas entre humanos e não humanos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: criaturas boas para conviver com humanos.

Toda a preocupação envolvida em assegurar o bem-estar e a segurança do *pet*, bem como proporcionar qualidade de vida ao animal em meio urbano, preocupando-se com sua saúde e dando atenção às necessidades básicas do animal, demonstrados através da aquisição de potes para ração e água, e coleiras, por exemplo, quando da descrição sobre as regras para adoção explicitadas pelo tutor Liebermann, ou quando da utilização de serviços como as creches, hospedagens e adestramento, na aquisição de bens e produtos, como roupas e acessórios personalizados que são produzidos pela marca *da Ayla*, por exemplo, ou ainda como participante de eventos, festas, como *cãolaboradores*, mascotes, *digital influencer*, são indicadores de como a relação socialmente estabelecida com esse *pet* demanda cuidados que vão além do afeto, envolvendo relações e práticas de consumo. Inclusive com a inclusão do *pet* em rituais convencionais, o equiparando a um indivíduo em formação, como no relato etnográfico sobre o *auniversário* dos *pets*, que apontam para a construção subjetiva traduzida pelos humanos sobre seus animais de companhia, e reforça a ação mediadora dos humanos em relação aos não humanos, seja *online/offline*, ou na relação de mediação que se estabelece entre profissionais da área *pet*, o tutor e o próprio animal, no caso de aconselhamento comportamental e adestramento.

Vimos os tutores escolhendo e sendo escolhidos por seus *pets*. Compartilhando conhecimento, gerando conhecimento, se educando e sendo educados pelo convívio com o animal. Vimos a criação de evento, e como a mobilização em torno do animal gera protestos e conduz a busca por ambientes em que ambos possam interagir. Também pudemos apreciar a atribuição de valor ao animal, dada a sua posição como membro da família, e sua mobilidade social quando das conexões entre outros tutores e *pets*, *tios*, *tias*, *aumigos* e *naumorados*, por exemplo. Vimos a união entre humanos que nunca antes haviam se conhecido em função da relação com seu animal de companhia. Pessoas que passaram a interagir, colaborar e a se reconhecer umas nas outras. Rotinas precisaram ser modificadas. Visões de mundo foram ampliadas aos tutores em atenção a moral da vida do animal, seja ele seu *pet* ou não. A construção do animal de companhia como sujeito passa a fazer sentido entre os tutores, que os investem cada vez mais de subjetividades, mas não o fazem sozinhos. Outros agentes, instituições, produtos, bens, serviços, profissionais, condições de saúde, dilemas, colaboram no sentido de impingir no animal características singulares, e, com isto, papéis específicos podem vir a ser executados pelos animais, bem como pelos humanos, na medida em que

comportamentos são *consertados*, ajustando ainda mais o *pet* à vida social urbana junto aos seus tutores.

Ainda no Arena das Dunas, perguntei como a tutora Priscila poderia definir a personalidade do *pet*, e ela disse que Ayla é muito *agitada*, que sua principal brincadeira era com a *bolinha*. Voltando para as categorias de fotos do Instagram, *em casa brincando* (20) corresponde bem a esta situação. Na maioria das vezes, Ayla estava interagindo com a bola. Quero dizer com isto que foi através da preferência, do gosto do *pet*, que a tutora definiu a característica principal de sua personalidade, o que se revela como uma tendência que emerge desta relação de proximidade entre humanos e não humanos em contexto de consumo.

E quando se trata do consumo, o fator criativo dos tutores em promover o cuidado, atenção, alimentação e bens de consumo, evidencia o esforço em proporcionar qualidade de vida diferenciada para o animal de sua tutela, levando sempre em consideração as preferências e as recusas, mesmo usando materiais de baixo custo e construindo com suas próprias mãos, como no caso do aquário, gaiolas e *playground* que o tutor Liebermann fez para seus peixes e aves, ou os brinquedos, estrutura do *agility* e adestramento que os adestradores Tathianne e Ênio produzem, até as pelúcias e bolas usadas que as tutoras Priscila e Lurdes ofertam para seus *pets*.

O processo de domesticação proporciona que determinadas criaturas sejam boas para conviver com humanos¹²³, estabelecendo parentescos metafóricos com os tutores, sendo singularizados, inseridos em rituais sociais, possuem seus próprios objetos culturais, cumprem compromissos sociais, interagem *online/offline* através da mediação de seus tutores, também é resultado da época em que vivemos, quando ao humanizarmos e desumanizarmos os nossos animais, o ambiente da família, do afeto humano, *torna-se o habitat* do animal de companhia na contemporaneidade.

O tornar-se *pet* é, senão, resultado de processos de interações entre humanos e não humanos, condição que, embora não seja fixa, proporciona ao animal maior mobilidade social, e desta forma, trilhando uma trajetória social. Ao seguir as pistas sobre a rotina, comportamento, dilemas, dentre outras categorias, vimos o animal tornar-se social a partir da relação estabelecida com a família.

¹²³ VER HARAWAY, 2008.

Ao tratar das construções de subjetividades, não quis com isto estabelecer quais tipos são produzidos, mas ao perceber certas modalidades de atribuição, como a comportamental – aquelas atribuídas em função do comportamento do animal ou *correção* de comportamento através de adestramento –, o empírico – a partir da relação de recusa e aceitação de determinado serviço, produto ou bem –, o afetivo – quando se trata da relação de afeto estabelecida entre *pets* e tutores –, em rede – com relação às complexas teias de relação *online/offline* onde o animal passa a ser representados através da mediação humana –, ritual – no que se refere à inserção do animal de companhia em rituais familiares e fúnebres, como vimos –, e compartilhada – ao tratar-se da construção de subjetividades que não se limita apenas ao não humano, estendendo-se aos humanos atribuições morais em relação ao *pet*, como tutores responsáveis, por exemplo. Dando atenção, dessa forma, ao processo pelo qual há atribuição de subjetividade entre tutores e *pets*.

Outras questões surgem, como sobre o consumo criativo, sobre a personalização do consumo para animais, sobre o crescimento de serviços *online/offline* como o DogHero¹²⁴, sobre a inserção do animal em sensores nacionais, sobre a luta por direitos animais nas redes sociais, o discurso moral sobre o estatuto do animal de companhia, e a própria vida social do animal em suas diversas facetas, dentre outras questões.

Este trabalho também se configura como esforço etnográfico e sugere experimentar outras formas de se produzir o relato etnográfico utilizando o desenho e a fotografia, por exemplo. As ilustrações foram produzidas na medida em que o campo avançava e determinadas situações vivenciadas, ou fotos emblemáticas para a descrição, ajudariam ao leitor se ambientar na experiência etnográfica vivida.

Nada do que foi relatado e analisado aqui é permanente. Humanos e não humanos estão em constante interação, modificando e sendo modificados pelo ambiente em que estão e que criam em colaboração com outros humanos e não humanos. Trata-se de um registro temporal e dinâmico sobre o estado da coisa, dessa relação humano-animal.

¹²⁴ Serviço disponibilizado através de plataforma digital que promove hospedagem e passeios para animais de companhia em casas de anfitriões, ou seja, pessoas que disponibilizam seus lares para receber estes animais por determinado período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Nada além da epiderme: a performance romântica da tatuagem. In BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e políticas de valor. In: *A vida Social das Coisas*. 2008.
- ASSIS, Valéria Soares de; GOUVEIA, Aryane; CARVALHO, Robson Hirae Narciso de. *Os animais de estimação como agentes de consumo*. In: *Consumo e Modos de Vida*. Organizado por Hertz Wendel de Camargo; Sonia Regina Vargas Mansano – Londrina: Syntagma Editores, 2 ed., 2015
- AZEVEDO, Aina. SCHROER, Sara Asu. Weathering: A graphic essay. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.* vol.13 no.2 Brasília July/Dec. 2016.
- BARBOSA, Livia. O consumo nas ciências sociais. In: *Cultura, consumo e identidade*. Organizadoras: Livia Barbosa e Colin Campbell – Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.
- _____. CAMPBELL, Colin. *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BARNES, Redes e processos políticos. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). *Antropologia das Sociedades Contemporâneas*. São Paulo, Global, 1987. 1987.
- BEVILAGUA, Ciméa Barbato; VELDEN, Felipe Vander. PARENTES, VÍTIMAS, SUJEITOS: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e não humanos. (organizadores). Curitiba. Ed, UFPR. SP: Ed. EdUFSCar, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: *Usos e abusos da História Oral*. AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CAMPBELL, Colin. *A Ética Romântica e o Espírito de Capitalismo Moderno*. Trad de Mário Gama - Rio de Janeiro, ROCCO, 2001.
- _____. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In Barbosa, Livia & Campbell, Colin (org). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- DASTON, Lorraine e MITMAN, Gregg. *Thinking with animals: new perspectives on anthropomorphism* / edited by Lorraine Daston and Gregg Mitman, 2005.
- CARVALHO, Roberto Luís da Silva e PESSANHA, Lavínia Davis Rangel. *RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS, ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO, AFETIVIDADE E CONSUMO: ESTUDO REALIZADO EM BAIRROS DO RIO DE JANEIRO. SOCIAIS E HUMANAS, SANTA MARIA*, v. 26, n. 03, set/dez 2013, p. 622 – 637. SORPELL, 2005.
- DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *MANA* 4(1):23-45, 1998
- DOUGLAS, Mary. “O Mundo dos Bens, vinte anos depois”. *Horizontes Antropológicos: “Antropologia e Consumo”*. Ano 13, n. 28 (2007). Porto Alegre: UFRGS/PPGAS, 2007.
- DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O Mundo dos Bens - Para uma Antropologia do Consumo*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 2006 [1979].
- ENNE. Ana Lúcia S. Conceito de rede e as sociedades contemporâneas. *Comunicação e Informação*, V 7, n° 2: pág 264 - 273. - jul./dez. 2004.
- FONSECA, Rui Pedro. A antropomorfização de animais não humanos na publicidade portuguesa: O caso de ‘A vaca que ri’ », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 112 | 2017, colocado online no dia 15 Maio 2017, criado a 15 Maio 2017. URL : <http://rccs.revues.org/6555>

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. 1ed., 13reimpr., Rio de Janeiro: LTC, 2008, p.3-21.

INGOLD, Tim. *Being alive: essays on movement, knowledge and description*. 2001.

_____. *TRAZENDO AS COISAS DE VOLTA À VIDA: EMARANHADOS CRIATIVOS NUM MUNDO DE MATERIAIS*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

_____. "Humanity and Animality", in Tim Ingold (ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Londres, Routledge, 1994, pp. 14-32.

JOY, Malanie. *Why We Love Dogs, Eat Pigs, and Wear Cows: An Introduction to Carnism*. Conari Press, San Francisco, 2009.

KULICK, Don. Animais gordos e a dissolução da fronteira entre espécies. *Mana* vol.15 no.2 Rio de Janeiro Oct. 2009

LATOUR, Bruno. *Jamais Fomos Modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

_____. *Reassembling the Social: an Introduction to Actor-Network Theory*. New York: Oxford Press University, 2005.

LEWGOY, Bernardo e SORDI, Caetano. COSMOLOGIA EMERGENTE OU HUMANISMO EM EXPANSÃO? Animal e cidadania Brasil contemporâneo. *Etnografías Contemporáneas*, Año 3, Nº 4, pp. 156-173.

LEWGOY, Bernardo. SORDI, Caetano; PINTO, Leandra. Domesticando o humano para uma antropologia moral da proteção animal. *ILHA* v. 17, n. 2, p. 75-100, ago./dez. 2015.

MILLER, Daniel. ETNOGRAFIA ON E OFF-LINE: CIBERCAFÉS EM TRINIDAD Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 41-65, jan./jun. 2004

_____. *TEORIA DAS COMPRAS*. São Paulo, Nobel, 2002.

MORAES, Helenara S; MELO, Magda M. A RELAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO E O ANIMAL DOMÉSTICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO FILME MARLEY E EU. *Anais I Mostra de Iniciação Científica Curso de Psicologia da FSG, V.1, N.1* (2014).

OSÓRIO, Andrea. GULOSEIMAS PARA ANIMAIS DE ESTIMAÇÃO: notas sobre afeto, alimentação e mercado *pet*. *Anais do VIII Encontro Nacional de Estudos do Consumo*, Rio de Janeiro, 2016.

_____. Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação. In: BEVILAQUA, C. B.; VANDER VELDEN, F. *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba e São Carlos: Ed.UFPR, Ed.UFSCar, 2016. pp. 53-75.

PESSANHA, L.; PORTILHO, F. Comportamentos e padrões de consumo familiar em torno dos "pets". IV ENEC – Encontro Nacional de Estudos do Consumo: Novos Rumos da Sociedade de Consumo? *Anais do IV Encontro Nacional de Estudos do Consumo*, Rio de Janeiro, 2008.

SÁ JUNIOR, Luiz César de. Philipe Descola e a Virada Ontológica na Antropologia. *ILHA* v. 16, n. 2, p. 7-36, ago./dez. 2014.

SEGATA, Jean. A agência de um projeto, o paraíso vegetariano e outros inconvenientes com a humanidade dos animais de estimação na Antropologia. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 17, volume 24(1): 2013.

_____. O que faz o animal na antropologia? Revista Novos Debates, v. 1, n. 2, 2014.

_____. Resenha de LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p. Revista Ilha. v. 14, n. 2, p. 238-243, jul./dez. 2012.

SEGATA, Jean; LEWGOY, Bernardo; VELDEN, Felipe Vander; BEVILAQUA, Ciméa. Horiz. antropol. vol.23 no.48 Porto Alegre May/ago. 2017.

SERPELL, J. Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behaviour. J R Soc Med. v. 84, p.717-720, 1991

SILVA, Regina Coeli Machado e. A Teoria da Pessoa de Tim Ingold: Mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológico? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 17, n. 35, p. 357-389, jan./jun. 2011.

STRATHERN, Marilyn. O Gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

_____. *An awkward relationship: the case of feminism and anthropology*, publicado em *Signs Journal of Women in Culture and Society*, n. 2, vol. 12, 1987, pp.276-292. Tradução: Mediações, Londrina, v. 14, n.2, p. 83-104, Jul/Dez. 2009.

VELHO, Gilberto & CASTRO, Eduardo Viveiros de. O conceito de cultura e o estudo das sociedades complexas: uma perspectiva antropológica. In: ARTEFATO Jornal de Cultura, Ano I, nº 1. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de cultura, 1978.

WOLF, Virgínia. FLUSH: Memórias de um cão. Tradução de Ana Ban. – Porto Alegre: L&PM, 2014.